

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

JALMIRA LINHARES DAMASCENO FERREIRA

ALFABETIZAÇÃO NAS ONDAS DO RÁDIO: MATERIAIS DIDÁTICOS E PRÁTICAS CULTURAIS



JOÃO PESSOA, 2005

JALMIRA LINHARES DAMASCENO FERREIRA

**ALFABETIZAÇÃO NAS ONDAS DO RÁDIO: MATERIAIS DIDÁTICOS E
PRÁTICAS CULTURAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientador : Prof^o Dr^o. Timoty D. Ireland

Co-orientador: Prof^o Dr^o Walter Pinheiro Barbosa Jr.

João Pessoa/PB

2005

JALMIRA LINHARES DAMASCENO FERREIRA

**ALFABETIZAÇÃO NAS ONDAS DO RÁDIO: MATERIAIS DIDÁTICOS
PRÁTICAS CULTURAIS**

BANCA EXAMINADORA

Profº Drº Osmar Fávero
(Examinador externo)

Profº Drº Antônio Carlos Pinheiro Ferreira
(Examinador Interno)

Profº Drº Timothy D. Ireland
(orientador)

Profº Drº Walter Pinheiro Barbosa Júnior
(co-orientador)

João Pessoa/PB
2005

Dedico especialmente ao universo da Educação de Jovens e Adultos .

Homens, mulheres... ávidos seres de infinita paixão pela vida... ávidos seres de expressão e existência... homens, mulheres e seus destinos. Fontes de inspiração dos poetas, seres de segredos, transeuntes sedentos que corrompem os desejos pelas faltas cujo corpo ainda não se deu conta... amáveis seres indomáveis que povoam com o manto das incertezas as propostas pedagógicas que a escola em seus longos anos ainda não conseguiu concretizar.

*A quem desenhou comigo as primeiras imagens de
palavras...*

*Minha mãe, a professora Malde Linhares
Damasceno, alfabetizadora da campanha
"De pé no chão também se aprende a
ler", que inconscientemente alimentou
com suas histórias de escola e sala de
aula a minha paixão por ser educadora.*

AGRADECIMENTOS

Aos sorrisos de confiança, certeza e admiração que iluminam a minha caminhada ao longo dos últimos dezessete anos das minhas filhas Juliana e Carolina Damasceno, meus eternos e verdadeiros amores.

Aos meus queridos irmãos Jalmar Ronaldo, Jaquelene e Jobson Linhares que compartilham comigo a história de sermos fortes, sonhadores e construtores de audaciosas proezas na vida.

Ao meu pai em memória, homem que com a força de quem não sabia ser doce criou seres carinhosos e com uma infinita disponibilidade para amar.

A Maria de Lourdes Ferreira de Melo, mulher de astúcia e sensibilidade que doma as turbulências da vida com a ternura dos que apenas amam. Minha eterna gratidão.

A Ronaldo Pacheco, homem de olhar brando, sorriso meigo e gestos que me afagaram com amor e desejo, meu eterno carinho.

Ao amigo Josimar Fernandes que me deu a guarida necessária para que fosse possível o término desse trabalho. Um grande abraço.

A amiga e irmã Rossana Kess. Que as diferenças nos fazem próximas e arquitetas de sonhos. Um agradecimento cuja peculiaridade está no estímulo a minha descoberta em ser pesquisadora e na firmeza de me mostrar a racionalidade do tempo de produção como algo também necessário a vida humana. Com carinho o meu muito obrigada.

A minha querida amiga Telma Romão, que me confortou com suas ternas e firmes palavras nos momentos em que a desistência parecia o caminho mais fácil. Com essa linda criatura venho me percebendo um ser mais leve e conhecendo da vida as sutilezas que nos passam despercebidas no meio das emaranhadas fadigas do cotidiano.

Aos companheiros José Edson, Eula Regina e Maria Fernanda outros “estrangeiros” que compartilharam comigo ao longo desse curso de mestrado na cidade de João Pessoa, as alegrias e tristezas dos que desvendam as veredas de terras desconhecidas.

As amigas Patrícia Karla, Maria Betânia e Tadeuza Tatiane, com as quais confraternizo o prazer de ser educadora e compartilho os sonhos como os futuros feitos de nossas vidas.

A minha amiga Gleuda Maria. Menina sapeca e faceira que conhecendo da alma dos mais velhos conseguiu na reta final desse trabalho me tranquilizar se distanciando por dias de sua família para cuidar da estética informática dessa dissertação. Muito obrigada.

As companheiras e companheiros de trabalho do NUPEJA construtores de ideais e paixões:, Deise Clécia, Eline Lúcio, Kátia, Mariana Moreno, Rute Régis, Luanda, Sueli Carau e Sandra Lins.

Ao amigo e poeta Gilmar Leite contador da plasticidade da vida em forma de versos que me possibilitou momentos de riso e contemplação durante o percurso de construção desse trabalho.

Aos alegres momentos que passei aos domingos quando na clausura do final da escrita das últimas linhas dessa pesquisa pude ouvir a viola de Nagero, o dedilhado sensível e preciso de Carlança, o canto irreverente de Tertuliano, as caricatas palavras de Raminho e o lindo repertório musical de Carlinhos. Um beijo a todos.

A Maria da Vitória de Andrade. Secretária do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, pelo seu carinho e atenção durante o processo de depósito dessa dissertação. Com essa mulher pude aprender que o princípio do profissionalismo está no cumprimento do trabalho de forma a atender a peculiaridade dos seres aos quais está direcionado. Muito obrigada.

Aos funcionários do SEDUP que abriram as portas dos seus arquivos e me fizeram conhecer um pouco da história da EJA na cidade de Guarabira. Em especial a professora Márcia Amaral.

Ao admirador da cultura popular senhor José Paulo. Homem culto e sensível que caminhou comigo pelas ruas da Rainha do Brejo paraibano me fazendo perceber suas nuances.

Aos poetas cordelistas e a seu Severino vendedor de cordel que me proporcionou risos e contemplação com as rimas que circulam nas falas ao redor de sua barraquinha de folhetos instalada no recanto da rua da feira de Guarabira.

A Ana Lúcia colega de profissão que com carinho me hospedou na sua casa cuidando para que eu pudesse descansar das caminhadas pela cidade Guarabira em busca dos meus informantes.

Ao Historiador Persinaldo Santos que pacientemente me contou a história da cidade de Guarabira com o olhar dos que a amam como o seu lugar

Meus agradecimentos aos mestres que cuidam e cuidaram da minha formação com a sutileza dos que compreendem os indivíduos a partir da simples certeza de ser estes, seres de incompletudes.

Walter Júnior filósofo de alma poética, o amigo e paciente co-orientador, que mediou o uso das palavras certas sem anular a identidade da minha escrita e vem ao longo dos últimos sete anos me fazendo compreender que os labirintos acadêmicos são feitos para serem desvendados por aqueles que não os toleram.

Timothy Ireland . Orientador desse trabalho cujo respeito a produção de nossas idéias foi um marco decisivo na construção dessa dissertação. Um obrigado repleto de aprendizados sobre a experiência da Educação de Jovens e Adultos.

Sandra Maria Borba Pereira com quem aprendo a cada dia a arte da convivência, da tolerância, da confiança e do amor pelas pequenas coisas compreendendo-as como feitos da incompletude do ser em busca da verdadeira sabedoria.

Rosa Aparecida Pinheiro, mulher de força e paixão, cujas palavras são construídas com as marcas de quem está na história fazendo do mundo e com o mundo o livro de sua existência.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

APRESENTAÇÃO

Trajetória de uma pesquisa.....	11
1.CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DO PROGRAMA ESCOLA DO RÁDIO.....	29
1.2 O material didático na história da alfabetização de pessoas jovens e adultas no Brasil.....	29
1.3 Concepção de método.....	49
1.4 As áreas do conhecimento que inspiraram a investigação.....	53
1.5 As fontes e as estratégias de abordagem do objeto de pesquisa.....	65
2. A RAINHA DO BREJO PARAIBANO: sujeitos lugar e práticas culturais....	80
2.1 Guarabira: entrada e passagem do Brejo Paraibano.....	82
2.2 Guarabira: etimologia, religiosidade e poesia ao pé do rádio.....	86
3. O PROGRAMA ESCOLA DO RÁDIO NO ESTADO DA PARAÍBA.....	113
3.1 A Educação de Jovens e Adultos na Cidade de Guarabira e o Programa Escola do Rádio.....	121
4. O SENTIDO DO MATERIAL DIDÁTICO NA PRÁTICA EDUCATIVA DA ESCOLA DO RÁDIO EM GUARABIRA/PB.....	129
4.1 O material didático do Programa Escola do Rádio.....	131
4.2 O material didático da Escola do Rádio e a sua relação com a formação dos monitores.....	142
4.3 A regionalização como base da organização dos conteúdos no material didático da Escola do Rádio.....	150
NOTAS CONCLUSIVAS.....	175
BIBLIOGRAFIA	

RESUMO

Este trabalho investiga os materiais didáticos do *Programa Escola do Rádio*, uma proposta de alfabetização à distância direcionada a pessoas jovens e adultas implementada no Estado da Paraíba no ano de 2002. A investigação buscou perceber as relações entre as práticas culturais da cidade de Guarabira/PB e os materiais didáticos que os sujeitos alfabetizados fizeram uso. O referido estudo objetivou responder a seguinte questão: os materiais didáticos utilizados pela Escola do Rádio para alfabetizar jovens e adultos ao sugerir a apropriação da leitura e da escrita considerou as práticas culturais do lugar onde vivem esses sujeitos? Nesse sentido, enveredei pela concepção de material didático formulada pelo *Programa Escola do Rádio*, realizando na pesquisa uma discussão sobre método através da articulação entre o objeto desse estudo e as apropriações teóricas que possibilitaram pensar essa análise educacional na perspectiva de abordagem da História Cultural. Esse percurso foi mediado pelo diálogo entre os conceitos de práticas culturais e apropriação formulados pelo historiador Roger Chartier e as proposições teóricas do educador Paulo Freire, sobre a apropriação do conceito antropológico de cultura como formalização da produção do conhecimento na alfabetização de pessoas jovens e adultas. A incursão pelos materiais didáticos do Programa Escola do Rádio me permitiu concluir que a narrativa produzida em torno de sua proposta pedagógica não esteve materializada em sua prática educativa desenvolvida na cidade de Guarabira. O estudo realizado apontou que os materiais didáticos do referido Programa por desconsiderar as práticas culturais do lugar onde vivem os sujeitos que deles fizeram uso, tornou-se um material de leitura apático a produção de um conhecimento acerca da língua que medie a construção de sentidos sobre o seu uso social. Esse fato descaracteriza a relação entre apropriação e produção de cultura, conceitos que fazem do material didático um produto das relações humanas e assim sendo, constituído pelo princípio epistemológico que busca no sujeito e nas suas práticas culturais cotidianas o sentido de sua formulação.

Palavras chaves: *material didático, alfabetização, práticas culturais, apropriação, conhecimento.*

SUMMARY

This essay investigates the educational material of the Programa Escola do Radio (Radio School Program), a long distance literacy proposal directed to youngsters and adults implemented in the State of Paraíba in 2002. The investigation sought to notice the relationships between the cultural practices of the town of Guarabira/PB and the educational materials that the people being taught have used. This study targeted answering the following question: did educational materials used by Escola do Radio, accomplishing in the research a discussion about method through the articulation between the object of this study and the conceptual appropriations that have made it possible to ponder upon this educational analysis from the historic and cultural perspectives. This path was mediated through the dialogue between the concepts of cultural practices and appropriation developed by the historian Roger Chartier and the theoretical proposals of the educator Paulo Freire, over the appropriation of the anthropological concept of culture as means of the production knowledge in literacy of youngsters and adults. The incursion through the educational materials of the Programa Escola do Radio allowed me to conclude that the work produced by its educational proposal was not materialized in its practice in the town of Guarabira. The research point that the educational materials of the program, which did not consider the cultural practices of the place where the individuals used it, became an apathetic reading material when it relates to the production of a knowledge of the language that mediates the construction of the senses of its social use. This fact uncharacterize the relationship between appropriation and production of culture, concepts that make educational material a product of human relations, and therefore, built by the epistemological principle that seeks in the individual and their day-to-day cultural practices the meaning of its formulation.

Key words: Educacional Material, literacy, cultural practices, appropriation, knowledge.

APRESENTAÇÃO

Trajetória de uma pesquisa

“A vida é um real contínuo? Penso, como nos ensina Pierre Bourdieu, em A Ilusão Biográfica, que a vida não é linear, ela é descontínua. Um relato presente de pesquisadora: pesquisa e história de vida não se separam”. (Rosanália.2003)

O objeto de uma pesquisa apresenta-se ao pesquisador após uma trajetória construída por feitos, desejos e leituras que vão desenvolvendo a capacidade de observar os pequenos detalhes, indagar sobre as formas e conteúdos constituindo assim o processo em que se materializa a intencionalidade da investigação.

Nesse sentido, o objeto dessa pesquisa encontra sua gênese na minha prática como alfabetizadora de crianças, iniciada em 1986 na rede municipal de ensino da cidade de Natal. Naquele ano eu estava concluindo o curso médio de magistério na Escola Estadual Presidente Kennedy e tinha sido indicada pela professora de prática de ensino para exercer a função de professora estagiária numa escola municipal da periferia da referida cidade.

O universo escolar configurava-se para mim naquele momento de uma forma diferente, eu que o vinha freqüentando há dez anos como aluna, estava nesse momento assumindo um outro papel ocupava o lugar de professora.

Naquele período, o país vivia os primeiros quatro anos de abertura política após a finalização do governo militar. No cotidiano escolar, a imagem de ordem e progresso instituída como ideologia política pelos militares, ainda se fazia presente

através dos textos nos livros didáticos, das propagandas escolares e das filas em frente à bandeira brasileira ostentada no mastro de metal localizado na frente da escola que ordenava às quintas-feiras o canto do hino nacional.

A nova configuração política de abertura que vinha se consolidando no país desde o ano de 1982 apresentou-se durante todo o meu curso de magistério através dos discursos inflamados contra a ditadura militar nas aulas de filosofia e sociologia educacional. As disciplinas de metodologia de ensino já enfocavam as leituras acerca da psicogênese da leitura e escrita e os textos de Paulo Freire, que abordavam a discussão sobre educação bancária e educação libertadora, voltavam ao cenário de formação dos professores.

Os debates, fomentados pelas disciplinas no curso de magistério, deram origem as minhas primeiras inquietações acerca da prática pedagógica da alfabetização, identificada na sala do Projeto Casulo¹ da Escola Municipal Nossa Senhora dos Navegantes. Nas primeiras semanas de estágio desenvolvi a atividade de observação. Eu não conseguia compreender a necessidade da memorização e repetição das letras, sílabas e palavras em detrimento da compreensão da língua através de seus portadores textuais.

O primeiro contato com a sala de aula foi para mim extremamente desafiador. As possibilidades de elaboração de hipóteses acerca da língua na construção do processo de alfabetização propostas por Emília Ferreiro se apresentavam, naquele momento, como uma teoria da qual eu ainda estava me apropriando. O universo daquela sala de aula revelava-se como algo imenso, um

¹ O Projeto Casulo funcionava em Natal na década de 1980 como um projeto da Prefeitura Municipal de atendimento as crianças da atual Educação Infantil.

labirinto de formas e caminhos conhecidos, porém, percorridos de maneira diferente, com a ajuda de um fio condutor revelado pela experiência dos profissionais que se arriscaram a descobrir as sendas antes de mim.

Agrupados de quatro em quatro em mesinhas de fórmica azuis, lá estavam os meus primeiros alunos. Estudantes do curso de alfabetização do Projeto Casulo. Moradores de um bairro praiano situado na Zona Norte da cidade de Natal. Meninos e meninas bronzeados pelo sol, que adormeciam à noite ao som do balanço das palhas dos coqueiros ritmado pelo vento que percorre o litoral da cidade.

Meninos e meninas, na sua maioria de pés descalços, cobertos por lavra migras e outros parasitas. Senhores de uma oralidade interiorana, conhecedores das fases da lua e do bom tempo para pescar. Filhos da liberdade das marés, sem hora para deitar, sem cânticos de ninar, sem saber muitas vezes de sua origem progenitora.

Alfabetizar essas crianças era a meta do Projeto Casulo, que não possuía nenhum material de leitura disponível, além de uns pequenos cartazes com desenhos estereotipados que formavam as letras do alfabeto. Conversar e perceber o que aquelas crianças conheciam foi a minha primeira atuação como professora.

Dessa forma, a necessidade de buscar os subsídios necessários a construção de minha prática pedagógica, levou-me a conhecer o livro *“A paixão de conhecer o mundo”* de Madalena Freire (1996) . Sobre esse texto, debruicei-me horas a fio, degustei cada palavra, percorri atenta pelas frases que conduziam o

leitor a perceber a importância da construção de sentido no desenvolvimento da prática pedagógica no processo de alfabetização.

Por meio desses primeiros gestos sobre a leitura de experiências realizadas nessa área de ensino, percebi a necessidade do reconhecimento e compreensão do cotidiano das crianças como elemento primordial na construção das possibilidades de alfabetização.

Nesse momento, surge em minha prática como alfabetizadora a preocupação com os materiais de leitura a serem utilizados como mediadores desse processo e a necessidade de pensarmos a existência dos materiais a partir da relação com os sujeitos alfabetizando que iriam utilizá-los.

A atividade como alfabetizadora me levou a estudos mais aprofundados sobre a aquisição da leitura e escrita e a pensar metodologias de trabalho que pudessem contemplar um processo de alfabetização mais criativo, que envolvesse os alunos em práticas pedagógicas mais significativas relacionadas ao uso social da leitura e escrita em suas vidas.

Minha paixão por literatura alimentada ainda nos anos do curso ginásial, pelas leituras realizadas na biblioteca de estilo colonial do Colégio Irmã Vitória situado em Natal, proporcionou-me a construção de um repertório literário que se tornava o elemento propiciador do desejado contexto criativo para as salas de alfabetização nas quais fui professora. A leitura de poemas, clássicos da literatura infantil e outras obras literárias foram se tornando o material didático mediador do meu trabalho na alfabetização das crianças.

Consolidado o estágio no final do ano de 1986, fui admitida pela Secretaria Municipal de Educação através de um contrato provisório de dois anos para

continuar o trabalho de alfabetização no projeto Casulo na Escola Municipal Nossa Senhora dos Navegantes.

Durante o período de realização desse trabalho, participei de vários cursos de atualização profissional na área de alfabetização desenvolvidos em alguns estados do país, direcionei, desde então, os meus estudos para os processos metodológicos da alfabetização e os materiais de leitura que se apresentam como mediadores dessa prática pedagógica.

A continuidade da minha atividade profissional nas salas de alfabetização da Educação Infantil se deu até meados de 1999 em estabelecimentos de ensino da rede privada. Nesse percurso, no ano de 1995 ingressei no curso de pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O curso de pedagogia foi um marco decisivo na construção de uma nova trajetória profissional; e conseqüentemente, o redimensionamento da minha área de atuação como alfabetizadora. No segundo ano do curso, passei a fazer parte de um projeto de extensão universitária vinculado ao Departamento de Educação, coordenado pela então chefe desse departamento, a professora Sandra Maria Borba.

O projeto intitulado “Conversando com o DEPED²”, estava direcionado à formação de professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental I; tinha como proposta, a realização de oficinas pedagógicas que discutissem o processo metodológico de ensino e aprendizagem no contexto da escola pública.

A atuação no projeto de extensão universitária me possibilitou experimentar atividades relacionadas à formação de professores, bem como a conviver com

² Departamento de Educação

outras realidades educacionais no âmbito do ensino público como o sistema integral das creches e as salas de aceleração no Ensino Fundamental I.

Durante esse processo, pude entrar em contato com o universo das comunidades dos bairros menos abastados da cidade de Natal, conviver com alguns conflitos do contexto escolar relacionados à permanência dos alunos na sala de aula, às dificuldades de aprendizagem e ao índice elevado de repetência registrado nas últimas séries do Ensino Fundamental.

A atividade como bolsista do Projeto “Conversando com o DEPED” viabilizou, além desse contato com a realidade educacional local, a possibilidade de pensar o processo de alfabetização em uma dimensão mais ampla, compreendendo a sedimentação do analfabetismo dentro do próprio sistema escolar, que produz um contingente significativo de iletrados com um histórico de quatro anos ou mais de escolarização.

Nessa trajetória de trabalho, no ano de 1999 conclui o curso apresentando uma monografia que discutia o sentido não-verbal no processo de alfabetização na Educação Infantil.

O término do curso não me distanciou das atividades de extensão universitária. A convivência com os docentes e companheiros que atuavam nessa área, levou-me a conhecer, no final de 1999, um trabalho de combate ao analfabetismo adulto que já havia sido iniciado há dois anos em parceria com algumas universidades federais do país.

Minha prática pedagógica com a alfabetização de pessoas jovens e adultas teve início com a participação no Programa Alfabetização Solidária³ (1999) e, posteriormente, em atividades realizadas pelo Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2000-2004). A atuação nos cursos de formação de alfabetizadores realizados pelo Programa Alfabetização Solidária foi o meu primeiro momento com a Educação de Jovens e Adultos.

Minha experiência profissional estava direcionada para alfabetização na Educação Infantil, na qual o processo estava postulado pela ludicidade, pelo contexto do jogo, da construção de hipóteses a partir de um universo mais aberto à descobertas. O trabalho com a criança na faixa etária de 5 a 6 anos, caracteriza-se por uma relação mais lúdica, devido a própria natureza didática que envolve os processos de apreensão acerca da leitura e escrita nessa fase da vida humana.

O novo contexto profissional, apresentava para mim como desafio, a necessidade de compreender a prática pedagógica da alfabetização a partir das relações com jovens e adultos e um outro espaço de atuação, diferente da estrutura física de uma escola. Deparava-me com o mundo do trabalho, com as relações entre a juventude e os adultos e todos os conflitos psicológicos, sociais, culturais e econômicos que essas fases da vida humana oferecem.

Segundo Kohl (1999), o trabalho com a educação de pessoas jovens e adultas requer a compreensão de três campos que definem o seu lugar social: a

³ O programa alfabetização solidária foi uma das ações que constituíam o trabalho do Universidade Solidária organizado no combate ao analfabetismo iniciado no país pelo governo de Fernando Henrique Cardoso no ano 1997. Hoje funciona como uma ONG no combate ao analfabetismo em vários municípios das regiões norte e nordeste do Brasil.

condição de não criança, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinado grupo cultural.

A referida autora enfatiza que a reflexão em torno desses elementos revela a peculiaridade de um processo de aprendizagem centrado em habilidades e dificuldades próprias de uma etapa da vida cujos sujeitos apresentam uma maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento devido às experiências vivenciadas no cotidiano.

Essas questões aos poucos foram sendo evidenciadas através do trabalho como coordenadora pedagógica que passei a desenvolver em alguns municípios do Rio Grande do Norte pelo Programa Alfabetização Solidária.

Durante a atuação nesse Programa mantive um contato mais próximo com os municípios de Monte das Gameleiras e Santo Antônio situados no agreste do Estado do Rio Grande do Norte.

Esse trabalho me possibilitou conhecer espaços diversos direcionados a prática da educação de pessoas jovens e adultas. Vivenciei experiências nas instituições escolares, sindicatos e associações comunitárias; e, também, em casa de farinha, balcões, garagens e outros espaços que, de certa forma, não se caracterizam como locais específicos para a realização de um processo educativo escolar.

A diversidade dos lugares nos quais estavam sendo desenvolvidas as práticas pedagógicas direcionadas à alfabetização de pessoas jovens e adultas permitiu-me perceber que tanto a forma de organização como as demandas iriam diferenciar a partir dos grupos e espaços com os quais o trabalho iria ser realizado.

A heterogeneidade das práticas culturais encontrada nas diversificadas regiões dos municípios caracterizava a peculiaridade da prática alfabetizadora a ser desenvolvida. Eram comuns as dificuldades de funcionamento das salas de aula na zona rural no período de colheita, devido a longa jornada de trabalho enfrentada pelos agricultores durante o dia. Nesse caso específico, as aulas tinham um tempo de duração menor e as atividades caracterizavam-se durante o período de colheita como revisões do que já havia sido trabalhado anteriormente.

A organização do trabalho em algumas regiões tinha como característica um horário diferenciado para as mulheres, que não podiam em função dos compromissos domésticos e a não permissão dos cônjuges, freqüentar as aulas noturnas. Para esses grupos, eram organizadas salas de aulas no turno vespertino, no qual era garantida uma participação feminina significativa no Programa.

Perceber o cotidiano do lugar e suas práticas culturais foi uma das ações pedagógicas desenvolvidas no período de realização dessa experiência com o Programa Alfabetização Solidária.

Nessa caminhada, foi possível conviver e me aproximar da diversidade de práticas culturais e religiosas nas comunidades. Destaco como uma dessas práticas, o ritual da Igreja Católica que transforma, no mês de maio, as ruas do Município de Monte das Gameleiras – RN com suas procissões, cânticos de devoção e martírios em homenagem à Nossa Senhora. A festa sacra culmina com a queima das flores ofertadas aos pés da santa durante todo o mês que lhe foi consagrado a comemorações.

Além de rituais católicos, encontrei outras práticas culturais que envolvem as comunidades, nas quais os jovens e adultos que participavam do programa estavam inseridos. O trabalho com o cultivo da terra que promove a ritualidade entre o sagrado e o profano nos festejos de colheita ainda existentes nos assentamentos de Várzea e Lagoa Grande, no município de Santo Antônio - RN.

Nesse universo de realizações cotidianas foi possível ouvir as histórias de vida de alguns alunos e presenciar suas práticas familiares. Práticas que esculpem a representação do feminino no cuidado com os filhos e a imagem masculina do provedor que, atormentado pela incerteza do trabalho, migra para lugares distantes com a finalidade de ainda ser aquele que alimenta os rebentos oriundos dos ventres cansados de suas mulheres.

Náufragos do mar da sorte acompanhados por parideiras de incertezas; homens e mulheres que povoavam as salas de aulas noturnas iluminadas pela luz refletida da lamparina movida a gás butano; luz que promove o reflexo de relevo turvo do alfabeto na lousa fixada por cordas de cipó em paredes de barro batido que configura, ainda hoje em nosso país, muitos dos espaços dedicados à alfabetização das pessoas jovens e adultas.

Esses sujeitos estão imersos em relações políticas caracterizadas pela submissão da maioria a um pequeno grupo de pessoas que representa o poder público local. Homens e mulheres com práticas diversificadas em suas formas de resistência à imposição do patronato rural, expressas pelos movimentos organizados em assentamentos e comunidades urbanas cuja relação de trabalho é estabelecida através do serviço público ou nas atividades de trabalho informal

realizadas nos setores do comércio ambulante e serviços essenciais de limpeza doméstica.

Algumas dessas práticas foram organizadas através da Associação de Mulheres em Monte das Gameleiras, que no ano de 1999, realizava palestras sobre o controle da natalidade e a importância da educação escolar na qualidade de vida das mulheres analfabetas da região; bem como pelo Sindicato dos Poetas e Cantadores em Santo Antônio, que através de alguns cordelistas do município, produziram em 2001 o primeiro encontro de poetas e cantadores do Agreste potiguar.

Esse convívio me levou a conhecer hábitos, costumes e crenças que constituem as relações sociais nas comunidades com as quais o Programa trabalhou, o que me possibilitou perceber aspectos do modo de ser e viver dos alfabetizados. Nesse sentido, torna-se importante lembrar que, para Freire (2000):

As relações que o homem trava com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas ou incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partimos de que o homem, ser de relações não de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Está no mundo resulta de sua abertura a realidade, que o faz ser o ente de relações que é.

Freire (2000) me ajudou a compreender que o conjunto das relações e práticas sociais vivenciadas por homens e mulheres tem como base a compreensão de que esse fenômeno meramente humano emerge, objetiva e subjetivamente, das relações que estabelece com o mundo.

Naquele momento, era preciso redimensionar a proposta alfabetizadora freireana que concebe a investigação do universo vocabular do alfabetizando na busca das palavras geradoras, mediadoras do processo de alfabetização, para compreender não apenas o universo vocabular, mas o conjunto das práticas culturais daqueles sujeitos que poderiam estar relacionadas com a apropriação da leitura e escrita.

Dessa forma, ouvir a cantoria das mulheres lavando suas roupas nas grandes reservas de água acumuladas pelas chuvas nos lajedos de Monte das Gameleiras, fez-me conhecer os primeiros textos que povoaram os encontros de formação com os alfabetizadores e, posteriormente, alimentaram o desejo de escrever dos alfabetizandos.

Os dizeres coloquiais, a literatura oriunda da tradição oral, os cânticos religiosos, as superstições passaram a se fazer presentes nas discussões propostas nos encontros de formação. A preocupação com os materiais de leitura utilizados no processo de alfabetização já existente na minha prática alfabetizadora com as crianças encontrava ressonância na atual experiência com a alfabetização de adultos.

Nesse sentido, passei a me preocupar em desenvolver uma prática pedagógica que suscitasse uma reflexão dos modos de ser e viver dos alfabetizandos jovens e adultos a partir do seu contexto histórico-cultural, bem como contemplar no desenvolvimento dessa prática, a importância de pensar o material didático direcionado à apropriação da leitura e escrita, considerando esse contexto.

A ampliação da minha prática pedagógica como formadora através da participação em projetos de alfabetização propostos como políticas de governo contra o analfabetismo de jovens e adultos e o processo de produção da dissertação me fez refletir e desenvolver inquietações acerca da alfabetização desses sujeitos.

Essas inquietações constituíram-se em questionamentos como: quais as relações entre a vida dos sujeitos jovens e adultos e as práticas educativas direcionadas para a alfabetização nessa área de ensino? De que forma o sujeito adulto analfabeto é pensado no momento de escolha dessas práticas? Os professores têm clareza sobre os processos nos quais seus educandos estão envolvidos? A natureza do processo de alfabetização de jovens e adultos é condizente com a natureza do processo escolar ou do modelo escolar proposto para o ensino básico? De que forma podemos pensar as relações de apropriação da leitura e escrita e propor uma mediação sem anular os sujeitos alfabetizando diante dos obstáculos sociais, econômicos e culturais apresentados como fatores implicadores no processo de alfabetização? Quando falamos na realidade desses sujeitos, estamos considerando as relações sócio-culturais concretas, os desejos e as necessidades desses indivíduos? Os materiais didáticos utilizados no processo de alfabetização de jovens e adultos sugerem a apropriação da leitura e escrita considerando as práticas culturais vivenciadas por esses sujeitos?

As questões que ruminamos ao longo da minha trajetória profissional encontraram nas leituras de autores como Paulo Freire, Vera Masagão, Osmar Fávero, Carlos Brandão, Marie Chartier as bases que inspiraram a construção do meu projeto de mestrado, direcionado a investigar, numa perspectiva histórica e

cultural, os materiais de leitura utilizados na alfabetização de pessoas jovens e adultas.

O (re)conhecimento da vasta produção de pesquisas desenvolvidas nessa área pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, impulsionou a nossa escolha quanto à realização de um estudo mais aprofundado sobre os materiais didáticos direcionados à apropriação da leitura e escrita e à produção de um projeto de pesquisa que pudesse ser desenvolvido na Linha de Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos do PPGE/ UFPB.

O trabalho da referida linha de pesquisa vem sendo desenvolvido tomando como base as práticas educativas da Educação de Pessoas Jovens e Adultas no Estado da Paraíba. Os campos de investigação diversificam-se nas áreas de formação de professores, metodologias de ensino, história da educação e do pensamento freireano, bem como, estudos referentes às políticas públicas educacionais, administrativas e organizacionais na educação de pessoas jovens e adultas.

Dessa forma, após a aprovação do projeto de dissertação que apresentava como objeto de estudo **O texto literário como material de leitura mediador do processo de alfabetização de jovens e adultos**, fui me apropriando das discussões promovidas pela linha de pesquisa ao longo do desenvolvimento das disciplinas, procurando definir, com mais clareza, o objeto da dissertação.

A medida que ia me aprofundando nas leituras propostas pelas disciplinas do programa e participando dos eventos e das discussões mais atuais realizadas pelos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos no Estado do Rio Grande do Norte (2002) e em Guarabira/PB (2003), fui direcionando minha investigação,

tomando como referência os questionamentos que emergiam nesse espaço de discussão acerca da organização e das práticas pedagógicas direcionadas para a alfabetização de jovens e adultos.

Os resultados das discussões políticas e pedagógicas me fizeram compreender a necessidade de refletir sobre essas práticas, postulando a alfabetização enquanto um fenômeno histórico e cultural, caracterizada como prática humana situada no tempo e no espaço.

No curso das discussões o professor Dr.^o Timothy Ireland, orientador da dissertação, apresentou a intencionalidade da Linha de Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos no desenvolvimento de um projeto de pesquisa mais amplo, direcionado ao registro e análise das ofertas para educação de pessoas jovens e adultas no Estado da Paraíba.

Nesse momento, o grupo de mestrandos vinculados à referida linha de pesquisa já vinha participando de discussões acerca das ofertas de Educação de Jovens e Adultos em nível nacional e na Paraíba, mediadas por esse docente que na época era coordenador do Fórum Estadual de Educação de Jovens e Adultos da Paraíba e também coordenava o projeto de extensão “Escola Zé Peão”, que desenvolve, há treze anos, atividades de alfabetização nos canteiros de obra da cidade de João Pessoa/PB.

Durante esse período, aproximadamente em meados do mês de junho de 2002, o grupo de mestrandos participou do Fórum Estadual realizado na cidade de Guarabira, no qual teve conhecimento do *Programa Escola do Rádio*.

O *Programa Escola do Rádio* é uma experiência de alfabetização de pessoas jovens e adultas que utiliza o método da educação à distância através do

rádio, Esse programa estava sendo realizado pelo então governo da Paraíba em parceria com a Fundação Getúlio Vargas e o Instituto Paulo Freire.

Realizada no momento de grandes conturbações políticas evidenciadas pelas eleições para governador em todo o país, essa prática pedagógica direcionada à alfabetização de jovens e adultos, passou a ser identificada pelo grupo de mestrandos, como uma prática passível de investigação e que atendia ao propósito inicial da discussão sobre o registro e análise das ofertas para educação de pessoas jovens e adultas no Estado da Paraíba.

As investigações acerca desse estudo estavam direcionadas para a análise de uma prática pedagógica que já havia sido utilizada em outro momento da história⁴ do Brasil e da Paraíba, bem como nas implicações reais dessa prática no combate ao analfabetismo de Jovens e Adultos no Estado da Paraíba no atual momento histórico.

Outro aspecto relevante que o grupo de pesquisadores sob a orientação do professor Timothy identificou, foi a investigação da organização dessas práticas pedagógicas realizadas na contemporaneidade relacionadas às necessidades atuais dos sujeitos jovens e adultos ao que se refere às exigências sociais do mundo do trabalho, da apropriação cultural e da própria qualidade de vida na atual configuração histórica.

As percepções dessas práticas em suas dimensões históricas, a participação nas discussões da Linha de Pesquisa em Educação de Jovens e

⁴ Nos referimos nesse momento ao projeto educativo que envolvia a alfabetização de jovens e adultos através do rádio, realizado a partir do final dos anos cinquenta, envolvendo as ações do Governo Federal pelo SIRENA e do Governo Estadual da Paraíba pelo SIREPA, bem como através das Escolas Radiofônicas implementadas pela ação da Igreja Católica.

Adultos e, particularmente, os questionamentos acerca do Programa “Escola do Rádio”, realizado no período de abril de 2002 a outubro do mesmo ano, apresentado pela Coordenadoria de Educação de Jovens e Adultos (COEJA) do Estado da Paraíba, permitiram-me definir o objeto da dissertação.

O processo de construção do objeto da pesquisa encontrou no *Programa Escola do Rádio* um campo empírico satisfatório para realização do trabalho e, ao mesmo tempo, ampliou e aprofundou aspectos do projeto que registra e analisa as ofertas de Educação de Jovens e Adultos no Estado da Paraíba.

A definição do campo empírico da investigação apresenta uma característica peculiar. Ela rompe com a lógica hegemônica de definição de um objeto de pesquisa, em que o pesquisador toma para si a definição do objeto e busca de forma solitária a realização de sua investigação. A singularidade do objeto da pesquisa reside essencialmente em uma tomada de posição política de pensar historicamente, o que para o grupo de pesquisadores envolvidos, significa pensar coletivamente.

Assim, o *Programa Escola do Rádio* tornou-se o campo empírico para a construção de três dissertações de mestrado, as quais tomaram como objeto de investigação alguns aspectos distintos como: a formação do professor, avaliação da aprendizagem e os materiais didáticos do Programa em questão.

As questões que fomentam o desenvolvimento dessa pesquisa foram se organizando em torno da questão que norteia esse trabalho: os materiais didáticos utilizados pela Escola do Rádio para alfabetizar jovens e adultos ao sugerir a apropriação da leitura e da escrita, consideraram as práticas culturais do lugar onde vive esses sujeitos?

Portanto, nosso trabalho se configura como uma análise educacional dos **materiais didáticos** do *Programa Escola do Rádio*, realizada através de uma abordagem histórica acerca desses materiais, particularmente, circunscrita sua utilização na cidade de Guarabira, localizada a noventa e seis quilômetros de João Pessoa/PB.

1. CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DO PROGRAMA ESCOLA DO RÁDIO

Conforme foi mencionado na apresentação, história de vida e pesquisa não se separam, mas identificado o objeto, faz-se necessário buscar estratégias que permitam a construção de sua investigação.

Dessa forma, neste capítulo, exponho os caminhos da pesquisa acerca dos materiais didáticos da Escola do Rádio a partir de uma breve reconstituição desses recursos pedagógicos na história da alfabetização de pessoas jovens e adultas no Brasil; a reflexão e produção de uma concepção de método que viabilizou pensar as relações entre as áreas de conhecimento que inspiram minhas proposições; e por fim, apresento as fontes e as estratégias de abordagem do objeto de pesquisa.

1.2 O material didático na história da alfabetização de pessoas jovens e adultas no Brasil

“Considero que o ponto mais rico na história de movimentos, ou pelo menos o elemento que mais o revela, além de algum traço histórico que o distinga, dos nomes de algumas pessoas que dirigiam, é o material didático por ele produzido” (Fávero, 2003).

Na trajetória histórica da alfabetização de pessoas jovens e adultas no Brasil foram produzidos discursos que se entrecruzam e fundamentam práticas pedagógicas. Um dos elementos comum na constituição dessas práticas é o material didático destinado aos fins da alfabetização.

Utilizados desde as primeiras tentativas de erradicação do analfabetismo de jovens e adultos no Brasil, os materiais didáticos passam por um processo de mudanças e continuidades, caracterizando períodos históricos distintos cuja compreensão do próprio sentido de alfabetização vai sendo o elemento propulsor para a definição de suas linhas de produção.

Nas décadas de 1940 e 1950, esses materiais estavam organizados a partir de uma concepção de alfabetização que não caracterizava o sujeito da educação de jovens e adultos e seus conhecimentos acerca da língua, representando uma transposição do ensino direcionado à alfabetização das crianças.

Segundo Fávero (2003), os materiais didáticos produzidos pelo MEC até o final dos anos de 1950 tinham o caráter imediatista de atendimento as campanhas nacionais de alfabetização. O sentido instrucional do ato de ensinar, acompanhado de um conteúdo restrito à codificação do signo escrito, representava através da *Cartilha Ler*, no ano de 1947, o caráter da política de alfabetismo instituída na Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA).

As cartilhas distribuídas pelo Ministério da Educação foram elaboradas com base no chamado método Laubach – parte do ABC do a, e, i o, u e apresenta algumas “historinhas” para adultos; quase uma transposição dos conteúdos e modos de trabalhar típicos da escola primária para criança (FÁVERO, 2003).

O trecho acima revela um pouco da constituição do material didático, representado nesse caso pela *Cartilha Ler*, enquanto propagador de um método de ensino configurado para mediar a ação de aprendizagem, refletindo uma concepção de educação e sujeito do conhecimento.

As campanhas de alfabetização realizadas desde o final dos anos de 1947, vinham no conjunto de suas atividades priorizando uma formação básica, fundamentada no discurso desenvolvimentista que caracterizava o processo de redemocratização política após o fim do Estado Novo.

O discurso em torno da necessidade de alfabetizar a população estava pautado no preconceito contra o analfabeto, que tinha sua imagem vinculada à marginalidade e ao entrave do progresso político e econômico da nação.

O final da década de 1950 foi acompanhado pelo surgimento de um movimento político-pedagógico que se fez presente já no 2º Congresso de

Educação de Jovens e Adultos realizado na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1958. Nesse evento, educadores vindos do Estado de Pernambuco discutiam o analfabetismo como consequência e não como causa da miséria nacional.

Nas discussões sobre a alfabetização de pessoas jovens e adultas a partir do início dos anos de 1960, as reflexões apresentam como uma das questões, a necessidade de reformulação dos materiais didáticos, trazendo implícito na constituição dessa reformulação, uma interferência na ordem, no tempo e no espaço que configuram o conteúdo, o ato de ensinar e aprender.

As críticas da década de 1960 se voltam para a proposta pedagógica das cartilhas divulgadas nas campanhas de alfabetização desenvolvidas pelo Governo Federal até o final da década de 1950, que propagavam, como mostra o trecho abaixo, uma ação instrucional dos procedimentos de ensino e aprendizagem.

Todos os alunos terão o guia de leitura em mãos aberto na página dois. Direis algumas palavras de encorajamento. Insistindo que a aprendizagem da leitura será fácil. Começareis por pedir que olhem para os desenhos da página. Aqui está uma asa, embaixo está um elo; depois uma ilha. E depois? Obtidas as respostas, direis : lendo os desenhos, poderemos agora dizer: asa, elo, ilha, ovo, uva [...] (Trecho da Cartilha Ler. IN; FÁVARO, 2003).

A reflexão em torno da ordem, tempo e espaço na organização desses materiais perpassa pela análise das políticas de alfabetismo idealizadas para população de analfabetos acima de quinze anos, caracterizando um momento de intervenção dos grupos de educadores envolvidos com os movimentos sociais e a proposta de alfabetização de adultos divulgada por Paulo Freire.

Dessa forma, uma das temáticas presente nos textos dos materiais didáticos trazia uma concepção de sociedade formalizada por um núcleo familiar organizado em uma moradia singular e harmoniosa, no qual os papéis sociais estão divididos pelo trabalho que cada indivíduo produz independente das condições concretas para a sua existência.

Ao analisar esse aspecto, Fávero (2003) apresenta a lição da pág. 30 da *Rádio Cartilha* utilizada pelo Sistema Radio Educativo Nacional (SIRENA) no início da década de 1960, intitulada “*Eu, a casa e a família.*”



(In FAVERO, 2003. p;8)

Segundo Fávero (2003), essa concepção de alfabetização de jovens e adultos perpetua por toda década de 1950, e chega no início dos anos de 1960

sofrendo as críticas de educadores através dos movimentos sociais que se formalizavam à margem das ações desenvolvidas pelo governo.

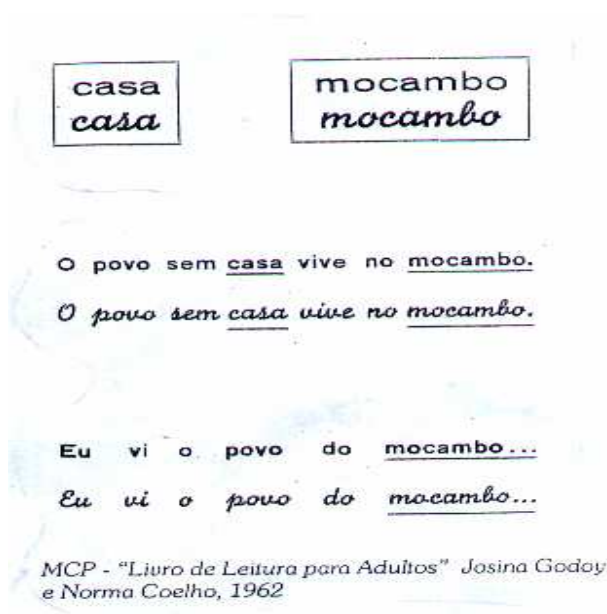
Surgia nesse momento, um outro discurso em torno da problemática do analfabetismo e conseqüentemente, uma exigência quanto à formulação das políticas de combate a esse fenômeno social, caracterizando a necessidade de uma reflexão acerca dos procedimentos pedagógicos de ensino na concretização de novas experiências.

Scocuglia (2001) registra que o 2º Congresso Nacional de Educação de Jovens e Adultos já apresentava as “idéias político-pedagógicas que contribuíram no início dos anos de 1960 para o surgimento do chamado Sistema Paulo Freire. Entre outras questões discutidas, o relatório apresentado pela delegação de Pernambuco apontava a necessidade da “elaboração de curso e materiais didáticos que atendessem à realidade existencial dos alfabetizandos e educandos adultos”.

As campanhas de alfabetização realizadas até o final da década de 1950 representavam limitações nas ações do governo em promover efetivamente um processo de democratização da cultura através da aquisição da leitura e escrita. Os números percentuais do analfabetismo da população de 15 anos ou mais apresentados no censo de 1960 chegavam a 39,6%, após 18 anos de atuação da CEAA.

No ano de 1962 é lançado pelo MCP (Movimento de Cultura Popular) de Pernambuco, o *Livro de leituras para adultos*, considerado segundo Fávero (1986), o primeiro livro destinado a essa clientela, construído a partir de um

conteúdo social traduzido por textos que mediavam a formação política desses sujeitos.



A expressão de um movimento educativo voltado para a educação popular introduziu uma nova forma de compreender a educação, balizada na produção cultural dos sujeitos que dela se beneficiariam, como conteúdos a serem refletidos nos materiais didáticos. Essa maneira de conceber o processo educativo instituiu como ordem de organização dos conteúdos a identificação desses sujeitos com o seu processo de formação.

Dessa forma, uma das ações adotadas pelo MCP foi a investigação das práticas culturais da comunidade a ser atendida pelo programa de alfabetização ou pós-alfabetização, com o objetivo de utilizar a constituição dessas práticas como elementos de expressão e uso social do conhecimento na formulação do material didático.

Esse movimento tem, em primeiro lugar, a grande virtude de colocar a educação dentro de um de um movimento social profundo como expressão da cultura; é a primeira vez que se fala na cultura popular não como folclore, como falavam os antropólogos, mas como forma típica de vida e expressão do povo. Em segundo lugar, passa a trabalhar o processo educativo a partir da cultura popular e inova decisivamente o material didático para adultos. (FÁVERO; 2003.p. 11).

Os materiais didáticos produzidos pelo MCP de Pernambuco vão sendo adaptados para experiências de alfabetização em outros estados como a *Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler* no ano de 1963, na cidade de Natal – RN, bem como inspiram a produção de materiais didáticos em outras experiências de alfabetização sobre a coordenação desse movimento no país.

A exemplo do que foi mencionado acima, Fávero (1986) vai registrar a produção de *Uma família operária, manual para a alfabetização de adultos e adolescentes* do CPC de Belo Horizonte (1963); no início do mesmo ano, a CEPLAR – Campanha de Educação Popular da Paraíba produziu o livro *Força Operária*, direcionado à experiência do ciclo primário para os recém alfabetizados pelo Sistema Paulo Freire.

Nessa configuração de análise sócio-política das ações alfabetizadoras, os materiais didáticos representam os instrumentos de disseminação de um processo educativo que se volta para atender as necessidades de formação dos jovens e adultos analfabetos estabelecendo uma relação direta com a realidade concreta em que vivem esses sujeitos. Esse movimento era traduzido por uma ordem de conteúdos que propunha a compreensão e a codificação dos mecanismos da

língua escrita a partir da leitura dos conflitos sociais, políticos e culturais que caracterizavam essa realidade concreta.

O sistema Paulo Freire institui uma transformação de paradigmas na formulação dos materiais didáticos. Nesse processo de superação, a ordem, o tempo e o espaço de aprender na alfabetização de jovens e adultos, tinham como elemento de mediação a apropriação do conceito antropológico de cultura, representada inicialmente por uma seqüência de imagens que traduzia o universo de produção cultural no qual o homem está imerso a partir da distinção entre “entes da natureza” e “entes de cultura” (FÁVERO, 2003).

O tempo de apropriação do conceito antropológico de cultura imbricava-se com o tempo de apropriação do código escrito que se caracterizava como um elemento de produção cultural.

As fichas de cultura, assim chamadas por Freire, as imagens que deveriam ser trabalhadas através de uma discussão dialogada, redimensionavam a compreensão da ordem de organização dos conteúdos para alfabetização, bem como a organização do espaço educativo, que poderia transcender ao espaço escolar. Essas concepções teóricas e metodológicas direcionadas à educação de pessoas jovens e adultas, passam nesse momento da história da educação brasileira, a instituir um novo processo de produção dos materiais didáticos para alfabetização nessa área de ensino.

Nesse processo histórico de produção do material didático para alfabetização de pessoas jovens e adultas, as experiências nessa área no início dos anos de 1960 diversificam-se, caracterizando concepções educativas diferenciadas que são propagadas concomitantemente em regiões distintas.

Essa configuração permite tanto a circulação desses materiais didáticos que traduziam o movimento mais progressista de alfabetização, bem como materiais que representavam, nessa área, uma concepção pedagógica que primava pela apropriação de um conteúdo básico direcionado ao ler, escrever e contar.

Os materiais didáticos formulados pelo MCP e Sistema Paulo Freire mostravam-se como produções que se contrapunham à proposta educativa implícita na *Rádio Cartilha* lançada pelo MEC no ano de 1960 como material didático do SIRENA (Sistema de Rádioeducação Nacional).

A *Rádio Cartilha* apresentada pelo (SIRENA), criado em abril de 1957 para desenvolver, através do rádio, programas nas áreas de educação, saúde, agronomia e veterinária, foi a primeira cartilha considerada esteticamente, a mais bonita produzida pelo MEC; porém, mantinha o mesmo padrão de fragmentação do conhecimento e de infantilização do processo de alfabetização de adultos já presentes nos materiais didáticos utilizados antes na CEAA.

O palhaço é alto
Ele almoça com calma
É o último a voltar
Ele volta para saltar no circo.
(Lição da Rádio Cartilha. In Fávero, 2003)

A disseminação da radioeducação no Brasil, direcionada a alfabetização de pessoas jovens e adultas concretiza-se no início dos anos de 1960 e segundo Scocuglia (2003), fazia parte de um projeto de educação de massa voltado a atender o “desenvolvimento nacional” na busca da constituição da “elevação da cultura popular” que estava sendo formalizado pelos interesses dos grupos

financiadores: a Igreja Católica, o Governo Federal, e no caso do SIREPA, o Governo Estadual da Paraíba.

Percebe-se a conjugação de interesses: de membros da Igreja Católica e de grupos católicos “progressistas”; do Estado, representado pelo governo federal (e no caso paraibano, estadual) ; e ainda, da SA Philips do Brasil – única fabricante dos BR118T (receptor utilizado, em larga escala, na Colômbia, no Peru e no Brasil) (SCOCUGLIA, 2003. p.21).

O projeto de alfabetização através do rádio estava inserido em mais uma das ações da CEAA para erradicação do analfabetismo, e foi disseminado principalmente no meio rural, chegando a funcionar, em algumas regiões, até meados do ano de 1966. As escolas radiofônicas funcionaram concomitantemente às experiências das *Quarenta horas de Angicos*, no RN e da *CEPLAR* na Paraíba, que se utilizaram do Sistema Paulo Freire de alfabetização.

A produção de material didático direcionado para realização dessa prática educativa vai diferenciar-se de acordo com a instituição a qual as aulas radiofônicas vão estar veiculadas.

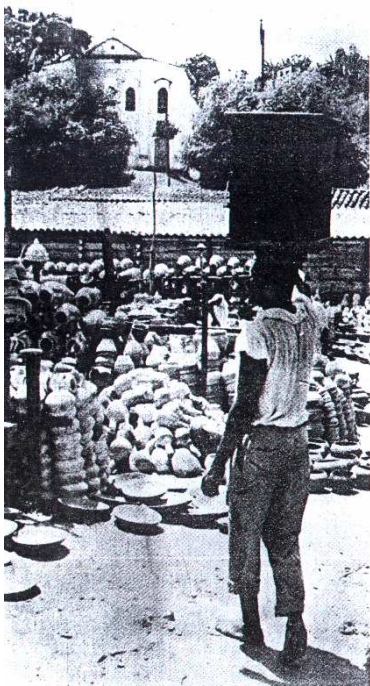
No final do ano de 1963, a atuação do MEB (Movimento de Educação de Base) junto ao projeto educativo das escolas radiofônicas da Igreja Católica, vai configurar-se por uma ação que compreendia a divergência entre leigos e a hierarquia eclesiástica quanto ao conteúdo direcionado à formação dos trabalhadores rurais proposto pelos materiais didáticos.

A *Rádio Cartilha* passava a ser rejeitada pelos educadores que atuavam junto a essa instituição. A discussão acerca da necessidade de propagação de um processo educativo direcionado à emancipação política do homem do campo era

defendida pelos educadores leigos como reflexão para formulação dos conteúdos, representando o ponto de divergência com os eclesiásticos que viam na catequese o conteúdo de referência para o processo de alfabetização.

A conciliação política encontrada pelo MEB resultou na produção, no ano de 1963 da coleção *Saber Viver e Viver é Lutar*. Livros de leitura para adulto “que pretendiam ligar alfabetização e conscientização, partindo das situações reais da vida e do trabalho dos trabalhadores rurais” (FÁVERO,1986.p.287) e do livro *Mensagem*, direcionado à formação do professor; nele continha as orientações para o trabalho com o evangelho e sugestões de atividades para o programa de catequese direcionado aos alunos das escolas radiofônicas.

O livro *Viver é Lutar* foi produzido com textos direcionados para os alunos recém alfabetizados e circulou como material didático das aulas radiofônicas ainda no início do governo militar.



Viver é Lutar, 1963, lição nº 22.p,48

24.ª lição

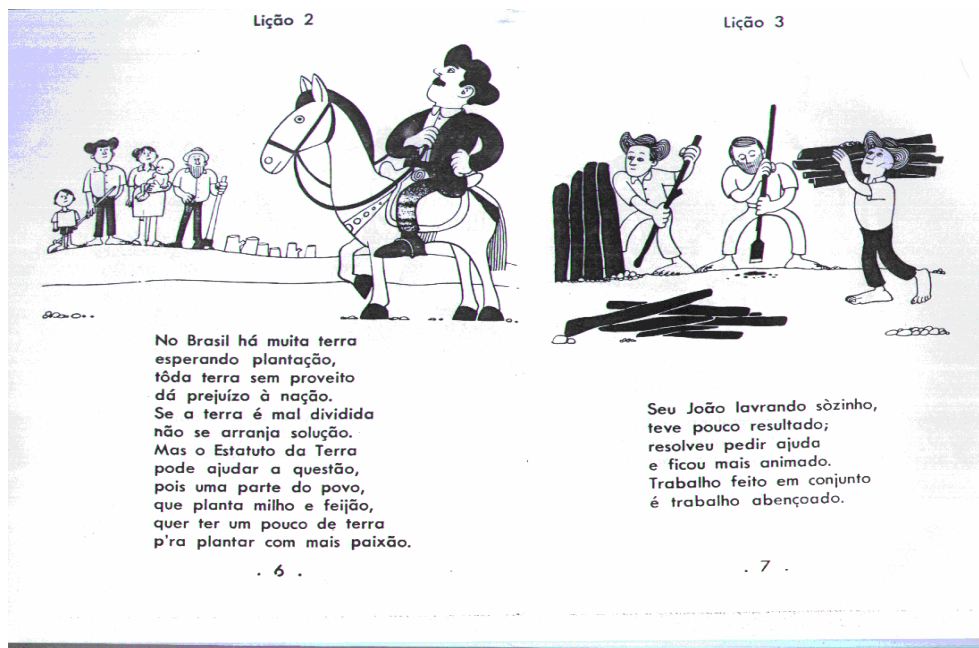
A arte popular é cultura.
Tudo que o homem inventa e faz é cultura:
casa, roçado, sapato, fogão de barro...
Tudo isto é criação.
O homem é criador.
Os costumes do povo são cultura.
Estudando, o povo também faz cultura;
aprende a conservar e melhorar seus costumes.
Um povo só marcha para a libertação,
quando caminha com sua cultura.

TUDO QUE O HOMEM INVENTA E FAZ É CULTURA.

48

O conjunto da produção didática do MEB, a partir de 1963, representa a nova ordem de organização de conteúdos sugerida nas produções construídas pelo MCP, balizadas pelas reflexões acerca da educação como emancipação propagada no Sistema Paulo Freire. Essa nova ordem se materializava no projeto de alfabetização através do rádio a partir de uma nova compreensão do tempo de aprendizagem dos educandos, que deveria ser mediado pelos programas radiofônicos e a ação do monitor no momento de transmissão das aulas.

Os materiais didáticos formulados pelo MEB, durante a década de 1960, diversificaram-se em livros de leitura de alfabetização e pós-alfabetização. Os referenciais de organização textual, no caso do livro *Mutirão 2*, produzido a partir de textos constituídos por versos de cantadores e ilustrações do cartunista Ziraldo, representavam um contexto formativo que estimulava, além da ampliação das apropriações acerca do código escrito, a construção de um repertório cultural relacionado à organização do verso como mediador da produção do conhecimento escolar.



Essas produções não chegaram a fazer parte de todas as experiências de escolas radiofônicas realizadas no país. No caso específico da Paraíba onde funcionou o SIREPA (Sistema Rádioeducativo da Paraíba), o material didático utilizado nesse processo, corresponde, inicialmente nos anos de 1959 e 1960, ao material enviado pelo MEC. Após a expansão das escolas radiofônicas no ano de 1963, o SIREPA produziu sua própria cartilha contando com o financiamento do USAID.

A cartilha do SIREPA foi editada no ano de 1964. Segundo Scocuglia (2003), essa produção didática, representava a conformação com a nova ordem política instituída pelo golpe militar.

Na primeira lição, a ligação entre educação e política era explícita: “Este é meu livro de leitura. Pelo estudo serei um cidadão livre”. A idéia básica de valorização do estudo, como um instrumento de liberdade e de cidadania, certamente não correspondia às situações de exploração/dominação a que estava submetida parcela significativa dos alfabetizandos nos sítios, povoados, vilas, fazendas e zonas suburbanas, onde se concentrava a maioria das escolas radiofônicas do SIREPA. Para serem “cidadãos livres”, os alfabetizandos precisavam muito mais do que de “estudo”. (SCOCUGLIA, 2003, p. 63).

Nessa configuração, a história da produção do material didático para alfabetização de pessoas jovens e adultas no país, vai caracterizando um processo cujos elementos de ruptura, permanência e continuidade vão se fazendo presentes na organização dos conteúdos de acordo com as políticas de alfabetismo propostas.

Após o golpe militar, a situação política do país vai requerer a produção de materiais didáticos que, além de contribuírem para a legitimação da nova ordem, deveriam divulgar os princípios de uma educação técnica direcionada a um processo de alfabetização funcional.

Essa nova configuração política não imobilizou as instituições que vinham ao longo da década de 1960 trabalhando na construção de materiais de leitura para educação de pessoas jovens e adultas balizados nos princípios metodológicos freireanos; porém, alterou a formulação do projeto didático de

entidades como o MEB, que passou a fazer algumas adaptações em seus materiais.

Para apoiar o Programa de 1965, os manuais preparados para uso dos professores e produtores foram refeitos. Conservou-se o essencial da fundamentação e iniciou-se, ainda timidamente, o lançamento das bases teórico-metodológicas para o entendimento da realidade sócio-econômica. Mas não se chega, em nenhuma publicação, a uma análise concreta da realidade – mesmo porque esse esforço começou a ser abortado na fonte: vários textos nunca conseguiram sair da minuta. (FÁVERO, 1986).

Para Fávero (1986), a característica da produção desses materiais didáticos entre o final da década de 1950 e os anos de 1960, demonstra um movimento pendular constituído por avanços e recuos referentes as concepções políticas e pedagógicas que os fundamentaram.

Na década de 1970, essas características vão indicar a tentativa de esvaziamento da teoria freireana de alfabetização retratada nos livros didáticos do MOBREAL. Esse material didático foi produzido por editoras de grande porte das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo para ser distribuído em todo país.

Durante este período é constituído oficialmente um discurso em torno de um processo de alfabetização funcional de pessoas jovens e adultas, postulado na necessidade de legitimação do poder político do governo militar.

O fim desse governo, nos anos de 1980 representou para educação de pessoas jovens e adultas um período de retomada do projeto político pedagógico direcionado para essa área de ensino, interrompido na década de 1960. Essa retomada, caracterizada por um novo momento histórico, exigia um repensar do encaminhamento das propostas pedagógicas, bem como a necessidade de

inserção dessas discussões nas políticas de escolarização que estavam sendo definidas pela nova constituição de 1988.

Durante esse período, a disseminação das reflexões em torno da psicogênese da língua escrita na América Latina, bem como os estudos acerca do uso social da linguagem através das pesquisas sobre letramento no Brasil, viabilizaram um redimensionamento da proposta freireana de alfabetização, estabelecendo a ampliação de seus estudos teóricos e, conseqüentemente um novo contexto de formulação para os materiais didáticos direcionados aos fins educativos na alfabetização de pessoas jovens e adultas.

Esse novo contexto de reflexões teóricas, seguido do avanço tecnológico da produção gráfica no país, bem como da formação de grupos de pesquisa nas universidades federais e em organizações não governamentais, viabilizaram a partir dessa década a produção de materiais didáticos diversificados.

Uma dessas produções é a coleção *Viver, Aprender* elaborada pela Ação Educativa, uma ONG que vem desde o início dos anos de 1980 produzindo subsídios pedagógicos e materiais didáticos para programas de educação popular e escolarização de jovens e adultos.

A coleção *Viver, Aprender* é um conjunto didático que objetiva atender à demanda de conteúdos e princípios metodológicos expressos na proposta curricular para o primeiro segmento do ensino fundamental da EJA, desenvolvida pela Ação Educativa no ano de 1996. Essa proposta foi encomendada pelo MEC e distribuída numa publicação co-editada por esse Ministério com o apoio da UNESCO.

Unidade 4:
Como eu me vejo, como vejo os outros

Quem foi Tarsila do Amaral?



Viver, Aprender 1


Tarsila do Amaral nasceu em Capivari, no interior do estado de São Paulo em 1886. Neta de grandes proprietários de terras, passou toda sua infância e adolescência na fazenda.

Aos 20 anos, Tarsila casou-se com um primo de sua mãe e foi morar numa fazenda, onde nasceu sua filha Dulce. Logo seu casamento se desfez. Ela diz que sua carreira começou quando, ainda criança, pintou uma cesta de flores e uma galinha com pintinhos. Entretanto, ela só passou a se dedicar de verdade à sua carreira artística quando já tinha 30 anos.

Ela se casou pela segunda vez com Oswald de Andrade, um famoso escritor paulista. A partir de então, os dois passaram a viajar expondo suas obras e publicando seus textos. Tarsila faleceu em 1973, quase vinte anos depois de seu marido Oswald.

Grandes olhos, a boca cheia cuidadosamente desenhada, ela era tão bonita que os homens estremeiam à sua passagem. Partia corações e provocava ciúmes devastadores. Além disso, era inteligente, culta, falava e estudava várias línguas. Tarsila era uma mulher fascinante e uma grande pintora.

Em 1926, Tarsila do Amaral pintou seu auto-retrato:



Tarsila do Amaral. Auto-retrato
1924. óleo sobre papel.
38 x 32 cm. Acervo Artístico
do Palácio do Governador do
Estado de São Paulo

Compare a foto de Tarsila com seu auto-retrato.
Você acha que ela conseguiu mostrar como era? Explique.

Viver, Aprender 1

(Coleção Viver, Aprender: Educação de Jovens e Adultos. Ação Educativa. MEC. Brasília.2000)

Nessa coleção didática, os módulos apresentam uma ordem de aprendizagem, representados por conteúdos que propõem uma construção de práticas letradas na perspectiva de um processo de alfabetização no qual a base da apropriação está no uso social do conhecimento pelo educando.

Devido não estar direcionado a uma região específica, mas objetivando atender à demanda de organização dos conteúdos e temáticas sugeridas na proposta curricular anteriormente citada, esse material didático priorizou o trabalho

com textos que suscitassem problematizações acerca da realidade local e identidade cultural dos educandos a partir de uma temática mais geral.

1991

Alves, Ailton de J.

repi alogado.
Debois se afiton na Lãgos Rodrigo de Freitas e mor-
Dãnton
Cãnton
Berren
Uma noite cje srefegon no paz. Vinte de Novembro
no motto da Barilônia num pãrtado sem pãrtido.
Logo Cãntoza cãr cãntoza de fãrã fãrã e moza
Mãmãl Bãndãrã

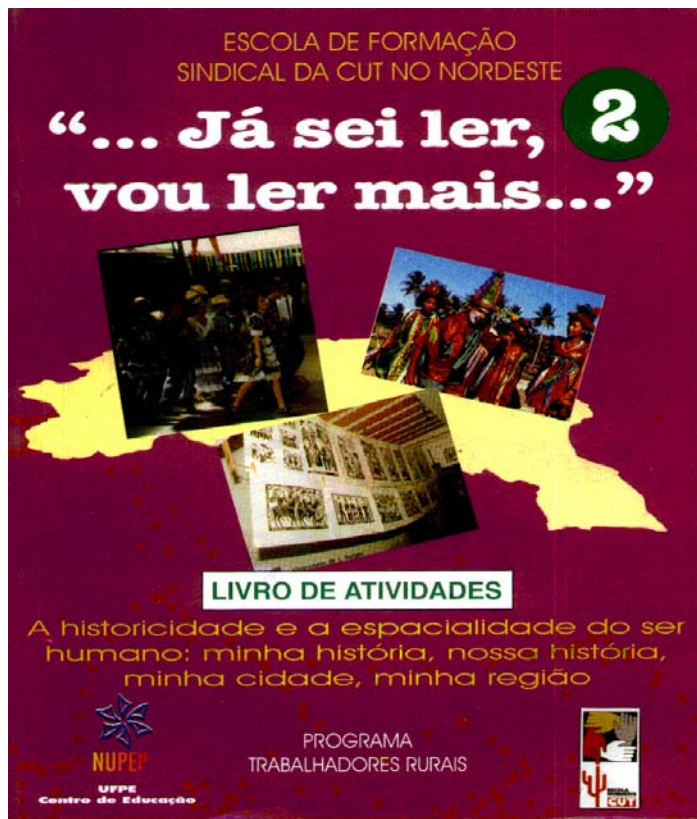
Poema tirado de uma notícia de jornal

2. Montem um cartaz com elas e deixe-o exposto por uma semana.
fãrã que considerem importantes.
4. Marquem um encontro e escolham as notícias, chamadas, fotogra-
fãrã de domingo costumã fazer notícias importantes da semana toda).
3. Escolham alguém que se responsabilize por comprar o jornal (o tor-
5. Escolham duas dupas será o primeiro a montar o jornal mural.
1. Formem dupas de trabalho.
Alguns passos para a montagem do jornal mural:
assunto e organizã-fãr para que todos possam ler
se responsabilizar por fazer essas fotografã e notícias, divã-fãr por
cartã e conectado como jornal mural. A cada semana um grupo deveã
mancheãr de semana que fãrã exposto em sua classe. Esse tipo de
loã e seus colegas vã montar um cartã com notícias, fotografã e

Jornal mural

Coleção Viver, Aprender: Educação de Jovens e Adultos. Ação Educativa. MEC. Brasília.2000)

Outro material didático produzido nessa nova configuração contemporânea é a coleção elaborada pelo NUPEP (Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos e Educação Popular de Pernambuco). Esse projeto didático tem como uma de suas produções livros de leitura direcionados à formação dos trabalhadores rurais vinculados à programação de formação da CUT.



(Imagem da Coleção “...Já sei ler, vou ler mais...” NUPEP. Escola Nordeste-CUT. Recife.2000)

Atualmente, a diversificada produção de materiais didáticos para educação de pessoas jovens e adultas realizadas por diferentes instituições contribui para a reflexão e construção de processos formativos mais amplos, porém também reforçam, em alguns casos, a continuidade de elaboração de materiais que não condizem com os avanços dos estudos teóricos que vêm ao longo desse processo, definindo os referenciais dessa produção.

Nesse sentido, algumas permanências históricas vão estar presentes na instituição de práticas educativas contemporâneas, fundamentadas pelo discurso

da vanguarda frente ao uso social do conhecimento e redimensionamento dos espaços educativos na busca de atender aos fenômenos sociais e educacionais apontados como problemáticas ainda não solucionadas na EJA. O analfabetismo e a evasão seriam dois desses fenômenos.

Algumas dessas práticas vão estar sendo idealizadas a partir de metodologias já utilizadas em outras experiências. Seus materiais didáticos, nesse contexto, revelam-se os propagadores dessas metodologias, chegando a ser, dependendo da especificidade da proposta pedagógica, a materialização do próprio projeto educativo.

Para Scocuglia (2003), a compreensão e o reconhecimento da história das práticas educativas desenvolvidas no país nos últimos cinquenta anos, apresentam-se como reflexões que poderão contribuir para o enfrentamento das problemáticas educacionais da atualidade, sem reforçar a “visão presenteísta” que revela um desprezo pela história “cuja provável consequência será mais um fracasso”.

Na análise do material didático do *Programa Escola do Rádio*, implementado no Estado da Paraíba após cinquenta e três anos da experiência com as escolas radiofônicas do SIREPA, alguns aspectos acerca do material didático na história da alfabetização de pessoas jovens e adultas do país tornaram-se relevantes na constituição da compreensão da relação entre os materiais didáticos e a proposta educativa a qual eles estão veiculados.

Entre esses aspectos estão os elementos ordem, tempo e espaço como categorias presentes na constituição da organização dos conteúdos desses

materiais que se apresentam de forma diversificada indiciando nessa constituição os usos e maneiras pelas quais se sugere a apropriação do conhecimento letrado.

1.3 Concepção de método.

Ao buscar uma maneira de abordar o objeto da dissertação, senti a necessidade de compreender a etimologia da palavra método, para atribuir um sentido ao método que orienta o trabalho.

Segundo Brugger (1962), a palavra método origina-se da proposição: “**métodos** – atalho – vocábulo compostos por **hodos** – “caminho” e **meta** – “junto de” “ao lado de” – o conjunto desses elementos formaria o entendimento de método como: “o caminho seguido para construir”.

Para Gasparin (1994), o termo método se constitui pelo prefixo grego *meta* que traduz as idéias de comunidade, participação, ou sucessão e do sufixo *hodós* que significa via, caminho. Na formação dos vocábulos gregos, Gasparin ainda registra a palavra *methodos*, que formula a acepção de caminho para chegar a um fim determinado, o que nos remete à idéia de participação e sucessão; o autor ainda sugere a presença de um fazer por alguém ou alguma coisa.

As leituras dos dois textos supra citados e as reflexões sobre método que realizei durante o curso da pesquisa, permitiu-me uma aproximação do campo semântico contido na palavra método. Esse processo, possibilitou-me refletir o sentido do método configurado pelo caminho eleito de investigação que permitiu a construção da pesquisa.

Essa reflexão, encontra interlocução na tese de Barbosa Jr (2002), intitulada “O ethos humano e a práxis escolar: dimensões esquecidas no projeto político pedagógico” , na qual a discussão sobre o método da pesquisa institui a necessidade de reflexão sobre o “sentido do método”.

Barbosa Jr (2002) nos indica que “o método é o produto de um processo de complexificação das estruturas de pensamento” desenvolvidas pelo pesquisador a partir da lógica de investigação encontrada no próprio objeto em um movimento que articula as relações entre “leitura, observação, reflexão e exame paciente”. Uma articulação, na qual a formulação do conhecimento caracteriza-se por um estado profundo de busca e criação. É nesse sentido que Barbosa Jr (2000) tece as suas proposições:

Abandonamos, no nosso estudo, a possibilidade de conceber o método como algo que inspira, que se adota ou se utiliza em uma pesquisa. Ao nos afastarmos dessa idéia, fomos invadidos pelo desejo de compreender o método em si e, nos apropriarmos de seu sentido. Nada é mais fácil do que julgar o que tem conteúdo e solidez; apreendê-lo é mais difícil; e o que há de mais fácil é produzir sua exposição, que unifica a ambos (p.55).

A compreensão e sentido do método para esse autor se deram em suas pesquisas através da reflexão que formula a existência do método imerso em um lógos⁵ que o constitui lugar de materialização.

Nessas formulações Barbosa Jr (2002) me convida a pensar a existência do método em uma relação de reflexão e não de aplicabilidade, “O método não é algo

⁵ No sentido Heraclítico. Esse filósofo em um dos seus fragmentos refere-se ao lógos da seguinte forma: “Mesmo que eu percorra todos os caminhos da alma não atingirei o lógos, tão profundo ele é” . Tradução do sentido infinito de busca pelo conhecimento...

que paira sobre nossas cabeças ou possui uma existência fora do lógos. Ele também não é um instrumento para inspirar ou ser utilizado” (p.55).

Essas relações instituem uma compreensão de que o método da pesquisa é algo pensado e constituído pelo pesquisador quando o mesmo se apropria das teorias que o orientam em suas discussões e passa a construir, na investigação, formulações apreendidas e abstraídas sobre o objeto em si mesmo, atribuindo esse movimento ao que o referido autor vai chamar de “*consciência complexificada*”. Vejamos o que Barbosa Jr (2002), sugere sobre esta questão:

Só uma consciência complexa é capaz de um movimento que abstrai e apreende diversos aspectos da lógica interna do objeto, enquanto um esta-aí, para num momento posterior produzir uma leitura desse mesmo objeto. (p.58)

A partir dessas formulações, o método da investigação encontra seu sentido na interpenetração que realizei do repertório de leituras construído e o exame paciente sobre vários aspectos do objeto investigado.

Essa concepção de método me permitiu elaborar as seguintes reflexões metafóricas: E se eu pensasse o método pela imagem de um bosque que me convida a escolher a senda que em seu infinito de paisagem quero percorrer? Será que se eu olhar sua infinitude, saberei ao certo qual caminho escolher? Ou terei sempre a sensação de que a busca é a única certeza precisa do encontro com suas folhagens?

Dessa forma, olhar para o bosque ou realizar a leitura cartográfica do seu percurso não me bastaria, assim como não me bastaria identificar e nomear sua vegetação.

Precisaria muito mais que a mera descrição das possibilidades de incursão por suas veredas. Seria necessário descansar ao tronco de suas árvores, conhecer seu microcosmo, sentir o odor e seus cheiros, perceber a textura, as formas e cores de suas folhagens. Precisaria me defrontar com as certezas e incertezas de seu solo e retornar ao começo da senda escolhida com a sensação de que em uma nova incursão, seus caminhos ainda me revelariam elementos desconhecidos.

Estaria assim, em contato com a complexidade e os movimentos cíclicos do bosque, vivenciando o estado de vida e degeneração de suas espécies, percebendo o conjunto de significações que traduzem a sua existência em si mesma.

A ação de pesquisa refletida através da analogia de desvendamento das sendas desenhadas pelas folhagens em um bosque, me sugere pensar no estado permanente de buscas e escolhas as quais o objeto de investigação pode me sugerir.

Nesse sentido, a fim de perceber a complexidade dos materiais didáticos da *Escola do Rádio*, percorri o caminho de leitura que neles estava sugerido, articulando o ouvir, pintar, desenhar, ler e escrever na formulação das atividades que se apresentavam através da interrelação entre a locução radiofônica e o desvendamento das formas, linhas, cores e imagens materializadas nos livros de estudo.

Através desse itinerário de investigação, percorri as sendas do objeto da pesquisa, enveredando pela concepção de material didático formulada pelo Programa “Escola do Rádio”, na busca de compreender como se deram as formas

e maneiras de sua utilização pelos alunos e professores que participaram do programa, bem como quais as representações de ensino e aprendizagem acerca do processo de alfabetização que neles estão configuradas.

Dessa forma, o método da pesquisa funda-se na “complexificação da consciência” sugerida por Barbosa Jr (2002), através da articulação entre o objeto de estudo e as apropriações teóricas que possibilitaram pensar essa investigação de análise educacional na perspectiva de abordagem da História Cultural.

1.4– As áreas do conhecimento que inspiraram a investigação

No percurso da pesquisa, compreendi através da leitura dos referenciais teóricos eleitos, que o movimento de “complexificação da consciência” sugerido por Barbosa Jr (2002) só torna-se possível quando na perspectiva da busca e invenção dos procedimentos de abordagem do objeto de investigação, o pesquisador preserva o sentido grego do termo *teoria* referente à “especulação ou vida contemplativa”. (Brugger, 1962).

Theoria, como apresenta Brugger (1962), expressa “conhecimento puro, a pura consideração contemplativa”, sugerindo na construção do seu campo semântico uma atenção concentrada sobre um objeto de investigação, requerendo nessa atividade de atenção, a utilização do conhecimento, a ação de pensar, refletir, reformular, indagar. Essa ação conduz a descoberta de novos fatos, construindo o conjunto de idéias que confirmam a teoria.

Ainda na busca de compreender a etimologia do termo *teoria*, encontrei uma outra dimensão do seu campo semântico na Grécia em convergência com o

sentido apresentado anteriormente. Segundo Alvagnano (1999), a palavra teoria significou para os gregos “a visão que conexiona fatos” produzidos por uma construção especulativa do espírito que “conexionam as conseqüências a princípio, que revelam leis, que ligam fatos ou as idéias, ou as explicam”.

Dessa forma, partindo da concepção de teoria como um conjunto de formulações construídas pelo espírito especulativo que, através da relação que envolve conhecer e pensar, produz novas descobertas, os pressupostos teóricos utilizados na pesquisa, são compreendidos como elementos mediadores das apropriações que permitiram as formulações de idéias sobre o objeto investigado.

Esse movimento de formulações me fez pensar na astúcia do senhor Palomar, personagem da ficção de Ítalo Calvino (1994), que objetiva realizar a observação de uma simples onda no amálgama de movimentos, espumas e volume de água em que estão envolvidas as ondas do mar. Vejamos, na construção desse ato de observação as nuances do espírito especulativo:

A crista da onda vindo para frente ergue-se num determinado ponto mais do que outros e é ali que começa a se pregar de branco. Se isto acontece a certa distância da praia, a espuma tem tempo de resolver-se sobre si mesma e desaparecer de novo como que tragada e no mesmo momento tornar a invadir tudo, mas desta vez surgindo de baixo, como um tapete branco que soergue a fímbria para acolher a onda que chega. Porém, quando se espera que a onda role sobre o tapete, damos-nos conta de que já não existe mais a onda, mas apenas o tapete, e mesmo esse rapidamente desaparece, torna-se uma cintilação de areia alagada que se retira veloz, como se para contê-lo houvesse um expandir-se da areia seca e opaca avançando seu rebordo ondulado (p. 8).

Especular o movimento de uma só onda no mar, requer do senhor Palomar compreender o sentido do próprio movimento que as ondas do mar revelam na

praia; significa mergulhar nas suas formas e perceber o registro certo a ser desvendado pelo olhar.

Tomando como modelo o desenho das ondas, a praia avança na água pontas apenas esboçadas que se prolongam em bancos de areia submersos, como as correntes os formam e desfazem a cada maré. Foi uma dessas línguas baixas de areia que o senhor Palomar escolheu como ponto de observação, porque as ondas nelas batem obliquamente de uma parte e de outra, e ao cavalgar por cima da superfície semi-submersa vão encontrar-se com as que chegam da outra parte. Assim, para se compreender como uma onda é feita é necessário ter-se em conta esse impulso em direções opostas que em certa medida se contrabalançam e em certa medida se somam, e produzem um quebrar geral de todos os impulsos e contra-impulsos no mesmo alagar de espuma. (p;9)

Nesse sentido, buscando uma analogia com o universo de experimentação vivenciado pelo olhar especulativo do senhor Palomar, o espírito de especulação apresenta-se nesse trabalho através do olhar lançado sobre os materiais didáticos da “Escola do Rádio”, os quais foram observados, pensados e analisados a luz da apropriação de um repertório teórico. Tal apropriação me permitiu identificar as peculiaridades desses materiais como elementos que os tornam únicos e ao mesmo tempo indiciam o sentido da existência de materiais didáticos no contexto da Educação de Jovens e Adultos ao longo de sua história.

Nessa perspectiva, a discussão teórica do trabalho está balizada em duas áreas de conhecimento. A História, concentrando minhas leituras no campo da História Cultural e a Educação, na especificidade da educação de pessoas jovens e adultas.

Assim sendo, o estudo foi inspirado nas reflexões teóricas do historiador Roger Chartier e nas formulações sobre educação de pessoas jovens e adultas propagadas pelo educador Paulo Freire.

A interlocução com as obras desses autores media nesse trabalho a tecitura da inter-relação entre história, educação e alfabetização através do diálogo entre os conceitos de prática cultural e apropriação utilizados por Roger Chartier, as concepções de apropriação da leitura e escrita e o sentido de cultura no processo de alfabetização de jovens e adultos formulado por Paulo Freire.

Essa Inter-relação possibilitou a construção de uma reflexão teórica acerca das relações intrínsecas entre o passado e o presente da alfabetização de jovens e adultos por meio dos instrumentos idealizados para execução da prática pedagógica e sua ação cultural entre os sujeitos e seus espaços sociais.

A relação entre o passado e o presente da alfabetização nessa investigação, é caracterizada pelo próprio material didático que traz em si uma maneira de ler, uma forma de aprender e ensinar através do rádio, um veículo de comunicação, que tem ainda hoje, apesar do advento da imagem televisiva, uma forte influência no cotidiano urbano e rural de algumas regiões brasileiras.

À luz das proposições teóricas da História Cultural, percebi o conteúdo interdisciplinar dessa investigação voltado para as relações existentes entre Educação e História. Essa abordagem teórica fundamenta o reconhecimento de novas fontes, elegendo os fenômenos da vida cotidiana e o conjunto de suas representações como elementos constituídos através das práticas culturais vivenciadas pelos sujeitos na relação com uma realidade dada a ler.

A História Cultural define a compreensão da realidade a partir das representações constituídas social ou culturalmente. Entretanto, essas representações estão sujeitas a variações tanto no tempo quanto no espaço, permitindo a realização de um diálogo com a Sociologia, a Antropologia, a Linguagem, a Política e outras áreas afins na tentativa de pensar o objeto de investigação imerso em uma análise complexa relacionada à problemática do mundo enquanto representação. É o que revela Burke (1999), quando se refere a percepção da realidade social pelo homem:

Nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra (p.26).

Dessa forma, minhas inquietações foram encontrando ressonância nas interlocuções construídas através das leituras que refletiam sobre a alfabetização e suas práticas pedagógicas, bem como as práticas culturais de leitura e escrita enquanto objetos de investigação situados nessa abordagem teórico-metodológica.

O campo de estudo da História Cultural originou-se a partir do movimento dos Annales no final da década de 1920, com o lançamento da revista dos Annales em 1929, “fundada para promover uma nova espécie de história...” uma história de “substituição da narrativa de acontecimentos por uma história-problema” (Burke, 1999).

Esse fato caracterizou um novo fazer na história, apontando para a necessidade de “releitura e reemprego das fontes” que se apresentavam

materializadas por dados quantitativos fatuais, expressos por feitos individuais em detrimento de um conjunto de ações coletivas concebidas à margem do processo histórico. Segundo Chartier (1990), esse novo fazer da história nos conduziu a uma mudança no foco investigativo que nos levou a perceber outros objetos de estudos historiográficos, requerendo “a invenção de novas fontes próprias para restituir as maneiras de pensar ou sentir”.

Refletir a análise educacional dessa pesquisa utilizando à abordagem da História Cultural, permitiu-me encontrar novos rumos em torno do uso dos materiais didáticos direcionados às práticas da leitura e escrita, bem como dos processos de suas apropriações no contexto da alfabetização relacionados aos momentos e espaços diferenciados de sua organização a partir das relações historicamente construídas.

Dessa forma, investigar os materiais didáticos do Programa Escola do Rádio, significa configurar uma comunidade específica de professores e alunos e perceber a complexidade dessa prática educacional e suas representações na alfabetização de pessoas jovens e adultas.

Essa discussão apresenta-se em torno das formas e maneiras de apropriação da escrita a partir dos seus portadores textuais que indiciam a constituição das práticas de leitura como práticas culturalmente construídas.

Nesse trabalho, o conceito de prática de leitura e escrita designa a existência de um leitor real, munido de vontades e desejos particularizados em sua individualidade e compartilhados coletivamente no curso de suas atividades cotidianas enquanto prática cultural (Chartier, 1999).

Para Chartier (2004), as práticas culturais se articulam a partir das representações pelas quais os indivíduos constroem o sentido da sua existência, fazendo reconhecer uma identidade social, uma forma de exibir de maneira própria o estado de estar no mundo significando um “estatuto e uma posição”. O sentido de práticas culturais para o referido autor volta-se para os “atos e as maneiras como os homens dão significação ao mundo que é seu” (p. 18).

É nessa perspectiva que é traduzida no trabalho, a prática das apropriações de leitura e escrita no contexto da alfabetização de jovens e adultos, postulando o conceito de alfabetização como fenômeno histórico-cultural que implica na apreensão de saberes constitutivos ao uso social desse conhecimento e, não apenas como apropriação do código lingüístico.

As práticas de leitura e escrita enquanto práticas culturais trazem em si as representações do mundo e configuram-se em suas diferentes formas de apropriação. O conceito de apropriação figura em Roger Chartier (2004) como as condições e os processos que concretamente determinam as operações de construção de sentidos. Nesse sentido, o autor define os processos de apropriação como formas diferenciadas de interpretação.

A apropriação, tal como entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceber os processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras relações também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais variáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.(p;27)

O conceito de apropriação formulado por Chartier (2004) possibilita compreender, na análise dos materiais didáticos utilizados pelo Programa Escola do Rádio, a percepção das formas diferenciadas de interpretação como operações de construção de sentidos, direcionadas não apenas para as relações de leitura, mas para a compreensão do sentido da alfabetização em uma determinada comunidade de educandos e educadores, a partir de uma prática pedagógica específica.

Dessa forma, o sentido de apropriação no conjunto dessa investigação está em caracterizar as práticas que constituíram de diferentes formas as apropriações acerca do material didático da *Escola do Rádio*, que circulou numa determinada sociedade, compartilhando com seus indivíduos a dimensão do ato de ensinar e aprender através do rádio.

Segundo Chartier (1994), as práticas individuais e coletivas, caracterizam-se como práticas culturais e emergem da cultura enquanto produção dos indivíduos em sociedade. Nesse sentido, o autor atribui ao termo cultura dois significados:

Aquela que designa as obras e os gestos numa dada sociedade justificam uma apreensão estética e intelectual; e aquela que exprime a maneira através da qual uma comunidade- não importa em que escala – vive e pensa a sua relação com o mundo, com os outros e com ela mesma (p.8-9)

O conjunto das proposições acerca dos conceitos de prática cultural e apropriação articulados por Chartier (1994), encontram uma ressonância nas formulações acerca da educação de pessoas jovens e adultas propagadas por Paulo Freire, tornando relevante o diálogo entre esses dois autores, na

perspectiva de pensar, nessa pesquisa a inter-relação entre Educação, História Cultural e o processo de alfabetização de jovens e adultos na atual configuração da sociedade contemporânea.

Para Freire (1977), o sentido da construção de um processo educativo se constitui através da materialização de uma prática pedagógica que conceba o homem enquanto sujeito de criação e recriação, “interferidor” eminente no seu espaço sociocultural. A compreensão da relação entre homem e sociedade precede a organização da prática educativa, bem como fundamenta na teoria educacional freireana as análises de existência das ações humanas no âmbito da história e da cultura.

Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da história e o da cultura (p. 41).

Nessa perspectiva teórica, a prática educativa formula-se a partir da reflexão sobre o homem através de suas práticas em sociedade que se organizam nas relações que os indivíduos “temporalizados e situados” constroem de forma histórica e cultural.

A Educação formaliza-se como um dos instrumentos dessa historicidade cultural humana, a partir do momento que possibilita a existência de uma formação na qual para Freire (1977) o indivíduo exercerá a sua “condição ontológica de ser sujeito” e assim problematiza a sua realidade concreta reconhecendo-se, e fazendo-se reconhecer no “jogo criador” de produção de

cultura. Dessa forma, ao fundamentar seu projeto educativo, Freire indica como instrumento o reconhecimento de que:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade, vai humanizando-a, vai acrescentando a ela algo que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura (p.43).

Quando discute o termo cultura, Freire (1977) utiliza-o como base da produção educativa, instituindo a necessidade de pensarmos a formação humana e o processo de alfabetização de adultos, a partir da apropriação do conceito antropológico de cultura.

Assim sendo, Freire (2001) me convida a pensar que a produção do conhecimento, sugerido na sistematização do processo de alfabetização antecede a identificação do código lingüístico, o qual passa a ser mais um elemento de complexificação do conhecimento e não aquele que o determina.

Por isso é preciso constatar essa coisa óbvia: que o bicho gente, muito antes de desenhar e fazer a palavra escrita, falar a palavra e, muito tempo antes de desenhar, "leu" o mundo dele, leu a realidade dele. Talvez pudesse dizer que muito antes de escrever a palavra, ele escreveu o mundo, isto é transformou o mundo sobre o qual falou para, depois, escrever o falado (p.136).

Se para Roger Chartier (2004) as condições e os processos vividos pelos sujeitos determinam as operações de construção de sentidos, para Paulo Freire conforme o fragmento citado, o homem antes de escrever a palavra escreveu o mundo, transformou o mundo apropriando-se e construindo as condições para codificar o mundo apropriado.

Assim sendo, a concepção de operações de construção de sentidos como um elemento da alfabetização e do ato de ler caracteriza o processo alfabetizador no projeto educacional freireano.

A relação da concepção de apropriação entre os dois autores me permite sugerir que as faces da historicidade humana em suas formas coletivas e individual formulam a historicidade de suas apropriações de conhecimento. Essa relação emergiu no curso da pesquisa como o elemento que impulsiona o fazer significativo no processo de alfabetização de jovens e adultos, estabelecendo a mudança do foco investigativo nesse processo que concebia o ato de ler como uma estrutura imutável, para a percepção da existência de sujeitos e práticas que revelam imagens de cultura.

Essas formulações me fazem acreditar que a prática educativa da alfabetização no contexto contemporâneo envolve uma compreensão do sentido que este fenômeno cultural produz socialmente em determinada comunidade a partir da relação constituída com os sujeitos a quem se destina e os instrumentos culturais de sua mediação e produção.

Nesse sentido, os materiais didáticos que mediam a realização da prática educativa direcionada à alfabetização, são instrumentos culturais que circulam no meio social e carregam em si uma representação da leitura e escrita e suas formas de apropriação orientadas a partir da sistematização escolar.

Na perspectiva de análise e compreensão dos conceitos de prática cultural, apropriação e cultura, busquei compreender como o material didático da *Escola do Rádio*, constituído de dois livros intitulados, Livros de Estudo e os programas radiofônicos estava formulado.

A tarefa que me cabia no instante em que me deparei com esses materiais, seria mais que descrevê-los em uma análise acerca do processo de alfabetização proposto. Fazia-se necessário examinar em que medida a proposta de alfabetização à distância efetiva-se na articulação desse projeto educativo.

Ao examinar a proposta pedagógica que esses materiais sugeriam, a aprendizagem da leitura e escrita através do rádio, a primeira de nossas percepções se deu em torno das relações entre o passado e o presente da alfabetização de adultos relacionadas ao tema das práticas de leitura e escrita.

Nesse sentido, compreendi que as práticas de leitura e escrita historicamente construídas, entrecruzam-se com a história das políticas públicas e das práticas educativas para alfabetização de jovens e adultos ao longo da própria história da educação na Paraíba e no Brasil.

Outro aspecto que julguei relevante na investigação desses materiais é a contemporaneidade de sua existência, seu período de circulação e as formas de apropriação do escrito, sugeridas em um tempo que registra a terceira revolução tecnológica ocidental da leitura e escrita⁶, relacionada aos seus suportes textuais que indiciam outras representações do ato de ler e escrever (Chartier, 2002)

Assim sendo, passei a questionar: como esses materiais se interrelacionavam? Quais os aspectos mais relevantes do processo de ensino-aprendizagem que estava sendo proposto por eles? Como os alunos se relacionavam com os materiais no momento em que ouviam as aulas sem a

⁶ Essa discussão é realizada por Roger Chartier, como um processo de construção histórica das representações do escrito e materialização de novos procedimentos do ato de ler que vai sofrendo transformações do manuscrito ao texto eletrônico.

presença do professor? Como se deu o processo de mediação e inter-relação entre esses materiais e os educandos nas aulas presenciais e à distância?

Dessa forma, através do sentido que atribuí ao método e da incursão nos campos histórico e educacional, busquei entender o discurso utilizado para justificar o material didático elaborado e as formas de sua utilização no cotidiano das aulas do Programa Escola do Rádio, procurando identificar sua função social e o sentido de sua existência para a construção das práticas culturais de leitura e escrita no processo de alfabetização de jovens e adultos.

1.5 As fontes e as estratégias de abordagem do objeto de pesquisa

A necessidade de compreender a utilização do material didático do Programa “Escola do Rádio” realizado como uma política de governo para a erradicação do analfabetismo de pessoas jovens e adultas no Estado da Paraíba no ano de 2002, conduziram a pesquisa à invenção⁷ e desvendamento das fontes que colaboraram com o desenvolvimento dessa investigação.

Apontando para essa tarefa de desvendamento das fontes pelo pesquisador, Lopes e Galvão (2001) informam que:

As fontes estão aí, disponíveis, abundantes, eloqüentes, ou silenciosas, muito ou poucas, mas vemos, nos trabalhos que são realizados, que existem. Mas estão também indisponíveis porque, inicialmente, é preciso que aquele que se dispõe ao trabalho vá atrás delas e só faça isso se tiver um problema, ou, no mínimo um tema. (p.78)

⁷ invenção deriva do termo latino **inveniere** e significa encontrar. Portanto, encontramos novas fontes de onde extraímos dados importantes para abordar e compreender melhor o nosso objeto de estudo.

As autoras ainda ressaltam serem as fontes a matéria prima do pesquisador, a qual necessita munir-se tanto do rigor, quanto da invenção e sensibilidade, para analisar o que tem em mãos. Sua busca se assemelha à garimpagem de pedras preciosas, cuja imagem é ofuscada pelo falso brilhante refletido à luz do sol causticante embaçando a visão do garimpeiro que necessita lapidar os movimentos dos rústicos dedos para realizar o tateamento incessante à procura da riqueza prometida.

Essa riqueza é traduzida nesse trabalho através do processo de desvendamento das fontes, realizado por meio do movimento de produção das estratégias de abordagem do objeto investigado. Esse movimento possibilitou a compreensão do objeto de pesquisa a partir da relação com os sujeitos envolvidos, o lugar; a forma e o conteúdo que sugerem a apropriação da leitura e escrita na alfabetização de jovens e adultos.

A compreensão construída acerca do significado de estratégia, está relacionada ao sentido que foi atribuído ao método nessa investigação, e compreende as ações instituídas para a realização da abordagem do objeto de pesquisa.

Essas ações foram construídas a partir do repertório de leitura acerca dos referenciais teóricos utilizados, do exame paciente sobre o material didático e da observação do lugar onde o mesmo foi utilizado, na perspectiva de constituição das fontes que possibilitariam a realização de uma análise minuciosa do material didático do Programa “Escola do Rádio”.

Nessa perspectiva, o método da investigação viabilizou a construção das estratégias que materializaram a pesquisa. A relação entre método e estratégia

nesse trabalho tem como referência o significado de estratégia discutido por Morin (2000):

A estratégia [...] elabora um cenário de ação que examina as certezas e as incertezas da situação, as probabilidades, as improbabilidades. O cenário pode e deve ser modificado de acordo com as informações recolhidas. Os acasos. Contratempos ou boas oportunidades encontradas ao longo do caminho. [...] Deve, em um momento, privilegiar a prudência, em outro, a audácia e, se possível, as duas ao mesmo tempo. [...] É na estratégia que se apresenta sempre de maneira singular, em função do contexto e em virtude do próprio desenvolvimento, o problema da dialógica entre fins e meios. (p.90-91)

Assim sendo, adotei como primeira estratégia na construção e desvendamento das fontes para compreender o uso dos materiais didáticos do Programa “Escola do Rádio” na Paraíba, a realização da entrevista exploratória.

O reconhecimento prévio do campo a ser investigado se deu primeiramente através do contato com o representante do ISAE (Instituto Superior de Administração e Economia), no escritório sede da “Escola do Rádio” localizado no município de João Pessoa/PB em julho de 2002.

Essa primeira incursão na busca de identificação das fontes tem sua orientação respaldada nas contribuições do historiador Thompson (1992), que considera a importância da realização da entrevista exploratória um elemento de grande valia para o pesquisador no que concerne ao mapeamento do campo empírico e o recolhimento das idéias e informações iniciais para a constituição das fontes ao longo da pesquisa.

Nesse sentido, a entrevista exploratória com o representante do ISAE na Paraíba, possibilitou o conhecimento da estrutura técnica, administrativa e pedagógica do Programa, bem como forneceu informações sobre os possíveis

documentos escritos a serem consultados como fonte em nossa trajetória investigativa.

Conforme o exposto, o desvendamento das fontes nesse estudo foi um processo construído a partir do depoimento oral de alguns sujeitos envolvidos no Programa, que revelavam a cada fala, a cada encontro, um dado novo, uma peça de grande valia na montagem do quebra-cabeça que constituiria as informações da análise.

Dessa forma, fui realizando o entrecruzamento das fontes. Os depoimentos orais conduziam a investigação à existência de alguns documentos escritos, e a leitura de tais documentos me fizeram compreender melhor a estrutura do Programa e optar pela realização de entrevistas com alguns dos profissionais que compuseram a estrutura de organização e aplicação do mesmo.

Nesse momento, houve uma multiplicação das informações e a segunda estratégia adotada foi os procedimentos de classificação dessas informações, segundo a forma material das fontes, o que viabilizou a construção da pesquisa através da análise de fontes orais e escritas.

Os documentos escritos que classifiquei como fonte, constam de um relatório de atividades relacionadas ao *Programa Escola do Rádio*, que registra desde a apresentação da proposta curricular do Programa pelo ISAE, ao parecer a respeito do mesmo, emitido pela coordenadora da COEJA ao gabinete do governador, bem como o relatório final assinado pelo Professor Moacir Gadotti, então diretor do Instituto Paulo Freire.

As fontes orais foram definidas a partir de um *corpus* de testemunhos constituído a princípio por pessoas que assumiram funções específicas no

Programa Escola do Rádio, no município de Guarabira: três professoras, duas articuladoras, oito alunos e uma supervisora. Por uma questão hierárquica, outras pessoas que estavam ligadas direta ou indiretamente ao programa, também constituíram o *corpus* do trabalho. O atual chefe da 2ª Regional de Ensino, que exercia a função de secretário municipal de Educação de Guarabira na época da realização do Programa, a coordenadora da COEJA no ano de 2002 e a funcionária responsável pela transmissão do programa na Rádio Cultura de Guarabira.

No curso da pesquisa, fui percebendo a necessidade de ouvir além desse *corpus* já instituído, pessoas que estavam ligadas à área de educação de pessoas jovens e adultas na rede oficial de ensino do município, de instituições não governamentais, funcionários de outras áreas da cidade, bem como moradores do lugar.

Realizei entrevistas com um dos proprietários de rádio da cidade, com o secretário de cultura, dois funcionários do Serviço de Educação Popular – SEDUP, uma ONG que foi a pioneira no município com o trabalho direcionado para alfabetização de jovens e adultos e com um padre da arquidiocese.

A partir da década de 1960, o uso da entrevista como fonte oral vem sendo difundida e fundamentada por uma comunidade de pesquisadores que tem na História Cultural a perspectiva de abordagem para suas investigações. Thompson (1992) discute que seus usos e direcionamentos podem diversificar de acordo com a intencionalidade da pesquisa e o tema pesquisado, deixando nas mãos do pesquisador a escolha da melhor forma de sua realização.

Para Thompson (1992), o entrevistador define a forma de realização da entrevista, utilizando-se de métodos que facilitem a sua construção.

Ser bem sucedido ao entrevistar exige habilidade [...] e o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade de método que, para ele, produz os melhores resultados e se harmoniza com sua personalidade (p. 254).

O sentido da entrevista para o autor está no valor que o depoimento tem com relação ao aprendizado acerca do tema pesquisado, fato este que vai requerer do pesquisador o espírito de aprendiz, a paciência de ouvir em silêncio a preciosa fala da testemunha, seja um depoimento eloqüente, repleto de informações, ou aquele cujo conteúdo nos parece evasivo.

A realização da entrevista materializa a invenção do depoimento oral e institui um status de fonte diferenciado, que requer do pesquisador critérios de análise precisos, caracterizados por etapas que envolvem desde a escolha da testemunha, a rigorosidade, sensibilidade e percepção aguçada para discernir sobre a fidedignidade do depoimento.

A esse respeito, Voldman (2000) revela que:

A fonte oral, seja provocada por aquele que irá servi-se dela para sua pesquisa, seja utilizada por um outro historiador, tem a priori um status de fonte. Essa diferença radical não dispensa, contudo, um tratamento crítico (contexto geral e particular, data, forma, natureza etc.) do testemunho solicitado (in: Amado e Ferreira, p. 2).

Nesse sentido, a busca por novas fontes não se deu nesse trabalho apenas pela compreensão de sua importância no curso da pesquisa; mas também, pela necessidade de ampliação do número de dados e informações contidos nos

documentos escritos que condicionava o entendimento quanto ao processo de produção e utilização do material didático investigado.

A fonte oral permitiu uma aproximação dos processos de apropriação vivenciados pelos sujeitos que utilizaram o material didático do *Programa Escola do Rádio*.

O Programa Escola do Rádio, que produziu o material didático estudado, foi realizado como uma política de governo concomitantemente ao período das eleições municipais em todo o país no ano de 2002. Esse fato pode ter contribuído para que os registros não tivessem sido construídos com muita precisão.

A escassez de documentos escritos pode ter ocorrido devido a mudança de coordenação da COEJA após a vitória, nas eleições municipais, do candidato adversário do então governador do Estado da Paraíba.

No curso da pesquisa, a forma de construção das entrevistas foi diferenciando-se de acordo com as testemunhas eleitas. Nesse momento, as entrevistas foram realizadas a partir de uma pergunta norteadora comum ao grupo de profissionais intencionando a construção de depoimentos que pudessem ser posteriormente comparados. Dessa forma, as testemunhas iniciavam falando de como foram selecionadas para participar do Programa.

Esse procedimento na construção da entrevista revela-se como uma tarefa do pesquisador ao investigar objetos imersos na atualidade contemporânea, produzindo dessa forma, além da invenção de novas fontes, o entrecruzamento das informações na tentativa de compreender de modo amplo e profundo os diversos aspectos do objeto pesquisado.

Na entrevista realizada com a então coordenadora da COEJA, quando questionamos a respeito da origem do Programa na Paraíba, pude perceber que algumas das atividades como a avaliação institucional do Programa que constava no cronograma do relatório, como uma das atividades a serem desenvolvidas, não foi realizada. Esse fato é evidenciado na fala dessa testemunha.

O instituto realizou uma avaliação final da aprendizagem dos alunos por amostragem, o relatório foi entregue e assinado por Moacir Gadotti, mas a avaliação institucional ainda não foi feita... eu sai da coordenação da COEJA no dia 25 de março, há dois dias...

Essa situação é identificada no trabalho como uma das permanências históricas instituídas na prática política do nosso país; tanto a não produção de documentos que condensam ou possam vir a registrar dados importantes das políticas de governo e políticas públicas, quanto sua perda na destruição.

Essa prática histórico-cultural brasileira, como a queima de arquivos que possam comprometer as instituições e seus representantes, se constitui em um traço político descomprometido com o registro da nossa história.

A exemplo disso, podemos citar a queima de materiais realizada pela ditadura militar que deixou como herança a escassez, e em alguns casos a inexistência de documentos públicos de muitos trabalhos sobre alfabetização de jovens e adultos realizados em meados da década de 1960, bem como a desorganização de alguns arquivos públicos, que ainda hoje, em determinados lugares, não conseguiram criar um sistema de catalogação de materiais relacionados à práticas educativas desenvolvidas em outros momentos da história.

No Estado da Paraíba podemos citar como exemplo da falta desses registros, a inexistência da catalogação das cartilhas utilizadas no SIREPA (Sistema Rádio Educativo da Paraíba), que em nossa incursão ao Arquivo Público do Centro Cultural localizado na cidade de João Pessoa – PB, não conseguimos encontrar.

Diante desse fato, percebi a urgência que se fazia para que as vozes fossem ouvidas. Vozes que pudessem delinear o uso do material didático produzido pelo Programa “Escola do Rádio” como instrumento mediador de apropriações no processo de alfabetização. Suas relações com as peculiaridades desse povo, com as práticas culturais existentes na região, com o material escrito que circula no lugar, com os anseios de leitura da população de jovens e adultos analfabetos que participaram dessa prática educativa.

O itinerário de pesquisa consistia em ouvir pacientemente as testemunhas e percorrer em busca das novas informações que se delineavam em torno dessas falas.

O atento trabalho de transcrição dos depoimentos, a percepção das minúcias das falas proporcionou-me a realização posterior de uma leitura que entrecruzava oralidade e escrita, viabilizando a percepção de contradições nos depoimentos, tornando possível uma análise mais completa quando realizei o entrecruzamento entre os depoimentos e alguns fatos registrados no relatório de atividade do Programa construído pela COEJA.

A leitura dos depoimentos também me possibilitou um contato inicial com a história do lugar, precisamente o depoimento registrado na entrevista com o atual

diretor da 2ª Regional de Ensino, o Sr. Persinaldo, um historiador que me forneceu em seu depoimento informações preciosas sobre a cidade de Guarabira.

Entre muitas dessas informações, está a história da radiofonia em Guarabira, a relação do povo com o rádio, com o futebol, a devoção a Frei Damião refletida na imagem no alto da Serra da Jurema que circunda a cidade, as lembranças de Guarabira como grande centro produtor de cordel do Nordeste na década de trinta e a recordação dos quatro cinemas existentes na cidade até meados da década de setenta.

A partir da análise dessa entrevista, decidi adotar como terceira estratégia da investigação a observação do lugar. Passear pelas ruas da cidade, compartilhar, mesmo que de forma distante, de alguns momentos com seus transeuntes, deliciar-me com seus sabores, sentir o exalar de seus cheiros e odores, ouvir seus rumores e falas em meio à complexidade cotidiana, tornaram-se ações significativas.

Observar, em silêncio, os ouvintes da Rádio Comunitária me fez compreender a importância desse instrumento de comunicação para a população local. Essas pessoas ficam sentadas em bancos de concreto ou madeira a ouvir as notícias emitidas pela Rádio através do sistema de som instalado em pontos estratégicos das praças na região urbana da cidade.

Caminhei pela “Rainha do Brejo” paraibano a fim de perceber a organização da cidade. Ao mesmo tempo que encaminhava e organizava a pesquisa, fui conhecendo algumas práticas culturais do lugar. Na entrevista que realizei com Monsenhor Nicodemos, tomei conhecimento da tradição religiosa que comemora com uma grande romaria a festa de Nossa Senhora da Luz, padroeira da cidade.

A pesquisa me proporcionou ver de perto a festa sacra e observar os fieis percorrerem a cavalo o caminho serpenteado na serra, desbravado pela mão humana, cujo destino final é a grande estátua de Frei Damião, segunda maior imagem de concreto erguida no país.

As informações não esgotavam minhas curiosidades sobre a formação dessa cidade, sua organização política, sua produção econômica e cultural. O desejo de conhecer ainda mais sobre suas peculiaridades, a fim de tornar a análise sobre o objeto mais consistente, levou-me a percorrer as bibliotecas da cidade vasculhando os escritos que pudessem me informar sobre outros feitos do lugar.

Na Biblioteca Municipal encontrei duas produções sobre a cidade: o livro “Itinerário Histórico de Guarabira” produzido pelo jornalista guarabirense Moacir Camelo, membro de uma família tradicional da cidade, e a monografia produzida no curso de especialização em Educação Física da UFPB, orientada pelo professor Wilson Honorato Aragão, que conta a história do futebol em Guarabira.

O texto do livro “Itinerário Histórico de Guarabira” conta a história oficial da cidade, sua formação social, geográfica, econômica e política desde a colonização ao início da década de noventa, retratando a história dos grandes nomes, uma constituição cidadina, cujas práticas culturais cotidianas de seu povo não estão explícitas no registro.

Ao me debruçar sobre a leitura dessa história da cidade, percebi que não era apenas esse itinerário histórico que deveria constar nesse trabalho, senti a necessidade de ler sobre as contradições econômicas, políticas e culturais,

compreender porque Guarabira é considerada a “Rainha do Brejo”, entender o que é o Brejo.

Mesmo admitindo-me estranha ao espaço e à cultura investigada, preocupava-me em não lançar um olhar de estrangeira sobre o Brejo. Procurei entranhar o que me parecia estranho, permiti que minha alma fosse marcada pelas impressões de sua vegetação, clima, geografia, cultura, economia e política. Busquei me inserir no cenário que configura a identidade histórica e cultural do povo que o habita.

Não queria construir registros que descrevessem os horrores da terra em detrimento da beleza, ou enfatizassem a simplória beleza que não revela a sutileza e a força dos que mesmo cooptados pelo Estado Leviatã⁸, produzem a resistência e constroem bases materiais concretas de existência através de suas práticas culturais.

Almejei ter o cuidado de não repetir o feito de Euclides da Cunha ao descrever o Sertão de Canudos e seu Povo a partir da ótica de quem só teve o contato cultural com as planícies molhadas, o cheiro de capim verde, a produção farta e a pobreza urbana que não conhece o desalento e o contentamento de ter fé pela terra e extrair do solo ardente e seco a esperança como alimento da alma e da matéria.

Dessa forma, minha investigação pelas bibliotecas da cidade continuou na sede do SEDUP. A informação de que na instituição poderia encontrar outros registros me foi fornecida por uma funcionária da Biblioteca Municipal.

⁸ “O Leviatã” de Tomas Hobbes – pacto social de transferência do poder de ação humana ao Estado. “O contrato é estabelecido unicamente entre os membros do grupo que, entre si, concordam em renunciar a seu direito, a tudo para entregá-lo a um soberano encarregado de promover a paz”.

No SEDUP, pude ter acesso a duas dissertações de mestrado: uma sobre a situação política da Região do Brejo e outra sobre a política de alfabetização dos trabalhadores dos canais realizados por essa instituição. Além das dissertações encontrei uma tese de doutorado que discute sobre a gestão política dos recursos públicos na cidade de Guarabira, bem como programas de rádio de cunho educativo produzidos por essa ONG na década de oitenta.

Ainda na instituição, tive acesso a um livro de formação sindical produzido pela CUT, que propunha uma discussão política sobre a região do Brejo, contendo na introdução uma explicação sucinta sobre a constituição dessa região paraibana.

A cidade, aos poucos, foi desvendando-se aos meus olhos estrangeiros e o objeto de pesquisa adquirindo um corpo investigativo mais significativo, conduzindo-me a percepções mais complexas de abordagem identificadas nos depoimentos orais, nas observações realizadas no lugar e nas leituras que os registros escritos foram me fornecendo.

Nessa configuração, os materiais didáticos do *Programa Escola do Rádio* adquiriram um sentido enquanto objeto de pesquisa que transcendia a sua forma material e ganhava corpo através dos espaços por onde circularam, dos alunos que os utilizaram como instrumento de aprendizagem da leitura e escrita e dos profissionais que os denominaram mediadores do ato de ensinar na alfabetização.

Das fontes, emergem para mim as categorias que ajudam na análise desse trabalho: ordem, tempo e espaço. A escolha dessas categorias está relacionada à imagem construída pela prática educativa que objetiva, de forma simbólica, levar a

escola para casa constituindo uma determinada configuração do ato de aprender a ler e escrever.

Essas categorias têm sua origem ainda no século XVII. Nesse período, o conceito de material didático como um dos mediadores do processo de ensino e aprendizagem já encontrava implícito no tratado de ensino pensado por Comenius, na *Didática Magna*.

Se não se estabelecem muito bem os fins os meios para atingir esses fins e a ordem dos meios, será fácil esquecer ou inverter alguma coisa, e todo o estudo de algum modo será prejudicado (p.160).

Ordem, tempo e espaço são elementos que estão imbricados na constituição dos instrumentos formulados pelo método de ensinar proposto pela *Didática Magna*.

Idealizados como instrumentos mediadores para aquisição dos conhecimentos referentes à alfabetização de pessoas jovens e adultas, os materiais didáticos do *Programa Escola do Rádio* diversificam-se em sua forma material e interrelacionam-se como elementos que dispostos em uma ordem, estipulam um tempo individual e coletivo de sistematização do ensino e aprendizagem da leitura e escrita.

Desta forma, escutar minuciosamente as aulas contidas nos CDs, exercitar o manusear das páginas do livro de estudo a cada instrução dada, fez-me em um primeiro momento, distanciar desses materiais enquanto objeto de análise, para compreendê-los enquanto fonte, rastreando os elementos da investigação,

delimitando na prática reflexiva de minhas leituras e observações, os conceitos e categorias a serem abordados na pesquisa.

O que a princípio me parecia um conjunto de textos instrucionais de caracteres imagéticos estereotipados a serem analisados, foi revelando-se enquanto proposição de uma discussão que não se limitava apenas ao material didático do Programa “Escola do Rádio”, mas fazia referência ao sentido histórico do material didático em si mesmo, na constituição do ato de ler, na sua relação com o fazer e a produção cultural dos sujeitos no processo de alfabetização de jovens e adultos.

Ao tratar as fontes em suas singularidades e entrecruzar umas com as outras na busca incessante pela delimitação da análise a ser realizada acerca do objeto de estudo, compreendi aspectos importantes do material didático da “Escola do Rádio” e identifiquei um conteúdo implícito na forma assumida por esses materiais a serem investigados por meio do diálogo entre os conceitos de prática cultural, apropriação e cultura com as categorias ordem, tempo e espaço, tecido na inter-relação entre a História Cultural e a Educação de Jovens e Adultos.

2. A RAINHA DO BREJO PARAIBANO : sujeitos, lugar e práticas culturais

*Toda a cidade é uma
lenda, tendas de ferro e
cristal. Ruas de luzes e
de penas, cenas de fogo
e jornal. (Zé Ramalho)*

Guarabira é conhecida no Estado da Paraíba, como a *Rainha do Brejo* paraibano. (Des)velar essa rainha, por meio da pesquisa implicava em pensá-la não apenas como uma cidade, mas, como o lugar escolhido para investigar o uso do material didático do *Programa Escola do Rádio*.

Busco dessa forma, configurar os múltiplos aspectos de Guarabira percebendo-os como parte integrante da análise e compreensão do objeto investigado. Essa atitude de investigação está fundamentada nos estudos que realizei sobre o sentido que Certeau (2002) atribui ao lugar na pesquisa historiográfica, caracterizando-o como um elemento singular na construção da investigação do objeto. Para esse autor, as particularidades do lugar é uma dimensão sem a qual a pesquisa fica incompleta.

Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa entendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação. Esta marca é indelével. No discurso onde enceno as questões globais, ela terá a forma do idiotismo: meu patoá representa minha relação com o lugar (CERTEAU, 2002.p.65).

Esse sentido atribuído por Certeau (2002) ao lugar, fez-me perceber a importância de configurar a cidade de Guarabira para compreender e analisar os materiais didáticos da *Escola do Rádio*.

A preocupação em compreender o material didático numa relação com as práticas culturais do lugar, encontra sua relevância no próprio documento que justifica a proposta de alfabetização à distância apresentada pelo Instituto Superior de Administração e Economia (ISAE) da Fundação Getúlio Vargas ao Governo do Estado da Paraíba, fundamentada segundo essas instituições, nos estudos de Paulo Freire e na teoria sócio-construtivista. Conforme está registrado no item 5.3.1 do Projeto Escola do Rádio.

A metodologia adotada no Programa Escola do Rádio de Alfabetização à Distância para jovens e adultos, privilegia o contexto, a significação. É uma proposta mista: é uma busca de harmonia entre o sócio-construtivismo e a pedagogia freireana, temperados pelo bom humor e o caráter popular do rádio. A proposta é respeitar a sabedoria popular, oferecendo instrumentos para que o indivíduo possa criticar, construir, ler e escrever o mundo ao seu redor (RELATÓRIO DA COEJA. 2002.p.14).

Nesse sentido, Guarabira foi o lugar escolhido como o espaço em que pessoas com seus sonhos, desejos e cultura utilizaram o material didático do Programa Escola do Rádio que circulou pela cidade durante um determinado período, mediando um processo de apropriação do conhecimento letrado.

Configurar a cidade a partir da sua geografia, sua história e suas práticas culturais foi um exercício que provocou questionamentos e formulações acerca de aspectos importantes como o modo que o material didático da *Escola do Rádio* foi

utilizado pelos estudantes e educadores durante o funcionamento do Programa em Guarabira.

Essa estratégia de abordagem do objeto surgiu da necessidade em buscar uma resposta adequada à pergunta apresentada no primeiro capítulo: *os materiais didáticos da Escola do Rádio para alfabetizar jovens e adultos, ao sugerir a apropriação da leitura e escrita consideram as práticas culturais do lugar em que vivem esses sujeitos?* O retorno ao questionamento da pesquisa me fez perceber o caminho para configurar Guarabira e descrever seus detalhes moldurados pelas peculiaridades que formulam a sua origem histórica.

2.1. Guarabira: entrada e passagem do Brejo paraibano

Guarabira é uma cidade localizada geograficamente na microrregião do Piemonte da Borborema a 98 km de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba. Fundada com o nome de Vila da Independência nos anos trinta do século XIX, transformou-se aos poucos em um pólo comercial e social da região. (CAMELO, 1999).

Em sua obra, *Itinerário Histórico de Guarabira*, Camelo (1999) sugere que o espaço no qual atualmente Guarabira está localizada surgiu como uma porta de entrada e passagem das riquezas do Brejo paraibano.

Situada nos primeiros contrafortes da Borborema e contornando o rio e a lagoa entre montes, a vila da independência crescia naqueles anos na década de 80 do século passado. Da caatinga – brotando, entre juás, palmatórias e macambiras – surgia, nativo, a seiva que lhe dava vigor ao corpo; algodão. Riquezas começaram a surgir da noite para o dia: erguem-se casarões e sótãos na rua da Matriz e nas ruas ao redor delas. O trem de passageiros e cargas cortava a cidade, trazendo progresso ao comércio local e de toda a região polarizada pelo município de Guarabira (CAMELO, 1999.p.69).

Entre os anos de 1930 e 1940, a cidade possuía uma linha férrea que mantinha um trecho de ligação com o Estado do Rio Grande do Norte e a região portuária do Recife, no Estado de Pernambuco. Nesse período, Guarabira mantinha-se como entreposto comercial desses estados que possibilitavam o contato do município com outras cidades do interior do Nordeste, como Nova Cruz, no Estado do Rio Grande do Norte, com a qual era estabelecido um comércio de trocas de diversos produtos.

Guarabira foi um ponto de passagem criado, entre outros meios, pela existência do trem de carga e passageiro que diariamente chegavam à cidade. Esse meio de transporte transformou a cidade em um eixo de aglutinação e proporcionou um fluxo de mercadoria e pessoas oriundas de várias regiões do país e do mundo.

O historiador Persinaldo dos Santos, guarabirense que atualmente é diretor da 2ª Regional de Ensino e na época da realização do *Programa Escola do Rádio* era secretário municipal de educação, evidencia na sua fala a complexidade desse momento histórico quando cita, em seu depoimento, a história da chegada do egípcio que trouxe a primeira bola de futebol para o Município.

[...] o homem que trouxe a primeira bola para Guarabira era um egípcio que estava fugindo dos terremotos [...] chegou no Brasil e se tornou técnico nas minas em Minas Gerais [...] Guarabira era a passagem, passava por aqui este trem [...] este egípcio veio nesse trem, ficou aqui e trouxe uma bola de futebol. Dizem, não sei se é folclore, que quando ele bateu a bola no chão todo mundo correu pensando que era uma bomba...

Histórias pitorescas como essa, guardam em si fragmentos de processos históricos dos quais não se encontra registros oficiais, mas, podem sugerir, que a localização estratégica de Guarabira também contribuiu na sua constituição de referência para as outras cidades, que como ela, estão situadas na microrregião do Piemonte da Borborema, bem como para aquelas que pertencem a microrregião do Brejo.

Mesmo que o trem tenha diminuído seu papel de fazer transitar pessoas e mercadorias, chegando nos dias de hoje a uma extinção do uso desse meio, o comércio continuou seu processo de expansão. Esse fato é caracterizado pela criação dos grandes armazéns de estivas que até a década de setenta abasteciam as cidades vizinhas através da comercialização de produtos produzidos na zona rural trazidos pelos agricultores para serem vendidos na cidade e pela compra de mercadorias produzidas no meio urbano pelas comunidades rurais.

Essa comercialização acontecia nas feiras livres duas vezes por semana: na quarta-feira e no sábado. Na quarta-feira, acontecia a *Feira do Sertanejo*, onde os sertanejos comercializavam os produtos que traziam do Sertão como queijo, manteiga, ovos de galinha de capoeira, carvão, caroá, sisal, e compravam produtos industrializados como aguardente, rapadura, charque, açúcar e outros

gêneros. No sábado, a feira era de menor porte e não contava com a presença das mercadorias trazidas da zona rural.

Na *Feira do Sertanejo* ainda se encontrava a presença das tradições populares relacionadas à produção cultural na área da poesia através do folheto de cordel e do verso criado pelos repentistas que comercializavam os folhetos e faziam apresentações durante o período de realização da feira.

Segundo o depoimento do senhor José Paulo, funcionário da secretaria de cultura, a década de oitenta representou a decadência desse comércio de rua, no qual além da comercialização de mercadorias do meio rural e urbano, era comercializados os produtos agrícolas produzidos pelas cidades vizinhas como Pilãosinho, produtor de bananas e Cuitegi de laranjas.

As frutas chegavam na terça a noite e na quarta eram vendidas para os sertanejos. Com a criação da rodovia do Anel do Brejo ficou mais fácil se chegar a outros centros, inclusive a capital do Estado. Hoje se gasta uma hora e trinta minutos para chegar a João Pessoa e uma hora e quarenta para chegar a Campina Grande que abastece muitas regiões do Sertão com verduras e frutas vindas do CEASA. (depoimento do Sr. José Paulo)

Através desse depoimento pode-se perceber o crescimento da região interferindo no cotidiano da cidade que, mesmo mantendo a existência da feira livre duas vezes por semana, esta se caracteriza de forma diferente. Hoje é organizada no sábado uma feira de grande porte com produtos diversificados e na quarta-feira não existe mais a *Feira do Sertanejo*, e sim uma feira de pequeno porte na qual algumas tradições, como a venda de folhetos de cordel ainda é mantida.



Uma rua da feira realizada na quarta-feira

Atualmente o comércio de Guarabira organiza-se a partir de uma nova configuração: mantem-se a tradição de um comércio de rua, representado pelas bancas de ambulantes espalhadas pela rua do antigo mercado, convivendo com magazines que comercializam produtos industrializados.

O abastecimento à cidades vizinhas ainda permanece, mas, caracteriza-se pela busca e fornecimento de outros produtos. A polarização comercial é um elemento cultural que permanece ao longo da história da cidade como um forte símbolo de representação de sua constituição enquanto *Rainha do Brejo*.

2.2 Guarabira: etimologia, religiosidade e poesia ao pé do rádio

Guarabira, cidade erguida entre as serras, tem seu nome originado na língua tupi. Segundo Camelo (1999), o significado do vocábulo guarabira nessa língua indígena apresenta-se de duas formas:

A palavra guarabira é de origem tupi. Há dúvida sobre o mesmo vocábulo que, procede do cão selvagem, “o guará dos selvagens” e para outros do pássaro do mesmo nome. E ainda da grande quantidade de imbiras existentes naquele tempo naquela região, as quais serviram de pousadas aos guarás (pássaros) (p.64).

Camelo (1999) ainda revela que padre Luiz Santiago, estudioso da toponímia de diversos lugares da Paraíba, vai denominar que a etimologia do vocábulo guarabira quando originário do tupi-guarani quer dizer guará-pora ou bira – pospositivo nominal indicando moradia – guarabira ou guarapora: moradia dos guarás.

No seu trabalho sobre a história da cidade, o referido autor registra um comentário feito pelo padre Santiago que através de suas pesquisas chega a seguinte conclusão: “Guarabira lembra o aparato faustoso das nossas garças azuis que naquela terra tinha seu berço. O que hoje vale dizer: ‘berço das garças azuis” (pp. 63/64)

Nesse sentido, percebo o nome Guarabira imerso em um campo semântico referente ao *lugar que algo guarda, ao espaço que oferece morada*. A cidade que é conhecida através da simbologia de *Rainha do Brejo* é um lugar de passagem e acolhida de transeuntes vindo dos municípios circunvizinhos, que formam uma população atendida pela rede de ensino público e privado, pelos artigos diversificados vendidos em seus magazines, pelo serviço de comunicação oferecido através de suas quatro emissoras de rádio.

Uma população passageira que, não residindo na cidade, usufrui do emprego formal e das atividades informais do trabalho ambulante. Indivíduos que fazem parte da estatística atendida pela arquidiocese da região, cuja sede é na

paróquia da cidade, bem como pelo sistema penitenciário e serviços judiciários centralizados na comarca que atende a Região do Brejo.

O movimento diário que caracteriza o cotidiano da cidade pode ser percebido na fala de um de nossos informantes, Sr. Persinaldo dos Santos, quando em seu depoimento, deixa explícito alguns dos elementos que fazem de Guarabira, a *Rainha do Brejo*

Como eu posso dizer... nós temos uma população flutuante, aquela que passa por aqui, vai e vem, trabalha... nós temos aqui na região vinte e três municípios o mais distante fica a quarenta quilômetros. Nós temos cidades que ficam a quatro, seis, dez quilômetros e essas pessoas estão todos os dias aqui... Só para situar você do ponto de vista do que é a importância geográfica da cidade, ela fica bem no meio mesmo e as demais envolta⁹ (Persinaldo dos Santos)

A terra do autor de *Pavão Misterioso*, um dos folhetos de cordel mais conhecidos do país, guarda no silêncio da Serra da Jurema, que circunda a cidade com sua mata rasteira e relevo acidentado, o testemunho de uma história registrada na memória do povo, na escrita versificada, na fala radiofônica, nas práticas culturais distintas que construíram sua identidade. Eis os versos narrativo de José Camelo de Melo, que sinalizam fragmentos de representação dessa identidade.

⁹ As falas dos informantes foram mantidas na íntegra de acordo com os registros orais adquiridos através da gravação de entrevistas.

História do Pavão Misterioso
Autor: José Camelo de Melo

Eu vou contar uma história
de um Pavão Misterioso
que levantou vôo na Grécia
com um rapaz corajoso
raptando uma condensa
filha de' um conde orgulhoso

.....
Assim disse Evangelista:

- meu engenheiro famoso,
primeiro vá me dizendo
se não é homem medroso
porque eu quero ajustar
um negócio vantajoso.

Respondeu o Edmundo:

- na arte não tenho medo
mas vejo que o amigo
quer um negócio em segredo
como precisa de mim
conte-me lá este enredo:

- Eu amo a filha do conde
a mais famosa mulher
se o doutor inventar
um aparelho qualquer
qu' eu possa falar com ela
pago o que o senhor quiser

.....
- Eu fiz um aeroplano
da forma de um pavão
que arma e se desarma
comprimindo em um botão
e carrega doze arrobas
três léguas acima do chão.

.....
Os noivos tomaram assento
No pavão de alumínio
e o monstro levantou-se
foi ficando pequenino
continuou seu o seu vôo
no rumo do seu destino

.....

A cidade é um espelho que reflete a imagem do presente moldurado pelos
detalhes do passado. Nas turvas formas de seus reflexos, o cotidiano dos

indivíduos dizem das suas continuidades, permanências e transformações que caracterizam suas práticas culturais constituindo o jogo de representações que formulam a sua historicidade.

Guarabira tem no universo de suas práticas culturais elementos diversificados de representação. A devoção à Nossa Senhora da Luz e ao capuchinho Frei Damião representam alguns desses elementos.

As práticas culturais religiosas em Guarabira nos contam de uma devoção à Nossa Senhora da Luz, padroeira da cidade, cuja história da chegada da primeira imagem da santa na região está relacionada a vinda para o Brasil do português José Gonçalves da Costa Beiriz a quem Severino Baracuhy atribui a fundação da cidade¹⁰. (CAMELO,1999).

Sabe-se que quando houve, em 1755, a 01 de novembro, em Portugal, o espantoso terremoto que, só em Lisboa, matou mais de 40.000 pessoas e destruiu a cidade, aquele que seria mais tarde o fundador de Guarabira, tomado de pânico ante o cataclisma, protestou junto a Nossa Senhora da Luz, orago de Beiriz, que se mudaria de Portugal com a família, conduzindo a veneranda imagem. Edificar-lhe-ia uma capela em outra terra não sujeita a abalos sísmicos, e nela morreria. Assim jurou e assim fez. Costa Beiriz escolhe o Brasil para sua nova Pátria. Dentro do Brasil, a Paraíba; e dentre os muitos lugares da Paraíba, elege Guarabira para substituir a sua Beiriz de Póvoa de Varzim. Atraíu-o, de certo, a feracidade da terra. Compro-a ao Padre Ferreira por 6.000 Cruzados; volta, em seguida, à Portugal e de lá traz a família. Não esquece a virgem da Luz. Cumpre a promessa, planta aqui a sua fé católica, com a mesma invocação sob cujos ofícios auspícios sagrados nascera e se criara (Guedes, 1937. Apud Camelo, 1999.p. 58).

Os intelectuais que adotam essa versão da fundação da cidade, como Celso Mariz (CAMELO,1999), registram que ao tomar posse de suas novas terras,

¹⁰ A história da fundação de Guarabira consta nos registros oficiais de duas versões. Uma atribuída a Duarte Gomes da Silveira datada do ano de 1694 e outra que indica Costa Beiriz como fundador. Essa última é a mais aceita entre os historiadores. (CAMELO; 1999.)

Costa Beiriz construiu a capela de N.S. da Luz, na qual seu filho Padre Cosme exerceu a função de sacerdote. A cidade de Guarabira foi aos poucos se formando em torno da capela.

A igreja da Virgem da Luz, erecta na elevação onde ainda hoje a vemos, não ostente, então, a importância arquitetônica, cheia desse envolvente misticismo, que os técnicos da arquitetura religiosa tanto sabem imprimir aos seus projetos e desenhos. Era, ainda, a velha igreja de taipa onde oficiava o Padre Cosme, mandado construir por Costa Beiriz, que ali entronizara um símbolo de consolação e refúgio, a imagem que ele trouxera de sua terra natal, que tinha por padroeira. Só muitos anos depois, nosso templo sofreu a ação renovadora de Inácio de Almeida, em 1908, e Emílio de Cristo, recentemente (p. 59).



Imagem atual da Matriz de Nossa Senhora da Luz

Situada no alto do centro da cidade, a Matriz de Nossa Senhora da Luz é um dos palcos de devoção do povo guarabirense e de toda região do Brejo. Nela está centralizada durante todo o mês de janeiro, a celebração da festa de Nossa

Senhora da Luz, mobilizando uma multidão de fieis em um evento que reúne sacro e o profano.

Esse momento de celebração da fé católica conta com eventos diversificados e acontece em espaços diferenciados da cidade. Na Matriz são realizados novenários abordando temas considerados importantes pela igreja. No Parque da cidade acontecem os shows com artistas locais e nacionais, evidenciando o outro lado da festa, o profano, no qual diversos grupos culturais se interrelacionam.

No estudo realizado por Chartier (2003, p. 7) acerca da investigação das “clivagens culturais que atravessam a sociedade do Antigo Regime, a festa é identificada como um elemento cultural no qual pode ser encontrado um campo de contradições que possibilitam “a apreensão das culturas populares e erudita nos seus cruzamentos e não apenas por meio do inventário dos motivos que supostamente lhes são próprios” (p. 23). Sobre essa questão Chartier (2003) revela que:

A festa, com efeito, é um dos momentos principais em que se vinculam, em termos de compromisso e de conflito, relações entre uma cultura designada como popular, ou folclórica, e as culturas dominantes. Desses encontros, a festa não é o único lugar, mas um lugar absolutamente exemplar. Primeiramente, é claro que ela se situa na encruzilhada de duas dinâmicas culturais: de um lado, a invenção e a expressão da cultura tradicional compartilhada pela maioria; de outro, a vontade disciplinante e o projeto aculturante da cultura dominante (p. 23).

A ação de doutrinação da Igreja Católica, enquanto cultura religiosa dominante, através da arquidiocese de Guarabira tem seu ápice na realização da festa de Nossa Senhora da Luz. O movimento de renovação da Igreja, voltado

para as questões mais sociais das comunidades, encontra nesse momento de celebração um espaço propício à sedimentação do cristianismo católico. O povo, imerso em suas crenças, manifesta-se de forma peculiar ao retomar as tradições reiterando sua fé e sua devoção aos ícones religiosos.

Um exemplo da retomada das tradições religiosas são as romarias com destino ao Memorial Frei Damião. Desde o ano de 2000, com a construção do Memorial, a Igreja Católica vem organizando romarias que saem da Matriz de Nossa Senhora da Luz até a estátua de 34 m de altura do frei capuchinho.



Sexta romaria ao Memorial Frei Damião

A trajetória de romeiros até a estátua de Frei Damião durante a festa de Nossa Senhora da Luz vem constituindo-se como uma nova tradição manifestada de maneira diferenciada. A cavalgada, uma procissão realizada a cavalo pelos fieis, representa uma dessas formas diferenciadas de realização das romarias.



Cavalgada realizada em março de 2004

O Memorial Frei Damião, um ícone do catolicismo nordestino, reflete em Guarabira um símbolo das relações entre as práticas culturais religiosas do povo, a ação eclesial na região e o interesse político do poder público na mobilização de recursos financeiros através da divulgação da cidade para o turismo religioso. Tais relações podem ser percebidas no folheto de cordel construído por Miriam Carlos Freire (2002).

Homenagem a: Frei Damião.

.....
O Memorial de Guarabira
Erguido a Frei Damião
E uma prova de amor
Saída do coração
A convidar o romeiro
Para uma visitação.

Inclusive o turista
Que quiser nos visitar
Honra com sua presença
conhecer este lugar
valorizar Guarabira
e o seu nome projeta

Guarabira estará
com os seus braços abertos
para acolher os turistas
de muito longe ou de perto
que vindo aqui gostará
e retornará, por certo.

O caminho serpenteado construído na Serra da Jurema, que tem como ilustração as imagens do sacrifício de morte vivenciado por Cristo, é visitado por fiéis da Região e cidades de Estados vizinhos. Todos os finais de semana chegam ao Memorial cerca de 10 a 15 ônibus transportando católicos para conhecer o Memorial Frei Damião que até o momento ainda não tem sua obra concluída.



Imagem de uma das sete estações

A devoção do povo ao frei capuchinho nessa região nasceu com a realização de suas missões pelo Nordeste. No ano de 1937 o frei Damião realizou sua primeira missão em Guarabira, seis anos após a sua chegada ao Brasil. Essa missão segundo informações registrada no tablóide *Guarabira Hoje* (outubro; 2003), contou com a participação de 40 mil pessoas vindas de toda a Região do Brejo.

Após esse evento outras missões foram realizadas até o ano de 1965, com uma periodicidade média de uma visita a cada decênio. A última visita de Frei Damião a Guarabira foi em agosto de 1996, quando celebrou uma missa no domingo de Assunção de Nossa Senhora. Em julho de 2002 foi realizada a 6ª romaria ao Memorial Frei Damião. Nesta ocasião o frei já havia falecido¹¹ e houve a exposição de sua estátua mortuária levada em procissão pelos fiéis até o Memorial.



Estátua mortuária de Frei Damião

¹¹ Data da morte de Frei Damião.

A história de Frei Damião de Bozzano é contada em versos pelos cordelistas do lugar e circula como um dos elementos de representação das práticas culturais que fazem parte da história da cidade.

.....

Aos 5 de novembro
Foi o nascimento seu,
18 e 98
em Bozzano ele nasceu
Vila, Província de Luca
O berço que Deus lhe deu.

E com um mês de nascido
Pra igreja foi levado,
Matriz Santa Catarina
E o nome Pio foi dado
Ao segundo e último filho
d' um casal nobre e honrado.

Os seus pais agricultores
Casal digno de valia,
O pai Félice Giannote
E a mãe D. Maria
Giannote o filho Pio
Frei Damião, hoje em dia.

.....

(A verdadeira História de Meu Padrinho Frei Damião. Ismael Freire)

Fazer de frei Damião, ou ainda da estátua dele, um pólo de romaria, é para Guarabira uma maneira de aliar a prática religiosa já existente com a devoção à Nossa Senhora da Luz, a criação de um novo espaço religioso representado por um ícone já estabelecido no imaginário nordestino católico.

Guarabira traz em suas representações de majestade a existência de práticas culturais que hoje não se encontram em grande atividade, mas permanecem na memória daqueles que as vivenciaram em seu tempo de efervescência e contam essas histórias sobre a cidade. Isso também está

evidenciado em algumas atividades do cotidiano de seus indivíduos e nas referências culturais que identificam esse lugar.

Além de seus ícones religiosos, representações de resistência e conformidade, Guarabira apresenta as faces de sua cultura através de símbolos indiciados pela tonalidade rosa pastel dos prédios públicos como caracterização de uma administração dada. A publicidade registrada nas ruas e avenidas revela as oligarquias políticas e os jogos de poder instaurados naquele espaço sócio-cultural.

Esses símbolos se revelam, ainda, através dos jovens e velhos que circulam pela praça Pedro II como pares desiguais. Também está expresso nos poucos folhetos vendidos em um canto da rua mostrando uma história de leitura e seus poetas anônimos que se abancam ao lado do vendedor de cordel lamentando em rimas os versos que poucos irão ouvir. Enfim, personagens do dia, coringas da noite, envolvidos pela sonorização da fala radiofônica, que na cidade funciona como música de fundo ao cenário visitado.

“ Guarabira tudo tem. É aqui e em Nova Iorque”. Esse é mais um trecho da entrevista feita com o historiador Persinaldo dos Santos. Com essa frase Persinaldo dos Santos começa, em seu depoimento, a falar sobre o que pode ser encontrado em Guarabira que caracteriza seus aspectos sociais e culturais.

Guarabira tudo tem. É aqui e em Nova Iorque. Guarabira foi centro produtor de cordel se não me engano por volta do ano de 1931. Pavão Misterioso que é um folheto muito utilizado, muito lido nas universidades, até, ele é de um Guarabirense... existe o repente que é a poesia de cordel cantada, é muito forte na feira livre ainda, os cantadores de côco, fazem aqueles círculos... Nós temos uma feira livre que eu acho que é aonde concentra ainda, alimenta essa questão cultural nossa, porque ainda encontramos o carro de mão, a carroça de contração animal, ainda encontramos o burrico com seus caçoas isso guarda um pouco de nossa região... Guarabira é uma cidade, que nos vinte e três municípios você vai encontrar muito pouco, ela tem um museu, galeria, centro de documentação e um teatro. São quatro instrumentos culturais fantásticos.

Nos depoimentos as informações se assemelham e pode-se perceber o que a cidade representa culturalmente para a região. A fala de um outro informante revela a compreensão da existência de um período, que ele denomina ciclo, caracterizando cada movimento (ou ciclo) cultural, como se as práticas tivessem sido vivenciadas só nos momentos em que se encontravam em evidência.

É curioso Guarabira ela vive de ciclos. Então nós tivemos o ciclo do teatro, depois veio o ciclo ... antes o ciclo dos folhetos, com tipografias, mais de uma. Aqui foi o segundo maior pólo de produção de folheto do nordeste, depois veio o ciclo dos cinemas quando o cinema chegou, Guarabira chegou a ter quatro cinemas e era tradição as famílias irem ao cinema... (Depoimento de José Paulo).

O cotidiano da cidade vai revelar uma outra forma de permanência de algumas dessas práticas na atual configuração contemporânea em Guarabira. A literatura de cordel é um desses elementos culturais que apesar de não mais constituir-se em produção gráfica do lugar, como na década de 1930 que chegou a possuir mais de uma tipografia, ainda circula na cidade representando um de seus materiais de leitura.

O que antes circulava em grande quantidade não desapareceu materialmente do cotidiano da cidade nem da produção de escrita do lugar. A banca do vendedor de folheto que toda quarta-feira é arrumada num canto da rua da feira constitui ainda nos dias de hoje uma das nuances de permanência dessa prática.



Banca de venda dos folhetos

O Sr. Severino Oliveira é um vendedor de cordel que está realizando esta atividade desde o ano de 1958 quando fixou moradia na cidade de Guarabira. Vivendo da agricultura e da venda dos folhetos durante todos esses anos, Severino Oliveira fala em seu depoimento de uma época de grandes produções citando cordelistas famosos da região:

Eu comecei na década de 58. Aqui começou assim eu trabalhava na roça, aí quando eu morava lá vim morar aqui em Guarabira em 58 e me dediquei a vender cordel até hoje. Ah, eu não escrevo não, faço só vender... Ah sim, antigamente tinha muito, tinha muitos que fazia o cordel agora tem mais pouco já morreram tudo. Zé Camelo de Melo, Manoel Camilo dos Santos, Zé Alves Sobrinho, esse ainda está vivo, Zé Camelo morreu, é o pai da poesia de cordel. (Depoimento do senhor Severino Oliveira)



Poetas na banca de cordel do sr. Severino

Ao redor do ponto de vendas do Sr. Severino Oliveira, reúnem-se outros autores que ainda residem nos arredores da cidade, os poetas de bancada¹² que encontram na vida, segundo o depoimento do cordelista Ismael Freire, a inspiração para os seus versos metrificados. Como diz Ismael: “o poeta escreve o que sente, escreve o que vê, ele escreve o que o povo lhe conta, mas o mais fácil que tem é o que ele sente. Poesia precisa a métrica, oração e acerto na pronúncia”.

¹² Denominação dos poetas que produzem cordel .

Essa expressão de que fala o poeta guarabirense pode ser percebida nos versos do mesmo, a exemplo do cordel *A verdadeira historia do meu padrinho frei Damião*.

Deus pai supremo em bondade
Para todo gênero humano,
Enchei meu extro vazio
Com vosso amor soberano
qe´eu descreva a morte de
Frei Damião de Bozzano

.....

Pregando o evangelho andou
Do Sertão ao Agreste,
Mata, litoral, caatinga
Assim em todo Nordeste
Quem lhe ouviu com prazer
Hoje de luto se veste.

.....

A literatura de cordel é uma das representações da linguagem escrita guarabirense. Sua produção atual não se assemelha a década de 1930 que, segundo o depoimento de Pedro Alves, proprietário da Rádio Constelação, foi uma época de apogeu dos folhetos. Porém, a falta de investimento público na valorização e preservação desse patrimônio cultural faz com que hoje os folhetos circulem na cidade como uma prática do passado vivenciada por aqueles que cultuam a tradição da poesia popular.

Hoje a literatura de cordel perdeu um pouco a sua força, mas aquela efervescência da década de trinta a gente sente saudade. A literatura de cordel não tem grandes valores, não foi feito nenhum trabalho de preservação dos autores de então e os autores da atualidade são muito poucos, realmente é muito pequena a produção de cordel. Nós estamos vivendo do passado. Guarabira nesse aspecto é uma cidade que vive do passado. (depoimento de Pedro Aves)

Entrecruzando a fala dos sujeitos que forneceram essas informações percebi uma Guarabira imersa em contradições sócio culturais que me fizeram refletir sobre o processo de construção de táticas, caracterizado por Certeau (1990), como a arte dos fracos, práticas dos indivíduos em seus grupos culturais que produzem uma reinvenção da atividade social.

Essas práticas seriam as maneiras de fazer, de resistir às estratégias dos dominantes instituindo ações que se formalizam pela criatividade cotidiana. “Essas maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção” (CERTEAU, 1990.p.41).

A fala a seguir é a do poeta Joaquim Avelino, que revela algumas das nuances dessas formas e maneiras de fazer.

Antigamente, a gente cantava todas as noites. Naquele tempo o povo gostava de poesia. No tempo que não existia quase novela, então a gente vivia só de cantoria se achava muito bom. Se vendia literatura de cordel. Hoje tá muito difícil até de se vender, porque o povo não está gostando mais. O povo se ligou só em novela. Só em mentiras de novela... eu mermo criei meus filhos com cantoria de viola e versos de cordel ... o encontro da gente é aqui ... a gente ainda vende não vou dizer que não vendo não... tem vez que até agente cria versos de improviso e depois quando chega em casa vai fazer outro livrinho.... aí fica assim ... mas não é como antigamente...

Acredito que a cidade de Guarabira se não mantém viva a tradição do cordel através do investimento do poder público local, construiu pelos indivíduos que preservam essa prática através das vendas dos folhetos no canto da feira, promovendo, nesse momento, o encontro de poetas e a motivação da criação de novos versos, táticas que constituem em suas práticas cotidianas a permanência da produção cultural do cordel no município.

As práticas culturais de Guarabira revelam um universo de linguagem diversificada. Se por um lado ainda se pode encontrar a poesia do verso metrificado como um dos materiais de leitura do lugar, a linguagem radiofônica também é identificada como uma das maneiras de ler do povo dessa cidade. Essa peculiaridade foi identificada nas falas de algumas de nossas testemunhas.

O povo na realidade lê o que ouve no rádio, se informa sobre os tipos de doença, a prevenção contra a dengue, se informa sobre os eventos da cidade, sobre os problemas políticos. Eu acho que isso é um tipo de leitura (depoimento do Sr. José Paulo).

A história da radiofonia em Guarabira surge nas décadas de 1930 e 1940 com o funcionamento de um sistema de alto-falante instalado pelo rádio-técnico José Barreto, que posteriormente trabalhou com Expedito Santos; este último, o homem que é considerado o pai da radiofonia na cidade (TERTO, 2002).

Expedito Santos instalou a primeira emissora de rádio difusora na cidade no ano de 1953, denominada Rádio Independência. Um sistema difusor de curto alcance que funcionava com o prefixo ZYR-6 introduziu, segundo Terto (2002), a linguagem radiofônica no cotidiano da cidade nos moldes do que se tinha na época no Estado da Paraíba.

A Rádio Independência mantinha uma programação semelhante a Rádio Tabajaras com programas de auditório, esportes, humorísticos e até algumas novelas desenvolvidas pelos rádioatores que foram aparecendo na cidade. A rádio mantinha no comando de Mariza Alverga um programa que fazia uma crônica diária sobre a cidade (p.30).

Nos anos de 1960, com a extinção da Rádio Independência, provocada por um incêndio no prédio em que funcionava, Expedito Santos fundou a Rádio Pilotos que iniciou com um sistema de alto falantes instalados nas ruas Costa Beiriz e depois na Praça Cristo Redentor, no Bairro Novo. A continuidade do trabalho da Rádio Pilotos proporcionou a ampliação de sua transmissão, chegando a alcançar um raio de 10 Km. Esse feito possibilitou a penetração do rádio na vida privada do povo da cidade e de algumas localidades da região.

Um feito extraordinário, um acontecimento ímpar, se ouvia em casa a programação da Rádio de seu Expedito, como era conhecida a emissora, ela agradava e era um referencial para as donas de casa (TERTO, 2002.p.32).

A emissora instituiu uma nova linguagem. Criou, através de seus indiciais, uma maneira do povo se informar sobre os acontecimentos mais simples do cotidiano, bem como introduzia o discurso do poder público local e uma nova configuração de hegemonia política que se instaurava com a ditadura militar.

A programação da época era aberta com os famosos dobrados, músicas especialmente usadas para os eventos da ditadura e os eventos políticos da cidade ... A cidade sabia que era sete horas por causa da música Cisne Branco, famoso dobrado na época (TERTO,2002.p.32).

A Rádio Pilotos funcionou durante toda a década de 1960 sem obter o registro legal. Durante esse período, fechou por ordem da justiça inúmeras vezes e reabriu através de liminares temporárias. Em meados dos anos de 1970, os transmissores da Rádio Pilotos foram lacrados pela polícia federal por cerca de seis meses, voltando a funcionar posteriormente no mesmo prédio mas, com a denominação de RADISAL - Rede de Audiodifusão e Som Ambiente (TERTO, 2002).

A RADISAL era uma empresa que mantinha uma programação radiofônica para os lojistas que pagavam por esse serviço. As vozes do rádio em Guarabira foram caladas para o povo pelos militares; porém, a linguagem radiofônica circulava nos pequenos espaços logísticos e tornou-se um elemento de reivindicação de empresários que, juntos com Expedito dos Santos, conseguiram a concessão de um canal definitivo no ano de 1987.

Antes da concessão definitiva, o consentimento provisório do canal viabilizou no ano 1979, a inauguração da Rádio Cultura, que passou a ser na década de 1980, a primeira emissora de rádio institucionalizada da cidade a atender toda Região do Brejo.

A partir desse momento, a Rádio Cultura torna-se a referência radiofônica da região, sendo segundo Terto (2002), palco de grandes realizações culturais na cidade, com programações que divulgavam a poesia popular produzida por poetas como Ivanildo Vila Nova, Otacílio Batista, Oliveira de Pannels entre outros que se apresentaram ao vivo, no programa intitulado *Antologia Poética*.

A Rádio Cultura, segundo Terto (2002), influenciou a linguagem radiofônica da região e do Estado da Paraíba, bem como proporcionou o avanço cultural da cidade de Guarabira.

A nova era chegou cheia de novidades, influenciou uma geração inteira, uma região por completo e o Estado da Paraíba no seu todo, porque após o surgimento da Rádio Cultura, o rádio em nosso estado jamais foi visto de outra maneira, conforme nos anos anteriores. A Rádio Cultura de Guarabira, transformou-se em escola e funcionou como sendo uma representação da cidade, que trazia progresso, informação, música e curiosidade entre as pessoas. O progresso da cidade de Guarabira que alcançou índices alarmantes nos últimos anos, deve tudo isto a Rádio Cultura, que abriu espaços com sua potência e fez a cidade “Rainha do Brejo” se consolidar, ficar conhecida e ser respeitada, além das fronteiras com o Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco (p.41).

Não se pode ter certeza de que todo progresso atual da cidade seja responsabilidade da criação da Rádio Cultura como afirma o jornalista Paulo Costa Terto em seu livro *A Trajetória de um Radialista* (2002). Porém, através do depoimento de Pedro Paulo, percebe-se que o fenômeno do rádio transformou-se em uma prática cultural dos sujeitos do lugar, um elemento de influência na vida cotidiana, tanto da população urbana quanto da rural.

O povo acredita que respira rádio quase em sua totalidade, o rádio devido sua dinamicidade, é ainda o maior veículo de comunicação de massa e a gente observa que o homem do campo quando vai para o roçado, leva o radinho de lado para se atualizar. Hoje diferente de antigamente, a FM é preferida também pelo homem do campo pela qualidade do som que tem; o alcance talvez não seja tão bom quanto as emissoras AM, mas o povo absorve rádio a partir da alta madrugada, já se liga nas emissoras que começam sua programação mais cedo. Nós temos até uma emissora, a Rádio Rural, que funciona vinte e quatro horas (Depoimento do Sr. Pedro Paulo).

As falas dos informantes vão entrecruzando-se e fornecendo o cenário cotidiano do uso do rádio no processo de comunicação popular na cidade de Guarabira. O Sr. Persinaldo dos Santos indica essa peculiaridade do lugar quando fala da relação do povo guarabirense com o rádio.

Guarabira tem isso, se aqui a mulher levar um cocorote do marido, ela vai para o rádio antes de ir para delegacia, ela passa no rádio. Aqui os programas perderam aquela estrutura de empresa, que você tem aquela sala de redação para preparar a notícia. O denunciante – Vamos escutar agora o denunciado, confrontar. Antigamente era assim, hoje não. Hoje o camarada diz assim: ‘aqui é o programa tal, ligue e diga seu problema’. Aí o cara liga: ‘no meu bairro está faltando energia. ‘Atenção prefeitura! Mande colocar luz na rua de fulano’. Se o carro de lixo não passou, quer dizer é o dia inteiro, são três emissoras, todas têm programas no mesmo nível, no mesmo sentido, o programa radiofônico aqui é muito ouvido, muito ouvido mesmo, tanto no meio urbano como no meio rural...

Atualmente, Guarabira conta com quatro emissoras de rádio funcionando na cidade. A Rádio Constelação e a Rádio Guarabira com canal FM, a Rádio Cultura e a Rádio Rural com Canal AM.

A prática da rádio difusora no cotidiano da cidade permanece com o funcionamento da Rádio Cidade. Uma rádio comunitária que mantém sua transmissão através de um sistema de som instalado nos principais bairros da cidade.



(imagem da Praça Dr. Lima e Moura)

Quando o dia amanhece no centro da *Rainha do Brejo* o som da fala radiofônica embala o barulho produzido pelas portas das casas de comércio se abrindo, ao mesmo tempo em que os motociclistas organizam suas motos , transporte urbano do lugar, em fileiras a espera de passageiros. Esse som entranha-se no aroma do café com leite e pão assado vindo das padarias, local de desjejum de trabalhadores e estudantes que desembarcam nos ônibus oriundos da zona rural e cidades vizinhas.

Nas residências, a Rádio Rural AM, que sintoniza a sua primeira programação do dia a partir das 4 horas da manhã, transmite o programa regional de Zezinho da Borborema e acompanha as donas de casa no fazer do café da manhã e outras programações que durante todo o dia vão povoando o cotidiano das casas, das ruas. Em Guarabira é comum encontrar as pessoas sentadas nas calçadas, praças, estabelecimentos públicos e privados escutando rádio.

Hoje a programação radiofônica da cidade é composta por quadros interativos que contam com a participação direta do povo da região, programas musicais que se diversificam de acordo com o estilo de música e programas educativos voltados para a informação da população com uma variedade de assuntos desde atualidade em geral, passando por prevenção à saúde, esporte, até uma longa programação dedicada ao rádio-jornalismo.

O rádio é um instrumento de comunicação e linguagem que também circula no cenário educacional da cidade. A atividade radiofônica faz parte de um projeto pedagógico que vem sendo desenvolvido em uma escola municipal. Através desse projeto, funciona em uma das salas da Escola Municipal Antenor Navarro uma rádio dirigida pelos alunos. Em um dos fragmentos do depoimento do Sr. Persinaldo dos Santos, é possível perceber o movimento do rádio no universo da escola como um elemento de produção e criação de linguagem.

[...] dentro da escola tem uma emissora. A escola tem uma sala que é uma emissora, onde se vincula informações, o calendário e resultado de provas, o professor que faltou, o anúncio das comemorações [...] os alunos têm um programa de música que eles criaram; às vezes; têm também, algumas dramatizações, assim como novela [...] até as informações sobre os acontecimentos de eventos da cidade como shows, carnaval fora de época [...]

Ao configurar a cidade de Guarabira, percebi que a relação entre o lugar e o objeto da pesquisa se encontra na significação que o material didático do *Programa Escola do Rádio*, enquanto instrumento do ensino e aprendizagem no processo de alfabetização de jovens e adultos, produziu nos sujeitos que o utilizaram.

Essa significação encontra-se relacionada aos processos de apropriação vivenciados por professores e alunos do Programa, referente a prática cultural da leitura e escrita, numa interrelação com as práticas culturais existentes no lugar onde vivem esses sujeitos.

O *Programa Escola do Rádio*, nessa configuração, representa a princípio, um elemento alheio a essa cultura que penetra no cotidiano da cidade propondo uma prática educativa na qual alguns elementos culturais desse cotidiano estão contemplados como meio; e outros, como conteúdos mediadores do ensino e aprendizagem da leitura e escrita.

O material didático em estudo materializa a proposta curricular do Programa que sugere, através da predeterminação de uma ordem, de um tempo e de um espaço, uma forma de apropriação do código escrito, tendo como um de seus elementos de constituição a regionalização dos conteúdos.

Os roteiros técnicos e o livro de estudos devem ser compostos por temas com elementos que retratem o modo de vida da região onde for aplicado o método. Assim, deve-se considerar, entre outras coisas, os costumes, aspectos culturais, emprego de palavra (dialeto), práticas de atividades laboriais, comportamento ético, moral e social (Documento da F.G.V e ISAE do projeto Escola do Rádio, 2002 p.22).

Guarabira vai constituindo-se *Rainha do Brejo* ao longo de sua história. Na década de 1930 e 1940 é o entreposto comercial e segundo maior município produtor de cordel do Nordeste. Em meados da década de 1960, mobiliza através do teatro e do cinema a vida cultural da cidade. Hoje tem na radiofonia e na

devoção a Frei Damião e a Nossa Senhora da Luz uma cultura de referência para a Região do Brejo.

A análise que será apresentada no conjunto do trabalho permitiu a realização de uma reflexão acerca do sentido histórico do material didático no processo de alfabetização de jovens e adultos, bem como a construção de uma discussão política acerca da formulação dos materiais para a formação desses sujeitos.

3. O Programa Escola do Rádio no Estado da Paraíba

No Estado da Paraíba, o percentual de analfabetismo da população jovem e adulta chega a 29%, correspondendo a um número de 645 mil pessoas. Segundo dados apresentados pelo IBGE/PNGGDA (2000), considerando os analfabetos funcionais, esse índice sobe para 45,8%.

As ações relacionadas às políticas para a Educação de Jovens e Adultos desenvolvidas pelo Governo do Estado da Paraíba são administradas pela Coordenadoria de Educação de Jovens e Adultos (COEJA), vinculada à Secretaria Estadual de Educação.

A oferta para a modalidade de ensino EJA está direcionada ao desenvolvimento de programas e projetos, que segundo o documento apresentado pela COEJA para despacho com o governo do Estado da Paraíba por ocasião da aprovação do *Programa Escola do Rádio*, objetivam viabilizar a escolarização de jovens e adultos da seguinte forma:

[...] dentro de um conceito mais amplo que se reflete nos contextos familiares e comunitários, que valoriza o ambiente de escolarização e de desenvolvimento do indivíduo em outras áreas sociais como a saúde, meio ambiente e trabalho. (Relatório de atividades da COEJA, janeiro de 2002)

Os programas e projetos para EJA, sob a responsabilidade da COEJA, estão vinculados à alfabetização em contextos formais e informais, Ensino Fundamental de 1ª a 8ª série e Ensino Médio – presencial com avaliação no processo de suplência semestral/semi-presencial e Exames Supletivos.

Esse trabalho vem sendo desenvolvido nas Escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio, nos Centros e Núcleos Estaduais de Ensino Supletivo - Ensino Fundamental e Médio, em espaços alternativos para alfabetização e em empresas nas quais funcionam projetos de qualificação de funcionários em serviço relacionados aos processos de escolarização básica. Outras Instituições como o SESI, SESC, Universidades e o Sistema Penitenciário do Estado também atuam como parceiros no desenvolvimento de trabalhos nessa modalidade de ensino.

Nesse contexto de ofertas para EJA oferecidas pelo governo do estado da Paraíba, as políticas de alfabetização ainda não são compatíveis para atender à demanda potencial da população de jovens e adultos analfabetos, apresentada pelo Censo 2000.

A professora Vera Lúcia Alencar, coordenadora da COEJA no período de execução do *Programa Escola do Rádio*, ofereceu-me o seguinte depoimento:

A Educação de Jovens e Adultos eu coordenei de 1991 até agora... atendemos a alfabetização, pós-alfabetização... o apoio do governo Federal só chegou mesmo com o Programa Recomeço. O Estado tem hoje esse recurso... ai ele começou em 2000, 2001 e cresceu muito; a demanda cresceu muito, porque o financiamento foi muito grande, nós não tínhamos muitos recursos na área de educação de adultos e ... o Ministério ... o MEC resolveu... o FNDE resolveu bancar isso através das lutas populares, das lutas nossas por recursos... a aí cresceu muito a demanda. Esse ano eu acredito que o Estado tenha duplicado a demanda de ensino supletivo, educação de jovens e adultos presencial com avaliação no processo e o semi-presencial que ainda acontece nos Centros e Núcleos de Ensino Supletivo.
(Depoimento da professora Vera Lúcia Alencar)

No depoimento é possível perceber que desde o início da década de 1990 até o ano de 2002, o governo do estado não havia desenvolvido ações que

pudessem atender, com recursos próprios, às demandas de jovens e adultos para alfabetização na Paraíba, ampliando o atendimento no meio rural ou viabilizando a elaboração de um programa que pudesse atender as demandas das regiões em parceria com as prefeituras.

A fala da Coordenadora da COEJA sugere que os programas e projetos organizados por essa coordenadoria, junto a Secretaria Estadual de Educação, ganhara dimensão mais ampliada a partir das políticas de financiamento oriundas do *Programa Recomeço*, que representou no ano de 2001 uma elevação de 578% do orçamento federal para EJA no país (Pierro, 2003).

Os investimentos do Governo Federal na EJA no ano de 2002 mantiveram-se acima dos 140 mil dólares . Além do *Programa Recomeço*, esse aumento deve-se também ao *Programa Alfabetização Solidária*, ambos direcionados para as regiões Norte e Nordeste do país.

Essa tendência de aumento dos investimentos no ano de 2002 aconteceu no momento em que os mandatos políticos da presidência da república e dos governos estaduais estavam finalizando e aproximavam-se as eleições diretas para essas instâncias governamentais em todo o país.

Apesar de se tratar de uma mudança positiva e importante referente aos gastos federais com a educação de pessoas jovens e adultas, a caracterização desses investimentos para alfabetização, durante esse período, se restringiu à programas não institucionalizados que não definiram políticas públicas efetivas, nessa área, a serem desenvolvidas pelos estados e municípios.

No Estado da Paraíba, o investimento de 12 milhões de reais no ano de 2002 na alfabetização de jovens e adultos, através da implementação do

Programa Escola do Rádio, firmava uma meta de alfabetizar 80.000 jovens e adultos analfabetos e semi-analfabetos.

Essa ação do governo paraibano teve início no mês de outubro de 2001 com a realização da análise da proposta pedagógica do Programa pela COEJA. A metodologia de alfabetização à distância através do rádio foi caracterizada pela coordenadoria como o elemento central na decisão da aprovação do Programa, que se apresentava, naquele momento, como uma alternativa política na erradicação do analfabetismo de jovens e adultos no Estado, possibilitando o atendimento, nos municípios, às comunidades rurais mais distantes das áreas urbanas.

A Educação de Jovens e Adultos correspondente a esse nível de ensino, está bem caracterizada não só pela diversidade do público que atende e dos contextos em que se pretende realizar, bem como pela variedade dos modelos de organização dos programas, mais ou menos formais, mais ou menos extensivos ... A Escola do Rádio – Alfabetização é exequível a medida que possibilita atender a um público, principalmente no meio rural, carente do acesso aos espaços escolares em áreas urbanas (Relatório de atividades da COEJA, janeiro de 2002).

A proposta foi aceita pela Secretaria de Educação e Cultura, que encaminhou ao Departamento de Controle da Administração Direta (DECADIR) o Parecer nº 055/200 solicitando o processo de inexigibilidade de licitação para implementação do *Programa Escola do Rádio* nos 212 municípios do Estado.

O referido parecer respaldava a solicitação sob argumentos que indicava a grande relevância social na qual o programa se inseria, bem como o fato do mesmo ter sido idealizado por uma instituição de caráter filantrópico que detinha a exclusividade do produto a ser comprado pelo governo.



GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE CONTROLE DA DESPES PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE CONTROLE DA ADM. DIRETA – DECADIR

PARECER TÉCNICO Nº 055/2001- DECADIR

ÓRGÃO: Secretaria da Educação e Cultura
ASSUNTO: Análise do processo nº 0020766-3/2001 com emissão de parecer.
PROCESSO: 0002678/2001-SCDP.

P A R E C E R

I - PRELIMINARES

Encaminha o Sr. Secretário da Secretaria da Educação e Cultura, através do Ofício GS/nº 0810/01 de 30.11.01, o processo nº 0020766-3/2001-SEC, cujo assunto versa sobre a contratação do Instituto Superior de Administração e Economia – ISAE, para implantar o Projeto Escola do Rádio no Estado da Paraíba, através de processo de Inexigibilidade de Licitação.

Apenso ao processo analisado encontra-se:

- A Exposição de Motivos da Coordenadoria de Educação de Jovens e Adultos – COEJA/SEC, que concluiu pela relevância do projeto analisado, em contribuir para diminuição dos índices de analfabetismo de jovens e adultos no Estado.

- Proposta do ISAE para implantação do Projeto ESCOLA DO RÁDIO, com atestados de fornecedor exclusivo, de capacitação técnica e regularidade fiscal.

- PARECER PJ/SEC N.º 135/2001, que conclui pela existência de respaldo legal para contratação do ISAE, através de processo de Inexigibilidade de Licitação.



GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE CONTROLE DA DESPES PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE CONTROLE DA ADM. DIRETA – DECADIR

II – ANÁLISE DO PLEITO

Pontos a serem considerados para possível aplicabilidade da hipótese de Inexigibilidade de Licitação, ao caso analisado:

* O Projeto é de grande relevância social;

* O ISAE é uma Fundação de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, sem fins lucrativos, conforme estatuto. (Processo nº 0020766-3/SEC, fls. 112 a 116);

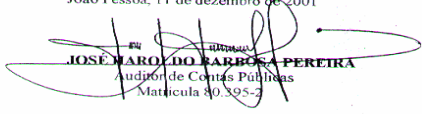
* O produto apresentado é fornecido exclusivamente pelo ISAE, que detém todos os direitos de fornecimento e aplicação em todo território nacional. (Processo nº 0020766-3/SEC, fls. 215 a 219).


III – CONCLUSÃO

A análise realizada nos leva a concluir, pela ratificação do PARECER PJ/SEC Nº 135/2001, acrescendo ainda, que seja atualizado o atestado de Exclusividade, que foi emitido pela Associação Comercial do Amazonas e os das Regularidades Fiscais que perderam sua validade. É salutar observar também a formalização e os prazos legais determinados pelo artigo 26 e seu parágrafo único da Lei nº 8.666/93.

É o parecer, admitindo melhor juízo.

João Pessoa, 11 de dezembro de 2001


JOSE HAROLD BARRETO PEREIRA
Auditor de Contas Públicas
Matricula 80.395-2

De acordo:
Secretaria de Controle da Despesa Pública

Paulo Roberto Aquino
Chefe de Departamento
DECADIR
Consideração superior

A aprovação do processo de inexigibilidade de licitação, como mostra o documento acima, ocorreu no dia 11 de dezembro de 2001, nove dias antes da assinatura do contrato de prestação de serviços entre a Secretaria Estadual de Educação e o ISAE assinado no dia 20 de dezembro do corrente ano.

A implementação do Programa teve início no mês de janeiro de 2002 e foi concluído no final do mês de abril do mesmo ano com a realização da primeira audição veiculada as rádios que apresentavam maior alcance de transmissão nas regiões do Estado, a saber, Rádio Tabajara, localizada na capital João Pessoa, a central de informações para as outras emissoras.

Através da análise do referido parecer foi possível identificar que o conjunto de atividades realizadas em um curto período de tempo caracteriza o processo de implementação do Programa Escola do Rádio na Paraíba. A contratação do Programa contou com a ausência de licitação que entre outras conseqüências, excluiu uma reflexão acerca de experiências na alfabetização de jovens e adultos desenvolvidas por instituições do próprio Estado da Paraíba.

No entanto, as informações referentes à experiência da proposta de alfabetização à distância apresentada pelo ISAE a COEJA, baseava-se na realização de um “completo programa de validação, com a aplicação de um projeto piloto” na cidade de Manaus – AM. Os resultados desse projeto piloto registram que o “índice de aproveitamento médio final dos alunos participantes foi superior a 90%”. O documento apresentado pelo instituto cita a realização desse programa de validação, mas não explicita como foi constituído o projeto piloto.

As informações sobre essa experiência foram encontradas em um texto divulgado na Internet pela psicóloga Marieta D'Ângelo, consultora em tecnologia educacional nos cursos *Escola do Rádio e Alfabetização Multimídia* desenvolvidos pelo ISAE/FGV.

No texto intitulado *Experiências Multimídias em Alfabetização de Jovens e Adultos*, a referida consultora registra como foi realizado o projeto piloto em Manaus.

Antes de sua efetivação o Projeto Escola do Rádio foi submetido a um programa de validação com aplicação de um projeto piloto. Ele se realizou em Manaus, no Estado do Amazonas, com a participação de oito educandos, entre 17 e 66 anos de idade, sem domínio e conhecimento em atividades de leitura, percepção e expressão escrita. A participação nas aulas, a evolução e o interesse dos educandos foram fatores importantes no processo de avaliação e formatação final do Programa (p.04)

As declarações feitas pela consultora do ISAE/FVG revelam que o projeto piloto mencionado por esse Instituto, na realidade se caracterizou como uma experimentação de atividades que objetivavam a identificação do funcionamento do método de alfabetização à distância, não se constituindo como experiência de uma prática educativa de erradicação do analfabetismo de jovens e adultos de um estado.

O projeto piloto foi a aplicação da proposta pedagógica através de uma amostra que envolvia 8 pessoas na faixa etária equivalente à modalidade de ensino EJA, a qual o Instituto considerou satisfatória para apresentação de resultados que validariam o Programa.

Validado o projeto piloto em Manaus, o Programa Escola do Rádio começou a ser implementado na Paraíba. Foram cinco meses de trabalho, reunindo uma equipe multiprofissional. Pedagogos, educadores, especialistas em tecnologias educacionais e profissionais de comunicação trabalham juntos, de forma integrada, a fim de conseguir um bom resultado (D'Ángelo, 2003, p.03)

Através da informação citada é possível afirmar que o Estado da Paraíba foi o pioneiro na implementação do *Programa Escola do Rádio*. Esse fato vai indicar a responsabilidade política do governo paraibano referente ao investimento financeiro nesse empreendimento educativo e a sua efetiva viabilidade pedagógica no combate ao analfabetismo de jovens e adultos em um período restrito de cinco meses de atuação.

O Programa Escola do Rádio estava sendo proposto pela primeira vez em um determinado estado a um universo populacional de 80.000 jovens e adultos analfabetos ou semi-analfabetos. Sua inserção nos municípios representava uma intervenção no cotidiano educacional das cidades, na dinâmica de organização das escolas e espaços nos quais funcionariam as salas de aula, bem como uma interferência na programação radiofônica do Estado que apresentaria para seus ouvintes, segundo o slogan do Programa, “... *um jeito gostoso de aprender a ler e escrever com você*”.

3.1 A EJA na cidade de Guarabira e o Programa Escola do Rádio

Na cidade de Guarabira, o poder público local efetivou iniciativas referentes a modalidade de ensino EJA a partir do ano de 1997, quando o município desenvolveu em parceria com o Serviço de Educação Popular (SEDUP), um programa de alfabetização de pessoas jovens e adultas.

O projeto de alfabetização intitulado *“Alfabetização e Cidadania”* atendeu a trezentas pessoas acima de 14 anos e contava com uma estrutura técnica de um coordenador geral, um coordenador por área e 10 alfabetizadores distribuídos em salas de aulas nas comunidades que apresentavam a maior demanda de analfabetismo adulto na cidade. O referido projeto teve a durabilidade de dez meses, constando das aulas de alfabetização e formação dos alfabetizadores.

A coordenação pedagógica e administrativa do projeto ficou a cargo do SEDUP. Essa entidade vem desenvolvendo na Região do Brejo, entre outras atividades, a alfabetização de lideranças dos movimentos sociais em parceria com instituições como a Igreja, MEB, AEC, SINE e o INCRA.

A proposta de alfabetização desenvolvida pelo SEDUP tem por base as discussões freireanas sobre alfabetização e busca o desenvolvimento de um trabalho que promova a formação política dos alfabetizandos.

O projeto *“Alfabetização e Cidadania”* registrou no término do trabalho a percentagem de 50% de alfabetizados aptos a dar continuidade no ensino regular. Esse número mobilizou a oferta para a Educação de Pessoas Jovens e Adultas na rede oficial do município de Guarabira, que no ano de 1999 passou a oferecer essa modalidade de ensino. A oferta foi aumentando nos anos seguintes,

garantindo no ensino regular o processo de continuidade para os alunos que ingressam na alfabetização.

Até o ano de 2002, no qual funcionou o *Programa Escola do Rádio*, a cidade de Guarabira oferecia na Educação de Jovens e Adultos três níveis de ensino organizados da seguinte forma: a 1ª etapa, correspondendo a alfabetização; 2ª etapa referente a 1ª e 2ª séries e a 3ª etapa, referente a 3ª e 4ª séries. Essas etapas correspondem ao primeiro segmento do Ensino Fundamental. O quadro abaixo descreve a demanda atendida nessa modalidade de ensino, registrada pela Secretaria de Educação do Município a partir do ano 2000.

ANO	ETAPA DE ENSINO	Nº DE ALUNOS MATRICULADOS	TOTAL DE ALUNOS MATRICULADOS POR ANO
2000	1ª ETAPA	143	560
	2ª ETAPA	185	
	3ª ETAPA	212	
2001	1ª ETAPA	90	534
	2ª ETAPA	216	
	3ª ETAPA	228	
2002	1ª ETAPA	181	565
	2ª ETAPA	172	
	3ª ETAPA	212	

Atualmente, existe no município 23 escolas municipais e 17 escolas estaduais. Na rede municipal de ensino, 17 dessas escolas estão localizadas na zona urbana e 6 na zona rural. Os estabelecimentos de ensino da rede estadual

estão concentrados na zona urbana com o número de 14 escolas, outros 3 estabelecimentos estão localizados na zona rural.

A Educação de Jovens e Adultos é oferecida no ensino noturno. Apenas 13 escolas, somando às municipais e estaduais, atendem a essa modalidade de ensino. 12 localizadas na zona urbana e 1 na zona rural.

A oferta diversifica-se em turmas de alfabetização, Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série e o Ensino Médio com 100 dias letivos de aulas presenciais. O Governo do Estado também mantém no município um projeto de alfabetização direcionado ao sistema carcerário, no qual o presídio de Guarabira tem duas salas de aula.

O perfil dos alunos atendidos pelo município é caracterizado por jovens e adultos agricultores, operários das fábricas localizadas na região, trabalhadores do comércio informal e do serviço doméstico, bem como jovens e adultos desempregados e sem qualificação profissional.

Segundo o depoimento da professora Edileuza da Silva, coordenadora da Secretaria de Educação de Jovens e Adultos, no período de realização do *Programa Escola do Rádio* no Município, desde o ano de 2002 o trabalho na EJA em Guarabira, vem sendo realizado a partir da organização de projetos que propiciem uma relação entre o processo de escolarização e a formação profissional. Esses projetos estão vinculados a entidades parceiras como o SESC, e foram realizados no ano de 2002 através de oficinas na área da estética capilar e corporal, cursos de fotografia e produção de artesanato com matéria-prima reciclável.

A organização do trabalho pedagógico através desses projetos no ensino da EJA, em Guarabira, foi uma estratégia pensada pelos docentes junto ao setor pedagógico da Secretaria de Educação para combater a evasão nessa modalidade de ensino.

Os registros da Secretaria apontam um crescimento gradativo no índice de evasão na EJA da cidade. Uma das razões identificadas por essa instituição para explicar tal situação seria a falta de relação entre o que a escola apresenta como conteúdo e as necessidades concretas dos alunos relacionadas à profissionalização para o mercado de trabalho.

Apesar desse esforço, os números referentes à relação entre matrícula e desistência continuaram aumentando no ano de 2002, que atingindo 55% dos matriculados em relação a 2001, que registrou 40% de evasão.

O advento do *Programa Escola do Rádio* no ano de 2002 implementado pelo Governo do Estado da Paraíba foi considerado como um dos fatores que interferiu no aumento da evasão na EJA, no município. Para os profissionais da Secretaria de Educação de Jovens e Adultos, devido o atrativo do rádio de pilha, que era oferecido ao alunado, muitos alunos deixaram as salas de aula do sistema regular para matricularem-se no Programa.

[...] era por uma só voz. “Vamos que ganha um radinho” [...] “um radinho e não precisa assistir aula todos os dias”. Isso foi fazendo com que os alunos que estavam matriculados na alfabetização, fossem evadindo. [...] não fizemos nenhum trabalho para constatar isso, estou apenas falando do que foi percebido pelos professores e diretores nas escolas (professora Edileuza da Silva).

No depoimento da professora Edileuza da Silva, pode ser percebida uma limitação na formulação de políticas públicas que contemplem ações nas quais o diálogo entre as esferas estadual e municipal seja um elemento na construção do projeto político– pedagógico desses setores para Educação de Jovens e Adultos.

Além da constituição da oferta de EJA no ensino regular, Guarabira, desde o ano de 2000, em parceria com o Programa Alfabetização Solidária, vem mantendo o funcionamento de salas de alfabetização para jovens e adultos em locais mais afastados da zona rural, deslocando para a zona urbana da cidade a demanda relacionada às outras séries dessa modalidade de ensino.

O atendimento à EJA no município caracteriza-se pelo direcionamento do poder público local em concentrar, na zona urbana, a escolarização do sistema de ensino. Essa política restringe a expansão da oferta dessa modalidade de ensino na zona rural, inviabilizando que os alunos egressos dos programas de alfabetização dêem continuidade ao processo de escolarização em suas regiões de origem.

Essa configuração política da EJA no município contempla uma das razões pelas quais o governo paraibano considerou relevante a implementação do *Programa Escola do Rádio*, apontando-o como uma alternativa na expansão do atendimento a essas regiões viabilizada pelo sistema estadual de ensino.

A inserção do *Programa Escola do Rádio* nos municípios ficou sob a responsabilidade das Regiões de Ensino. As Regionais, como são chamadas, funcionam como secretarias organizadas nas cidades consideradas pólo de área, que congregam as escolas estaduais dos municípios em determinada região.

Através da fala da coordenadora da COEJA, é perceptível que o lançamento do *Programa Escola do Rádio*, no Estado da Paraíba, foi uma ação independente do Governo junto à Secretaria Estadual de Educação, que não estabeleceu, a princípio, um critério de discussão acerca do funcionamento desse trabalho com os representantes das instâncias educacionais dos municípios.

O Estado não fez uma parceria com os municípios, não foi por convênio, por nada [...] o Estado lançou o Programa e ele era livre para que todos procurassem espaços alternativos, seja nas escolas estaduais, seja nas escolas municipais, ou outros espaços para se instalar [...] (depoimento de Vera Lúcia).

Em Guarabira onde está localizada a 2ª Região de Ensino, todo o trabalho organizado pelo Programa ficou a cargo da Regional. No depoimento do historiador Persinaldo dos Santos consta que a Secretaria Municipal de Educação acompanhou à distância o desenvolvimento desse trabalho, não havendo nenhuma relação entre o Programa no município e a ação dessa instituição educacional local.

Como secretaria nós acompanhamos à distância o Programa do Rádio. Não fomos convocados para participar, talvez pela divergência política com o governo do Estado [...] O Programa é para alfabetizar, para escolarizar, ou para começar um outro processo, ou a retomada de alguém para estudar. Como é que a Regional faz um planejamento e não insere o município no Programa? [...] (Depoimento de Persinaldo Santos. Secretário Municipal de Educação em Guarabira no período de execução do Programa Escola do Rádio).

O anexo III¹³ do relatório de atividades da COEJA, intitulado *Apresentação da Logística para Diretores Regionais*, muito embora não esclareça se houve ou não um diálogo entre as instâncias educacionais estadual e municipais, reforça a idéia da responsabilidade das Regiões de Ensino na divulgação do Programa nos municípios.

Nesse item é apresentado todo o processo de inserção da *Escola do Rádio* nas regiões do Estado, bem como o papel de cada segmento no funcionamento da parceria. Em nenhum momento está registrado, como função a ser desenvolvida por esse órgão, o direcionamento de um diálogo com as secretarias municipais de ensino.

O entrecruzamento dos depoimentos do secretário de educação do município de Guarabira e da coordenadora da COEJA com os registros do anexo III evidencia, além dos aspectos de centralização das ações do Estado na implementação do Programa, a influência das tensões partidárias na atuação da Escola do Rádio nessa cidade.

A divergência política entre a então administração municipal que fazia parte do grupo do candidato a governador Cássio da Cunha Lima e o Governo do Estado, recém assumido por Roberto Paulino, guarabirense e ex-prefeito da cidade que apoiava a candidatura de Maranhão, foi um elemento que esteve presente nas falas de algumas testemunhas, possibilitando nesses depoimentos a percepção da existência da falta de credibilidade e a presença de vulnerabilidades nas ações da *Escola do Rádio* no município.

¹³ Esse documento encontra-se em anexo a Dissertação dada a sua extensão.

[...] porque foi justamente naquela época de transição de Roberto Paulino e o Maranhão. Maranhão se afastou nessa época de campanha e coisa e tal e o Roberto assumiu e eu sou obrigada a concordar que teve muito dedo político nessa história, porque foi convidado todo mundo que eles quiseram [...] foi uma coisa meio politqueira, aqui na Paraíba foi uma coisa meio politqueira. Então chegou aqui de pára-quedas, foi dado o contrato a todo mundo que eles quiseram. Eu me escrevi na Regional de Ensino, também já fazia parte do quadro de professores do projeto de alfabetização do Estado... Foi muito rápido [...] bom não sei, mas as eleições iam ser em outubro, o primeiro turno [...] Quem era do lado de Cássio não podia dizer [...] muita gente boa que era professora da rede que estava com o voto declarado para Cássio não ficou no Programa [...] Quem comandava a Regional, que era diretora na época era Telma Paulino, irmã de Roberto Paulino que como eu já disse, apoiava Maranhão [...] (Depoimento da Professora Márcia Amaral).

O *Programa Escola do Rádio* como alternativa para erradicação do analfabetismo no Estado da Paraíba foi implementado em um ano de eleição governamental. Diante desse fato, a princípio apresentava-se como uma política de alfabetismo para o Estado que só poderia funcionar até o final do mandato do então governador Roberto Paulino.

A prática desse Programa na cidade de Guarabira apontou um conjunto de contradições que reflete uma ação aligeirada apresentada pelo Estado da Paraíba como política de erradicação do analfabetismo de pessoas jovens e adultas que desconsiderou as experiências com a EJA, desenvolvidas nesse lugar, bem como apresentou especificidades no uso do material didático.

4. O SENTIDO DO MATERIAL DIDÁTICO NA PRÁTICA EDUCATIVA DA “ESCOLA DO RÁDIO” EM GUARABIRA/PB.

[...] desde os começos de minha busca, no campo da alfabetização de adultos, procurei superar as cartilhas. As cartilhas, enfatize-se, e não outros materiais que pudessem ajudar os alfabetizados no exercício de fixação e de aprofundamento de seus achados. (FREIRE, 1997).

O sentido da educação de jovens e adultos está na organização e compreensão política de um trabalho educativo a partir da existência de uma oferta que atenda às necessidades e os desejos de aprendizagem desses sujeitos.

No contexto da análise do objeto da pesquisa, a discussão sobre a identificação e compreensão dessas possibilidades passa pela percepção das práticas culturais nas quais esses sujeitos estão imersos, como um dos elementos mediadores dos processos de apropriação do conhecimento na perspectiva da produção social de cultura.

Na atual configuração contemporânea, a investigação dos materiais didáticos de um programa de educação à distância viabiliza uma análise referente à aquisição do conhecimento e a organização metodológica do processo de ensino e aprendizagem. No caso específico dos materiais didáticos da *Escola do Rádio*, essa análise, a partir dos conceitos e categorias eleitas no curso da

pesquisa, tem como um dos elementos de reflexão a alfabetização à distância de pessoas jovens e adultas e suas implicações na apropriação do código escrito por esses sujeitos.

Nesse sentido, as relações entre os conceitos de práticas culturais, apropriação e cultura com as categorias de análise ordem, tempo e espaço passam pela compreensão dos materiais didáticos como materiais de leitura que circulam por espaços diferenciados construindo significados sobre o conhecimento letrado.

Os materiais didáticos do *Programa Escola do Rádio* indiciam uma concepção de linguagem que perpassa por um conceito de alfabetização de jovens e adultos em uma época em que a discussão sobre a aquisição do conhecimento, nessa área de ensino, mobiliza as sociedades em todo o mundo na busca da efetivação de um processo de inclusão das camadas populares referente ao acesso e à utilização da diversidade dos bens culturais existentes na contemporaneidade.

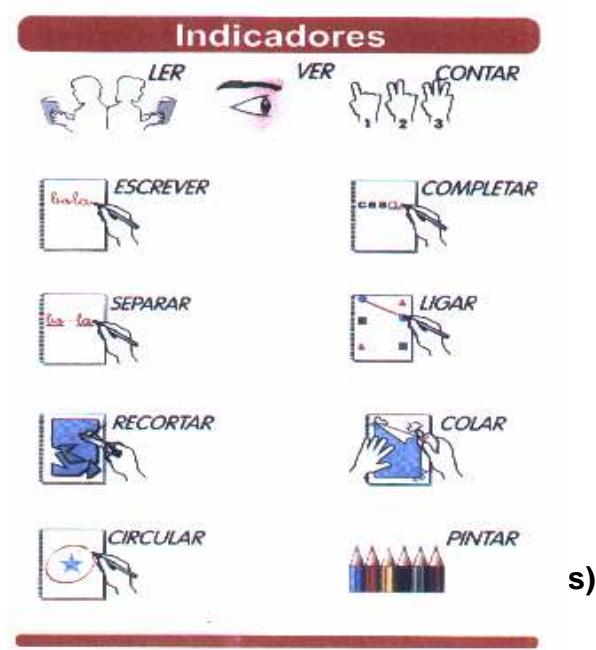
Referendando essa proposição, a análise dos materiais didáticos do *Programa Escola do Rádio* remete essa investigação a uma reflexão relacionada às políticas públicas direcionadas para alfabetização de pessoas jovens e adultas no país e a produção de seus materiais didáticos que se revelam instrumentos de legitimação de propostas educacionais acerca do ensino e aprendizagem da leitura e escrita.

4.1 O Material Didático do Programa Escola do Rádio

O material didático do *Programa Escola do Rádio* caracteriza aspectos fundamentais do projeto de alfabetização à distância idealizado pelo ISAE (Instituto Superior de Administração e Economia) da FGV (Fundação Getúlio Vargas). O mecanismo de organização da metodologia de ensino dessa prática educativa tem, no material didático, o instrumento de materialização do Programa.

Esses materiais são compostos por dois livros intitulados de “Livro de Estudo” nos quais estão as atividades de leitura e escrita a serem desenvolvidas pelos alfabetizandos e pelos 42 programas radiofônicos que orientam a realização dessas atividades.

Os livros de estudo são constituídos por indiciais imagéticos, denominados de indicadores, que mediam a realização da leitura dos enunciados orientados pela professora Esperança nas aulas radiofônicas.



Essas aulas estão organizadas a partir de um roteiro técnico que simula o cotidiano de uma sala de aula de alfabetização de pessoas jovens e adultas, composta pela professora *Esperança* e por seus quatro alunos: *Nazaré, Francisco, Raimundo e Antônia*. Esse processo é representado por recursos da linguagem radiofônica que vão simbolizar as ações que deverão ser realizadas durante as aulas.

Dessa forma, o tempo é indicado por uma música, o movimento do manuseio das páginas dos livros é representado pelo ruído produzido através do contato entre as mãos e o papel. Algumas emoções ou reações dos alunos são apresentadas através de falas sussurradas e barulhos produzidos por movimentos corporais cotidianos.

Os programas iniciam com a música de abertura da Escola do Rádio e na seqüência são apresentados por um narrador que tem o papel de facilitador da realização de memorização da aula anterior, bem como anuncia a temática que será abordada na aula do dia.

PROGRAMA Nº 9 TRABALHO E PROFISSÕES

Música da Escola do Rádio

Apresentador:

Muito bem, pessoal! Estamos de volta para mais um programa da Escola do Rádio. No programa de hoje, falaremos sobre o tema "Trabalho e Profissões. Vamos, ainda, aprender a ler e a escrever várias palavras e letras ligadas à profissões. Antes de iniciarmos a aula de hoje, a professora Esperança irá revisar as atividades do programa anterior. Portanto, acompanhe com bastante atenção. Com você, a professora Esperança.

Música para entrada da professora Esperança.

Profª. Esperança:

Olá queridos alunos da Escola do Rádio! É sempre bom estar aqui com você novamente. Vamos começar a nossa aula de hoje, conferindo aquelas atividades que você fez sozinho, depois da aula passada. Quem não conseguiu fazer tudo ainda, aproveite

para fazer agora. Como você está lembrando, na aula passada, falamos sobre o tema Nomes e Documentos. Vimos alguns documentos que precisamos ter para sermos conhecidos como cidadãos. Aprendemos, ainda, a escrever o nosso nome. Vamos conferir? Pegue o livro de estudos, volume I, que tem a capa na cor vermelha (tempo – música) Abra no programa nº 8 (tempo). As páginas têm faixas na cor azul. O tema é Nomes e Documentos. Você está vendo a figura de vários documentos [...]

Os roteiros radiofônicos são organizados a partir dos quadros *Revendo o que fez* e *Fazendo sozinho*. Esses quadros caracterizam a seqüência das aulas desenvolvidas nos quarenta e dois programas que compõem o curso de alfabetização à distância.

FAZENDO SOZINHO



RECORTAR



COLAR

5

Recorte e cole as figuras nos lugares certos.

















NOME: _____

A a
 B b
 C c
 D d
 E e
 F f
 G g
 H h
 I i
 J j
 K k
 L l
 M m
 N n
 O o
 P p
 Q q
 R r
 S s
 T t
 U u
 V v
 W w
 X x
 Y y
 Z z

(Atividade do livro de estudo 1 Programa nº7)

A estrutura complementar do Programa apresentada na proposta pedagógica é composta pelo amigo de fé coletivo, o professor das aulas presenciais, o amigo de fé individual, uma pessoa escolhida pelo aluno para ajudá-lo nos momentos de aulas à distância e uma equipe de supervisores que deverá realizar o trabalho de acompanhamento pedagógico e visita às salas de aula.

A presença dos amigos de fé individual e coletivo é um dos elementos que caracteriza a originalidade do método na proposta de alfabetização à distância apontado pelo professor Moacir Gadotti, diretor geral do IPF. Segundo esse profissional, os elementos representam o sentido de solidariedade como mobilização da sociedade para compreensão do papel dos indivíduos alfabetizados na constituição das ações alfabetizadoras do país. Além desses aspectos, para Moacir Gadotti o *Programa Escola do Rádio* seria um espaço de exercício dos postulados educacionais deixados por Paulo Freire.

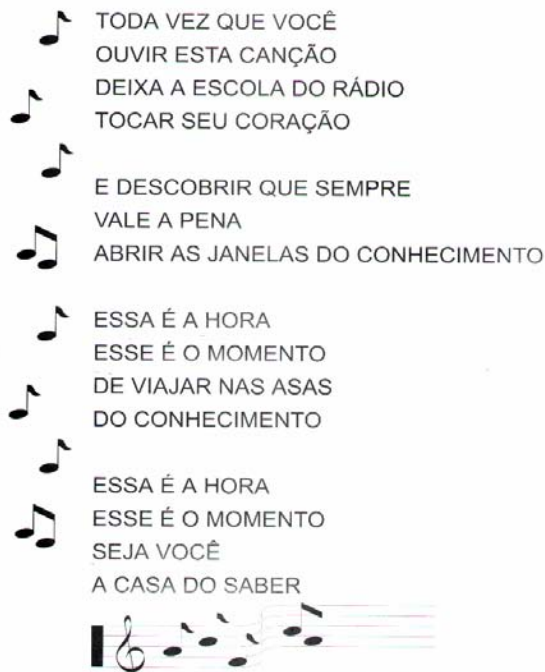
É com grande satisfação que o Instituto Paulo Freire se une a essa respeitosa instituição de ensino para realização do Programa Escola do Rádio de alfabetização à distância de jovens e adultos. [...] Para toda equipe do IPF, esse novo desafio será uma grande oportunidade de dar continuidade e manter vivo o legado de Freire, reinventando-o [...] quero destacar a originalidade do método em questão no que diz respeito à mobilização de energias sociais de solidariedade: a idéia do amigo de fé particular e o amigo de fé coletivo é muito forte, principalmente quando nos referimos à alfabetização. Mas do que um novo método, trata-se de um sistema, dado o conjunto de idéias e conceitos nele contidos, e de um movimento, pelo dinamismo e participação exigida por parte de todos os envolvidos. É sem sombra de dúvida, um projeto singular. (Fax enviado ao ISAE por Moacir Gadotti em nome do IPF. In relatório de atividades da COEJA. 2002)

Reconhecer a singularidade do *Programa Escola do Rádio* como representação de um novo método de ensino e aprendizagem é validar o seu material didático como instrumento dessa singularidade e inovação, visto que, tais materiais instituem a aplicabilidade do método. Na *Escola do Rádio*, o processo de aprendizagem da leitura e escrita é realizado pela compreensão do ensino propagado nas aulas radiofônicas que irá materializar-se na leitura das atividades propostas nos livros de estudo.

A ordem dos conteúdos expressa no conjunto dos materiais propõe um tempo preciso de aprendizagem, em um espaço diversificado no qual a escola estará materializada. Nesse momento, o aluno passa a ser responsável por todo processo que irá vivenciar. Convidará alguém para ser seu amigo de fé individual, escutará atentamente as aulas radiofônicas, realizará as atividades propostas e uma vez por semana se encontrará com o professor que irá lhe tirar todas as suas dúvidas.

Na música de abertura do Programa e o primeiro texto escrito do livro de estudo I, o aspecto da responsabilidade individual do aprendiz caracteriza a existência de um discurso ideológico acerca das ações de aprender.

Escola do Rádio

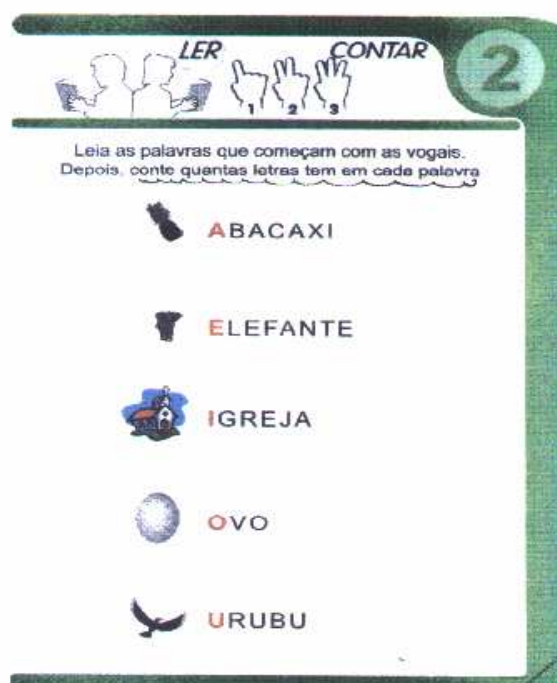


A letra da música reforça antigas concepções sobre o ato de conhecer como algo restrito às ações da escola. Está implícito na construção desse discurso que o conhecimento é um elemento do mundo letrado; que o esforço individual através da vontade de conhecer fará do indivíduo a “casa do saber”.

Outro elemento de caráter ideológico que pode ser identificado é o nome da professora *Esperança*. A redentora que trará a possibilidade do conhecimento através das aulas do rádio, que está disponível a ajudar, solucionar os problemas de aprendizagem de todos os alunos, aquela que todos os dias, com muita alegria e satisfação chega à sala de aula para ensinar a ler e escrever.

Olá! Querido aluno e querida aluna da escola do rádio. É sempre bom estar mais uma vez aqui com vocês [...] a aula de hoje é sobre as vogais e consoantes [...] vamos aprender a ler e escrever palavras que começam com as vogais e com as consoantes [...].

Pensar a *Escola do Rádio* propagadora de um método inovador seria negar as experiências realizadas em outras épocas. Alguns elementos a diferenciam da prática da alfabetização pelo rádio realizada na década de 1960, principalmente os referentes aos recursos tecnológicos e a programação radiofônica de recepção não-organizada. Mas, o contexto de produção de sentido proposto pelos materiais didáticos na perspectiva do sujeito a quem está direcionado o processo educativo, bem como as representações textuais que o constituem, não traduzem as reflexões que relacionam o processo de alfabetização de jovens e adultos como uma prática cultural imbuída de atos de criação.



LER CONTAR 2

Leia as palavras que começam com as vogais.
Depois, conte quantas letras tem em cada palavra

ABACAXI

ELEFANTE

IGREJA

OVO

URUBU

(Atividade do Livro de Estudo I Programa nº 5)

Nesse sentido, é possível perceber contradições entre a fundamentação teórica da proposta pedagógica do Programa e a organização do conteúdo programático formalizado no material didático. Nessa proposta, encontrei a seguinte elaboração:

O processo de alfabetização não é realizado simplesmente a partir de uma sílaba isolada, mas de um contexto amplo envolvendo situações, na qual estará inserido o conteúdo programático a ser estudado, que levam o aluno a conhecer para refletir e refletir para transformar, sentindo-se, mesmo à distância, co-participante desse processo. Segundo Freire, “o ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra” (Proposta Pedagógica do Relatório da COEJA).

Ao examinar o Livro, encontrei em uma das atividades do programa nº4 do livro de estudo I que aborda a temática alfabeto essa proposição:

The image shows a red-bordered activity card. At the top left, there is a small illustration of a hand writing the word 'bola' on a piece of paper. To its right, the word 'ESCREVER' is written above an illustration of two people reading. Further right, the word 'LER' is written above another illustration of two people reading. In the top right corner, there is a red circle with the number '3'. Below these elements, the text reads: 'Escreva a primeira letra do nome de cada figura. Depois, escreva e leia a palavra formada com essas letras.' Underneath this text, there are six small illustrations: a duck, a pineapple, a shoe, a coconut, an egg, and an avocado. Below each illustration is a horizontal line for writing. At the bottom of the card, there is a longer horizontal line for writing.

Na continuidade dessa atividade a leitura silabada deve ser acompanhada em um ritmo contínuo e linear, mediando um processo de apropriação que não se relaciona com a experiência de leitura considerada por Freire (1977) pela relação cotidiana que os indivíduos estabelecem com o mundo. A apropriação da palavra escrita para Freire é uma ação criativa desencadeada por um repertório cultural, o qual permite ao educando produzir conhecimentos acerca da língua, considerando a sua real relação enquanto usuário de linguagem.

Nessa perspectiva de ensino, as letras não se antecedem a produção do discurso representada pelo texto. O alfabeto é um elemento notacional da língua, cujo aprendizado está relacionado ao sentido que o universo textual no qual o indivíduo está imerso produz como prática cultural de leitura e escrita. Os conceitos acerca do que notamos na língua não podem anteceder ao uso que fazemos dela no cotidiano.

Quando falamos não pronunciamos as palavras por sílabas. O processo de leitura e reconhecimento das sílabas faz parte da unidade mínima de compreensão da língua que é o texto. Esses procedimentos de ensino e aprendizagem na alfabetização de pessoas jovens e adultas já se encontravam presente na constituição dos materiais didáticos que caracterizavam a prática alfabetizadora freireana na década de 1960.

As palavras geradoras oriundas do universo vocabular da região em que ia se desenvolver o trabalho de alfabetização propiciavam o contexto de discussão o qual passava a ser o mediador na produção de novas palavras.

A terceira fase consiste na criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar. Estas situações funcionam como desafios aos grupos. São situações-problemas, codificadas, guardando em si elementos que serão codificados pelos grupos, com a colaboração do coordenador. [...] são situações locais que abrem perspectivas, porém, para a análise de problemas nacionais e regionais. [...] A quinta fase é a feitura de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores. (FREIRE, 1977. p.115).

A ordem de organização dos conteúdos no material didático da *Escola do Rádio* sugere um processo de apropriação universal que desconsidera as experiências de leitura que esses indivíduos possam ter construído independente da apropriação do código escrito. Para Chartier (1977), os processos de apropriação se dão por um conjunto de formulações diferenciadas pela experiência individual constituída no universo das práticas culturais construídas socialmente pelos indivíduos em um movimento que revela a historicidade das comunidades e grupos sociais.

Nesse sentido, é possível sugerir que o material didático de alfabetização, ao propor uma ordem de conteúdos que não estabelece relação com o universo das práticas culturais dos indivíduos que dele farão uso, torna-se um material de leitura apático à produção de um conhecimento acerca da língua que medie a construção de sentidos sobre o seu uso social.

Ao se apresentar distante das práticas culturais dos sujeitos envolvidos no processo educativo, o material didático é negado. Identifiquei esse processo na fala de algumas testemunhas quando questionadas sobre seus interesses de aprendizagem ao procurar a *Escola do Rádio*.

[...] eu gosto de poesia, eu tenho uma amiga que tem um caderno de poesia de Cecília Meireles. Eu aprendi dizer essas poesias aí eu queria escrever e ter um caderno de poesia também. [...] Agora ler eu queria ler as minhas cartas. Meu irmão mora em Goiás e eu não leio as cartas que ele manda [...] eu só aprendi a fazer o meu nome na Escola do Rádio [...] eu não conseguia aprender a fazer as coisas; era muito rápido [...] agora eu sei dizer a poesia sim, só que não tinha poesia desse jeito não [...] tinha poesia, tinha rima mas, não tinha de Cecília Meireles não [...] só no livro da escola da minha menina que tem aqui em casa [...] aqui tem muito livro da escola da minha menina que tem poesia [...].

Quando questionada sobre o que gostaria de aprender a ler e escrever, a aluna vai revelando em seu depoimento as divergências entre o conteúdo proposto pelo material e o seu repertório cultural acerca do gênero textual poético. Seu desejo de possuir um caderno no qual possa registrar as poesias de Cecília Meireles, bem como a vontade de ler as cartas enviadas pelo seu irmão, traduz o sentido que o ato de ler e escrever tem na sua vida. Ainda sobre o ato de ler, na continuidade do depoimento fica implícito que o contexto de leitura o qual os indivíduos estão imersos, antecede a apropriação do código escrito e revela a constituição de suas práticas culturais.

[...] eu gosto de ouvir as cantorias quando tem poesia cantada no rádio. [...] aqui em Guarabira tem na Rádio Rural esse programa [...] tem as vezes o pessoal fazendo poesia de teatro e eu decoro as poesias [...] eu sei essa de Cecília Meireles só um pedaço [...] é... *Arabela abria a janela Carolina erguia a cortina e Maria apenas olhava e dizia bom dia... Arabela foi sempre a mais bela, Carolina foi sempre a mais sabida e Maria só olhava e dizia bom dia...* (depoimento de uma aluna de 27 anos).

O percurso da investigação sobre o material didático da *Escola do Rádio* me levou a identificar além das nuances acerca dos conteúdos, aspectos da organização do programa na cidade de Guarabira que considerei relevantes para continuidade da análise acerca do uso do material como efetivação da prática educativa da alfabetização à distância dessa proposta pedagógica. Um desses aspectos foi o recrutamento e a qualificação dos professores na cidade.

Entre as informações encontradas na ficha de seleção elaborada pelo IPF e as exigências apresentadas no quadro de necessidades de recursos humanos pelo ISAE, o perfil do professor que iria mediar o processo presencial de ensino, apresenta características distintas.

Esses elementos de diferenciação entre o projeto original do Programa apresentado pelo ISAE e sua execução no Estado da Paraíba vão sendo evidenciados não apenas no que se refere ao perfil do professor, que na região foi intitulado de monitor, mas também, indicam outras reformulações realizadas na experiência da *Escola do Rádio* nesse Estado.

Essas reformulações podem ser percebidas no depoimento da professora Kátia Valéria que trabalhou no Programa como articuladora. Através da fala dessa professora, foi possível identificar que a função do articulador foi criada durante o período de capacitação pelos consultores do IPF após um acordo realizado com os representantes da COEJA.

Existia um impasse entre o Estado e o Instituto. O Estado mantinha o financeiro e queria que alguns de seus funcionários participassem e o Instituto que cuidava da parte pedagógica queria fazer uma seleção para escolher os supervisores. Até que chegaram a um acordo que seria dividido 50% do Estado e 50% do Instituto. Depois se discutiu que também haveria a necessidade de colher o material de pesquisa. Foi aí que surgiu a figura do articulador. Eu só fui chamada bem depois, pensei até que não ia ficar. Eu fui chamada por uma professora do instituto.

Esse impasse pode ser caracterizado como um elemento de tensão na constituição da parceria realizada em um período de eleições governamentais, no qual o jogo de conquistas das lideranças nos municípios, a manutenção de relações, já estabelecidas e a ação dos representantes partidários do Estado nas regiões fragilizam as intervenções da instituição pública que passa a atender as solicitações como forma de perpetuar e preestabelecer esses vínculos políticos partidários.

No entrecruzamento dos depoimentos torna-se corrente que as indicações de pessoal para exercer não só a função de supervisor, mas também a função de monitor foi uma permanência em algumas regiões. No depoimento da supervisora Valdinete Santos, que atuou no município de Guarabira, evidencia-se a falta de qualificação de alguns monitores como uma dificuldade na realização do acompanhamento pedagógico.

[...] tinha professores que não viviam na área de educação, eram pessoas que vinham do comércio; alguns sim e outros não. Então não foram escolhidos professores mesmo. Eu achava que o programa ficou difícil de ser repassado por conta disso [...].

As falas das testemunhas evidenciam a indicação de pessoas que não tinham experiência com alfabetização de jovens e adultos e haviam sido convidadas a assumirem a função de monitor na *Escola do Rádio*, em alguns casos, apenas por serem licenciadas. Esse fato está explícito no depoimento da auxiliar de enfermagem Zélia Maria.

Na realidade, eu terminei o curso de História licenciatura plena, mas eu não exercia a profissão de professora. Eu sou auxiliar de enfermagem do Hospital Regional há vinte e sete anos. Mas aí eu estava lá com o curso e achei por bem colocar em prática pra ver realmente. Eu não tinha experiência como professora, mas eu adorei esse tempo que eu passei acompanhando o pessoal da Escola do Rádio [...] valeu a pena aceitar o convite da Regional [...] (Depoimento da monitora Zélia Maria).

Para Roseli Costa, articuladora da Região do Brejo, o fato de algumas pessoas não terem formação em educação, inviabilizou nessa região, a execução efetiva da proposta pedagógica de alfabetização do Programa, que além de estar pautada na concepção freireana de alfabetização de jovens e adultos, adota os princípios da pesquisa acerca da psicogênese da língua escrita desenvolvida pela educadora Emília Ferreiro.

A psicogênese da língua escrita, de Emília Ferreiro, deu um novo enfoque à questão da alfabetização. Através de sua pesquisa, preocupou-se com a sistematização de “como” a criança elabora seu processo de aquisição da língua escrita por meio da elaboração de hipóteses silábicas estruturadas em níveis conceituais: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético, que evidenciam a evolução de sua escrita. Os estudos da referida educadora também foram aplicados no desenvolvimento desta metodologia (Relatório de atividades da COEJA. Janeiro de 2002).

A referida articuladora cita como um dos elementos na caracterização da ineficácia do trabalho pedagógico no cotidiano do Programa, o fato de alguns dos monitores não terem conseguido compreender o processo avaliativo de aprendizagem dos alfabetizandos proposto a partir desse referencial teórico.

A avaliação da aprendizagem na *Escola do Rádio* tinha um caráter de avaliação diagnóstica, processual e contínua, pressupondo o acompanhamento do avanço dos níveis conceituais de escrita dos alfabetizandos. O significado dos termos pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético tornou-se uma linguagem incompreensível para os monitores que vinham de uma formação técnica, cuja referência da aprendizagem na alfabetização estava relacionada à forma como cada um desses “professores” haviam sido alfabetizados.

Tínhamos que preencher as fichas que o ISAE e o instituto pediam. Era o acompanhamento dos alunos para saber dos níveis silábicos, pré-silábicos, alfabético [...] todos os meses a gente tinha que mandar. Nós fazíamos a orientação dos supervisores para que esses supervisores orientassem os monitores [...] aí tinha professor que estava qualificado para esse trabalho, mas tinha professor que não estava, porque tinha professor que não tinha nem o pedagógico. Para esses a compreensão do que deveria ser avaliado era muito difícil. Eles tinham muitas dificuldades [...] é difícil até para quem tem formação; você imagine o professor que é considerado leigo [...] eles sabem da alfabetização, do tempo que foram alfabetizados, tudo era muito novo. As vezes eles nem compreendiam os termos utilizados [...] (depoimento da articuladora Roseli Costa).

Alguns desses monitores trabalhavam no comércio e exerciam a função de professor na *Escola do Rádio* como uma atividade provisória que representava um aumento no orçamento mensal.

Eu fiquei porque era apenas um Programa... eu não sou professora, mas como era só para alfabetizar, principalmente as pessoas idosas, eu fui; até que eu não achava difícil dar as aulas... porque eu trabalho mesmo é numa lanchonete no centro da cidade. Aí, como era só uma vez na semana, eu tinha apenas três salas. Eu ganhava R\$ 180,00 por mês, ainda ganhei um rádio que tocava o cd. Eu ensinava o que estava na aula do rádio... foi um projeto bom porque a gente pode ganhar um trocado a mais e ajudou no financeiro; não era emprego, mas era bom porque a gente pode ganhar algum dinheiro...(Depoimento de uma monitora do Programa¹⁴).

A partir dessa configuração, que revela algumas contradições entre a proposta do *Programa Escola do Rádio* e sua prática educativa efetiva na cidade de Guarabira, a análise dos materiais didáticos viabiliza uma reflexão relacionada ao funcionamento das atividades propostas em um curto período de tempo, cujos impasses, com a formação dos monitores implicam numa interferência na mediação entre o processo de aprendizagem à distância e as aulas presenciais.

A peculiaridade dessa proposta de alfabetização à distância formaliza um processo que, articulado ao conteúdo programático explícito no material didático, organiza-se em uma ordem gradativa de ensino e aprendizagem, bem como em um tempo de apropriação do conhecimento proposto tanto para o educando, quanto para o educador que tem no Programa uma imagem diferenciada de acordo com o espaço de organização das aulas.

A imagem do professor na *Escola do Rádio* é instituída pela fala radiofônica através da professora *Esperança* e pelo contexto das aulas presenciais com a atuação do monitor.

Esses professores distintos exercem um papel peculiar na vida dos alfabetizando, um relaciona-se com um tempo de ensino e aprendizagem programado por uma ordem inalterada, cujas situações de conflitos, apesar de

¹⁴ Essa monitora não permitiu que seu nome fosse divulgado.

estarem relacionadas aos processos de aprendizagem da leitura e escrita, são hipotéticas. O outro lida com um tempo diferenciado de ensino e aprendizagem cuja ordem de organização dos conteúdos é alterada em situações reais de conflitos apresentadas por cada indivíduo em seu contexto de apropriação do código escrito.

O material didático nessa configuração assume uma função formativa que institui relações de conhecimento e propaga no conjunto da comunidade que o utilizou um referencial do ato de aprender que se diferencia de acordo com o espaço de mediação articulado pela proposta do Programa.

Durante o processo de formação desses monitores, está evidenciada nas falas de algumas das testemunhas que a ênfase do trabalho formativo foi na utilização do material didático pelo aluno.

[...] a capacitação foi em Alagoa Grande. Vieram professores de fora, de São Paulo [...] a capacitação foi dividida por cada área. A gente tinha que aprender a usar o material que iria ser passado para o aluno. A proposta de Paulo Freire, o jeito de alfabetizar adultos e as questões dos níveis silábico, pré-silábico para a alfabetização mais atualizada dessas propostas [...] Além das explicações formais, teve a exibição de vídeo que mostravam as aulas realizadas em outros estados [...] a gente tinha que ter uma boa base para ajudar o aluno a aprender pelo rádio [...] o que estava em foco era o material do aluno [...] (Depoimento da monitora Elisângela Silva que atuou no distrito de Pirpirituba no município de Guarabira. A referida monitora tinha o nível médio de magistério).

Os livros de estudo e os programas radiofônicos são os instrumentos que caracterizam o princípio metodológico dessa proposta de alfabetização à distância. Nessa configuração metodológica, o monitor necessitava compreender os mecanismos de utilização desses materiais no cotidiano do Programa pelos alunos e articular nas aulas presenciais o conteúdo proposto pela atividade do livro de estudo orientado pelas aulas radiofônicas com outras propostas de atividades.

[...] a gente foi orientado a ouvir as aulas para trabalhar com os alunos [...] evitar as repetições de palavras que eles tinham ouvido no rádio e conciliar as aulas que os alunos ouviram no rádio com outros trabalhos [...] a gente tinha a orientação de ouvir as aulas do rádio para organizar nossas aulas [...] (Depoimento da monitora Elisângela Silva).

O depoimento acima ainda revela a importância do papel do monitor na execução do Programa, bem como a complexidade que envolvia o desenvolvimento de sua ação pedagógica para efetivação do processo de aprendizagem dos alunos através do uso do material didático.

Pela própria fundamentação teórica apresentada, a prática educativa da *Escola do Rádio* requeria um professor que compreendesse o processo de aquisição do conhecimento da língua no contexto da alfabetização à distância a partir da compreensão da ordem de organização do conteúdo, seu tempo de apropriação e o espaço no qual essas apropriações estavam sendo mediadas.

Esse conjunto de ações não está posto nas atribuições relevantes ao professor identificadas no quadro de necessidades apresentado pelo ISAE, mas torna-se implícita ao processo de aprendizagem sugerido pelo material didático na constituição da metodologia de ensino à distância do Programa.

A breve análise da formação dos monitores me fez compreender que a prática educativa do *Programa Escola do Rádio* exige que o monitor com à luz dos pressupostos teóricos que fundamentam esse material a forma de utilizá-lo nessa proposta de ensino à distância, identificando as nuances desses pressupostos na organização dos conteúdos que sugerem os processos de apropriação da leitura e escrita pelos educandos e o seu papel como mediador na constituição dessas apropriações nos momentos presenciais do curso.

Uma dessas nuances seria a regionalização dos conteúdos, um dos itens de fundamentação dos materiais didáticos que constitui, segundo a proposta pedagógica, os processos de construção de sentido acerca da leitura e escrita pelos alfabetizandos.

4.3 A regionalização como base da organização dos conteúdos no material didático da *Escola do Rádio*

Eu gosto demais de rádio. Essa semana eu disse aqui na minha casa, se rádio acabasse eu não vivia não, eu gosto demais de rádio [...] se eu for num canto quando eu chego eu ligo o rádio que é pro mode fazer minhas obrigação escutando rádio (Depoimento de uma aluna do Programa Escola do Rádio em Guarabira).

A articulação atribuída no prosseguimento da análise entre os conceitos de práticas culturais, cultura e apropriação, com as categorias ordem, tempo e espaço, está mediada pelo conceito de regionalismo implícito na adaptação do material didático registrado pelo ISAE como um dos procedimentos na elaboração do Programa para sua implementação no Estado da Paraíba.

Nesse sentido, a articulação remete à continuidade da análise a responder o questionamento da pesquisa na busca de identificar a relação entre o conteúdo sugerido para a apropriação da leitura e escrita e as práticas culturais do lugar em que vivem os sujeitos que participaram do Programa, percebendo como esse conteúdo se apresenta no material didático e quais os processos de apropriação vivenciados pelos alunos e professores que o utilizaram.

No cronograma de execução do Programa apresentado pelo ISAE, a adaptação do material didático a partir da regionalização dos conteúdos foi realizada em um período de noventa dias, a contar do mês de janeiro de 2002, especificamente três meses antes da primeira audição das aulas no rádio. O tempo de adaptação e as atividades realizadas estão registradas no cronograma sintético de implementação do Programa.

A metodologia adotada na constituição dessa regionalização não foi mencionada nas descrições das atividades, o que sugere na análise, devido o próprio tempo para adaptação do material, que o critério adotado não contemplou a especificidade do Estado da Paraíba, mas a caracterização universal da Região Nordeste.



CRONOGRAMA SINTÉTICO DA IMPLANTAÇÃO

DISCRIMINAÇÃO DAS ATIVIDADES	MÊS 1		MÊS 2		MÊS 3		MÊS 4		MÊS 5		MÊS 6		MÊS 7		MÊS 8	
	S1	S2	S3	S4	S1	S2	S3	S4	S1	S2	S3	S4	S1	S2	S3	S4
1. Elaboração do Projeto																
1.1 Reuniões de partida																
1.2 Levantamentos preliminares																
1.3 Elaboração do Projeto Local																
1.4 Constituição das equipes ISAE/Local																
1.5 Instalação das equipes in loco																
2. Adaptação dos Programas																
2.1 Roteiros Técnicos																
2.2 Livro de Estudos																
2.3 Dicionário Ilustrado																
2.4 Produção Fonográfica																
2.5 Produção Gráfica																
2.6 Validação dos programas																
3. Estratégias de Implantação																
3.1 Mapeamento dos locais de aplicação																
3.2 Negociação com parceiros (CCB, escolas etc)																
3.3 Levantamento das condições para aplicação																
3.4 Preparação dos locais de aplicação																
3.5 Seleção de Recursos Humanos																
3.6 Cancelação de Recursos Humanos																
3.7 Lotação de Recursos Humanos																
3.8 Inscrição/Seleção de alunos																
3.9 Distribuição dos kits (aluno/professor)																
3.9 Aplicação do Projeto																
3.10 Acompanhamento/Avaliação do projeto																
4. Aquisição de Materiais																
4.1 Kit do Aluno da Escola do Rádio																
4.2 Kit do professor da Escola do Rádio																
4.3 Contratação da Rádio Transmissora																
5. Estratégias de marketing																
5.1 Elaboração da campanha																
5.2 Veiculação da campanha																
6. Sistema de Gestão Informatizada																
6.1 Levantamentos preliminares																
6.2 Desenvolvimento																
6.3 Treinamento de usuários																
6.4 Implantação																
6.5 Entrada de dados inicial com validação																
6.6 Manutenções (corretivas/evolutivas)																

Av. Djalma Batista, 712 - Chapada
69.050-010 - Manaus - Amazonas
Tels: 633-2266/633-1514/633-1503
Fax: 633-3476 / 633-1627
e-mail: isae@vfgvem.br
www.vfgvem.br

Essa percepção na organização do material didático indicou, no curso da investigação, uma compreensão universalizada dos processos de apropriação das

práticas culturais da leitura e escrita no processo de alfabetização, bem como da configuração das práticas culturais cotidianas do homem nordestino.

Esse aspecto do sentido de regionalização do material didático me levou a eleger, a partir da configuração das práticas culturais da cidade de Guarabira, apresentadas no segundo capítulo, três elementos como critérios na escolha dos programas a serem analisados: o uso do rádio pelos sujeitos no lugar, a organização radiofônica dos programas da Escola do Rádio e algumas temáticas relacionadas às manifestações culturais do povo nordestino.

Esses elementos viabilizam a percepção, a partir do depoimento dos alunos e professores, do contexto das apropriações vivenciadas, como também, a ordem, o tempo e o espaço dessas apropriações sugeridas nos programas.

Na cidade de Guarabira, onde o advento do rádio mobiliza a população, um programa cuja metodologia é constituída através da linguagem radiofônica causou euforia no lugar. A divulgação para realização das matrículas através da Rádio Cultura impulsionou a procura pelo Programa nas escolas estaduais. Segundo o depoimento de algumas testemunhas, a distribuição do rádio de pilha foi um dos maiores atrativos na formalização dessas matrículas.

Na opinião da professora Márcia Amaral, que trabalhou em quatro salas do Programa, duas localizadas no presídio e as outras no centro da cidade, o rádio de pilha foi a “grande vedete”, “não se falava em outra coisa na cidade”, “vamos nos matricular que ganha um radinho”. Porém, em um lugar onde o povo tem uma relação com o rádio como um dos principais veículos de comunicação e informação, é comum que todos tenham rádio em suas casas, fato que provocou a venda dos aparelhos pelos alunos.

[...] Eles vendiam o rádio. Lá no presídio não ficou um. Eles venderam todos [...] rádio bonzinho, uma marca boa, o rádio resistente. Lá de fora mesmo, pegaram o rádio e deram para a vovó, a netinha, eles recebiam o rádio numa caixinha, bem bonitinho com as pilhas. No presídio, eles ouviam a aula no outro rádio, muitos têm rádio; quem não tinha ouvia no rádio do colega [...]

No depoimento do senhor Persinaldo dos Santos a informação da venda do rádio de pilha evidencia o fato corrente na região.

Os radinhos foram vendidos por muitos. O radinho era muito bonitinho [...] ele foi entregue, digamos no início da semana e no final de semana já havia um monte deles na feira do sábado [...] todo mundo, eu acredito, em Guarabira tem o seu radinho em casa.

A venda do rádio de pilha na cidade de Guarabira foi um dos elementos que me fez perceber a concepção de regionalização da proposta pedagógica do programa imersa em um campo semântico restrito ao conceito de espaço geográfico que não contempla as práticas culturais vivenciadas pelos sujeitos em seus grupos sociais diferenciados.

Esse sentido de regionalização evidencia mais uma contradição na proposta pedagógica do Programa referente aos pressupostos metodológicos que a fundamentam. Segundo seus idealizadores, a *Escola do Rádio* está balizada nos estudos freireanos sobre alfabetização de jovens e adultos.

As idéias revolucionárias de Paulo Freire confirmam que o homem é um ser ativo em constante relação com o mundo, podendo transformar e transformar-se. Defendem uma alfabetização para a vida, com significado propõe o desenvolvimento das potencialidades criativas e transformadoras do ser humano através da conscientização cultural e política (Relatório de atividades da COEJA, p.18).

Dessa forma, a ação alfabetizadora através do rádio na proposta de alfabetização à distância vem:

Contrapor-se à pedagogia tradicional (caracterizada na arte de memorizar e reproduzir mecanicamente os conhecimentos) para apresentar uma educação com significado, alegria e criatividade, desenvolvendo no indivíduo a sua auto-estima e conscientização crítica da realidade [...] (Relatório de atividades da COEJA)

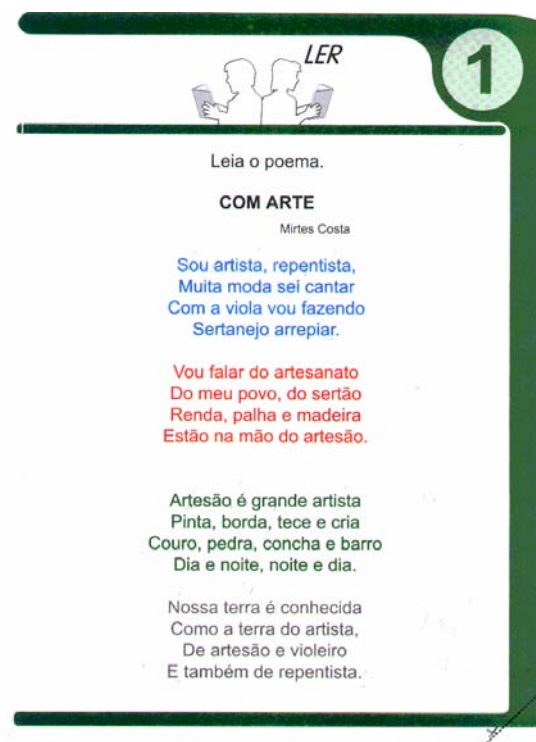
O marco do caminho teórico traçado por Paulo Freire na constituição do trabalho com a alfabetização de jovens e adultos está exatamente na compreensão de um processo educativo no qual a relação dos sujeitos com o seu lugar é um dos elementos para a apropriação do conceito antropológico de cultura.

Constituída através da percepção das relações de produção nas quais os indivíduos estão envolvidos não apenas como consumidores, mas como produtores de culturas diversificadas que caracterizam as regiões, suas comunidades e grupos sociais diferenciados, a prática alfabetizadora propagada por Paulo Freire concebe a regionalização das propostas pedagógicas na perspectiva da investigação dessas práticas culturais como um instrumento de sua formulação e produção de seus materiais didáticos.

A compreensão universalizada do uso do rádio na região Nordeste, sua inserção na zona rural e um modelo específico de programação radiofônica são

um dos elementos que constituem a concepção de regionalização na configuração da proposta de alfabetização à distância da *Escola do Rádio*. Estes, diferem dos constituintes empíricos que fundamentam a concepção de regionalização implícita na teoria freireana de alfabetização.

Os aspectos do conceito de regionalização, contidos na proposta de alfabetização da *Escola do Rádio*, podem ser identificados no Programa nº 26 que aborda a temática - *O Artesanato Nordestino*. A discussão do conteúdo vem mediada pelo repente intitulado Com Arte, inserido no livro de estudo de nº 2, de autoria da professora Mirtes Costa, integrante do grupo de organização da *Escola do Rádio* junto ao ISAE/FGV.



LER

1

Leia o poema.

COM ARTE
Mirtes Costa

Sou artista, repentista,
Muita moda sei cantar
Com a viola vou fazendo
Sertanejo arrepiar.

Vou falar do artesanato
Do meu povo, do sertão
Renda, palha e madeira
Estão na mão do artesão.

Artesão é grande artista
Pinta, borda, tece e cria
Couro, pedra, concha e barro
Dia e noite, noite e dia.

Nossa terra é conhecida
Como a terra do artista,
De artesão e violeiro
E também de repentista.

A essência do repente é o improviso, que enuncia uma espécie de diálogo poético no qual as temáticas vão encontrando nos versos metrificados a forma que caracteriza esse poema popular.

Na Região Nordeste, são inúmeros os poetas anônimos com um vasto repertório de repentes construídos nas feiras-livres, nos espaços de cultura institucionalizados, nas bodegas onde se encontram ao redor de uma boa pinga e transformam as imagens do cotidiano em palavras ritmadas.

Nesse programa, o repente apresenta a temática que vai ser estudada, obedece a forma, mas vem desprovido do conteúdo poético que constitui o verso metrificado construído de improviso.

A apresentação dessa expressão da cultura popular nordestina vem na forma de um estereótipo, um modelo pré-organizado. O verso de improviso é uma construção do discurso oral, desenvolvido com a complexidade dos elementos que constituem essa representação de linguagem. Não nasce escrito, tem sua origem no cancionário popular.

Dessa forma, muito embora que para efeito didático de visualização da palavra escrita haja a necessidade de registro desses versos no livro de estudo utilizado pelo aluno, o programa não faz nenhuma menção ao referido estilo poético, bem como ao contexto de sua criação e aos poetas populares.

Muito bem! Você já sabe que o tema do programa de hoje é *Artesanato Nordestino* [...] vocês estão vendo algumas fotografias que mostram alguns desses artesanatos. Agora vamos ouvir uma música que é o repente que fala sobre o artesão. Ouça com atenção (Fala da professora Esperança. Programa de nº26).

A regionalização de uma proposta pedagógica de ensino não é uma mera transposição das representações culturais de um povo, mas a compreensão dos usos e maneiras com as quais os grupos, em suas dimensões regionais, vão delas se apropriando e reapropriando.

Ao propor a investigação do repertório vocabular dos sujeitos de uma determinada comunidade como princípio para organização do contexto das palavras geradoras a serem utilizadas nas aulas de alfabetização, Freire (1977) inicia um processo que institui o reconhecimento da cultura local na elaboração do conteúdo programático para educação dos jovens e adultos.

Este levantamento é feito através de encontros informais com os moradores da área a ser atingida, e em que não só se fixam os vocábulos mais carregados de sentido existencial e por isso, de maior conteúdo emocional, mas também os falares típicos do povo, suas expressões particulares, vocábulos ligados à experiência dos grupos, de que a profissional é parte (FREIRE. 1977. p.112)

Reconhecer a produção cultural do lugar através das práticas culturais vivenciadas em suas comunidades é fazer valer o sentido de sujeito cognoscente do processo educativo numa perspectiva histórico-cultural da construção do conhecimento. Nessa configuração, o material didático torna-se o elemento de maior mediação entre a teoria e a prática alfabetizadora, inserindo-se como representação e registro das práticas culturais pesquisadas na região que irá utilizá-lo.

Na cidade de Guarabira onde a poesia popular ainda circula nas ruas da feira livre, a investigação desse repertório literário oriundo da cultura oral e seus

poetas, cordelistas, repentistas e cantadores de viola poderia compor o conteúdo formativo proposto no material didático, caracterizando a peculiaridade cultural de um município do Estado paraibano.

A referência ao programa de repentistas do locutor Zezinho da Borborema, propagado pela Rádio Rural, bem como a participação de um poeta da região na produção do repente a ser adaptado ao conteúdo do Programa radiofônico da *Escola do Rádio* caracterizaria o movimento metodológico enunciado por Freire (1992) no contexto da produção do material didático para as salas de alfabetização de jovens e adultos.

Estórias em torno de vultos populares famosos, do “doidinho” da vila, com sua importância social, das superstições, das crendices, das plantas medicinais, da figura de algum doutor médico, de curandeiras e comadres, de poetas do povo. Entrevistas da área, os fazedores de bonecos, de barro ou de madeira, escultores quase sempre de mão cheia; os rezadores gerais, que curam amores desfeitos ou espinhelas caídas. Com este material todo poderiam ser feitos folhetos com respeito total a linguagem – sintaxe, semântica, prosódia – dos entrevistados. Estes folhetos, bem como as fitas gravadas, poderiam ser usados tanto na biblioteca mesma, em sessões próprias, quando poderiam ser material de indiscutível valor para os cursos de alfabetização, de pós-alfabetização ou para atividades outras no campo da educação popular na mesma área (FREIRE.1992.p.34).

Nesse princípio pedagógico, as reflexões relacionadas às apropriações do conhecimento letrado no processo de alfabetização de jovens e adultos apontam a produção dos materiais didáticos como um dos elementos que propicia a inserção de discussões sociais necessárias à formação das comunidades.

A perspectiva dessas produções na educação à distância, tem como base da discussão a construção de materiais de leitura que associados às tecnologias de informação comumente utilizadas por essas comunidades possam viabilizar um

contexto formativo, no qual as apropriações da leitura e escrita constituam-se em interações diversificadas a partir da organização de linguagem proposta pelo meio que as veiculam.

Na especificidade do *Programa Escola do Rádio*, o contexto formativo foi inserido na programação radiofônica da cidade de Guarabira, através da *Rádio Cultura* e durante o período de cinco meses tornou-se parte da vida de seus ouvintes. Permanecendo no ar duas vezes ao dia, as aulas eram apresentadas pela seqüência de programas que correspondiam aos estudos através dos quais os alunos gradativamente iriam consolidar o processo de alfabetização.

Segundo o depoimento da funcionária da *Rádio Cultura* responsável pela transmissão do Programa na emissora, a veiculação da *Escola do Rádio* a esse canal radiofônico se deu pela sua possibilidade de alcance em toda a Região do Brejo.

Foram feitas pesquisas antes de contratar a Rádio Cultura para fazer esta parceria junto ao governo do Estado e por conta do nosso alcance nós fomos os escolhidos para fazer este trabalho, em toda região do Brejo, inclusive parte de João Pessoa atinge o som da Rádio Cultura. (depoimento da funcionária responsável pela transmissão do Programa na Rádio Cultura)

O processo de transmissão da *Escola do Rádio* pelo canal local limitava-se a dispor no ar o cd com a aula do dia, repetindo-a durante o período de dois dias e meio, computando a quantidade de cinco aulas sobre o mesmo conteúdo.

A *Escola do Rádio* seria transmitida duas vezes durante o dia das cinco e meia às seis da manhã e das oito horas às oito e meia, era uma hora durante o dia e cada dia tinha programada a sua aula seguida juntamente com a cartilha que foi entregue com o material no ato da matrícula, que os alunos receberam a cartilha e aquilo que era transmitido pela emissora de rádio seria rigorosamente o que estava nas cartilhas. As aulas eram repetidas [...] a da manhã se repetia à tarde. Normalmente essas aulas se repetiam por dois dias e meio; seriam cinco aulas seguidas sobre o mesmo assunto. Essas aulas eram preestabelecidas em mapas [...] eram preestabelecidas as aulas o material distribuído pelas emissoras eram uns CDs, e a gente tinha esses CDs, cada CD tinha as suas aulas e assim a gente ia redistribuindo [...] (depoimento da funcionária responsável pela transmissão do Programa na Rádio Cultura).

Na análise do depoimento citado, é possível perceber que a ação da emissora está restrita à manutenção diária dos horários de transmissão, não havendo nenhum tipo de intervenção com a participação de educadores ou de radialistas durante o período de funcionamento do Programa na região.

Esse aspecto relacionado ao funcionamento do *Programa Escola do Rádio* é evidenciado na continuidade do depoimento da funcionária da Rádio Cultura, quando questionada sobre a participação da emissora no desenvolvimento do trabalho.

[...] durante o período, antes do projeto entrar no ar, a gente teve umas chamadas na emissora convidando as pessoas a fazerem suas matrículas, comparecerem às escolas estaduais e, a partir daí, a gente fez um grande incentivo para a matrícula dessas aulas [...] agora que durante o período em que o programa já estava no ar ficamos mais restringidos a transmissão, exceto algum problema eventual que aparecesse nós fazíamos divulgações durante os programas, alguma modificação que acontecesse [...] o nosso objetivo de participar durante o programa foi exatamente o período anterior ao início das aulas, no período das aulas a nossa meta estabelecida pelo projeto era exatamente a divulgação nesses horários pela manhã e repetição do programa durante a noite. A gente não tinha um acompanhamento com as pessoas não, exceto alguma dúvida que o pessoal ligava, para o departamento de programação, mas, a gente não acompanhava, esse acompanhamento era feito exclusivamente pelas escolas estaduais.

A fala radiofônica na cidade de Guarabira é propagada no cotidiano do lugar por quatro emissoras de rádio. A programação rotineira insere uma linguagem interativa cuja participação da população se dá através de cartas, telefonemas e em alguns casos quadros ao vivo nos quais os ouvintes são entrevistados nas ruas ou convidados a participarem dos programas nos estúdios de gravação.

A linguagem do rádio na cidade diferencia-se da proposta radiofônica da *Escola do Rádio* constituída por programas compostos diariamente pelos quadros *Revendo o Que Você Fez e Fazendo Sozinho*. Na constituição desses quadros a organização dos conteúdos dos programas segue um roteiro no qual se institui a seguinte ordem: a abertura com a música do Programa, a mediação do narrador que anuncia o começo, meio e fim das aulas, a aula exposta pela professora *Esperança*, as interpelações realizadas pelos alunos Raimundo, Nazaré,

Francisca e Antônio e por fim, a fala da professora Esperança estimulando a feitura dos exercícios pelos alunos nos momentos à distância do curso.

A ausência de interatividade entre o Programa e o educando no momento de sua transmissão foi uma das questões identificada nas entrevistas realizadas com alguns alunos. As falas e os contextos apresentados nas aulas radiofônicas nem sempre eram acompanhados por esses sujeitos, fato que contribuiu para que alguns desistissem de ouvir as aulas durante a semana.

[...] eu recebi o rádio e não estudei não, eu tinha o rádio e ficava só ouvindo, estudar eu não estudei não, eu ficava só ouvindo ... não fazia o dever não... não conseguia... às vezes eu ia para rede e agarrava no sono... Eu não entendia bem ... não conseguia usar o livro não... eu olhava assim e embaralhava tudo, eu via um nome assim e não me lembrava, eu só escutava a mulher falando. Eu achava bonito, eu achava bonito demais... Tá vendo menino? Tô vendo, pensava comigo. Eu achava bonito, mas eu não fazia nada não, só fazia escutar, não fazia nada não, não conseguia saber o que era para fazer [...] (depoimento de um aluno de uma das turmas que funcionava no presídio).

O ensino à distância suscita a organização de programações educativas que diante de seu universo formativo, promova o envolvimento do aluno com o ato de conhecer estimulando, entre outras coisas, o desenvolvimento de sua autonomia intelectual. Segundo Preti (2000), a educação à distância não pode ser desenvolvida sem que haja uma reflexão efetiva sobre o conjunto de aprendizagens as quais o programa de ensino objetiva que seja alcançado pelo aluno.

Pode-se dizer que o “calcanhar de Aquiles” na educação à distância é a situação de aprendizagem individual. O estudar sem a presença regular de colegas e professores desafia a superar suas limitações pessoais e desenvolver sua capacidade de aprender a aprender. Este é um processo que exige envolvimento tanto da instituição que oferece o curso como do cursista inscrito. A instituição coloca a disposição do cursista todo seu sistema (recursos materiais e humanos, redes de comunicação) para dar suporte a sua caminhada. Por outro lado, o cursista deve mergulhar, assumindo para si, também, a responsabilidade de sua formação. (PRETI, 2002. p.125.)

No *Programa Escola do Rádio*, a constituição da programação radiofônica de recepção não-organizada requer do alunado um conjunto de posturas relacionadas ao ato de aprender, que pressupõe acima de tudo, a compreensão dos mecanismos de aquisição do conhecimento a partir da proposta de educação à distância.

A programação radiofônica de recepção não-organizada propõe que o aluno ouça as aulas e realize sozinho o trabalho de interpretação e assimilação do conteúdo fundamental da proposta de ensino. O material didático é o principal mediador entre esse conteúdo e o processo de aprendizagem, requerendo do educando a construção de percepções que viabilizem a recepção, um dos elementos responsáveis pela aquisição do conhecimento na proposta de ensino a distância através do rádio.

Na alfabetização de jovens e adultos, a construção dessas percepções em torno da aquisição do conhecimento envolve aspectos sociais, culturais e cognitivos relacionados ao sujeito da aprendizagem e às habilidades acerca da língua que deverão ser desenvolvidas durante o processo de ensino.

Ao utilizar o material didático, o aluno da *Escola do Rádio* teria que articular os conteúdos referentes à aquisição do código escrito com as temáticas propostas

como mediadoras na construção desse conhecimento. O sentido dessas apropriações propostas nas atividades do programa está organizado a partir de uma programação neuro-linguística que propõe a utilização de determinados recursos da linguagem verbal e não-verbal como indução da atividade mental.

A programação neuro-linguística, na configuração do material didático do Programa, está direcionada à utilização de palavras na composição do conjunto das aulas radiofônicas que estimulem o aluno a enfrentar suas dificuldades, bem como um conjunto de indiciais imagéticos que orientam o manuseio do livro de estudo. Toda programação tem um ritmo pausado no qual as palavras usadas representam sempre aspectos positivos.

Nas aulas da *Escola do Rádio*, as dificuldades são facilmente superadas pelos alunos da professora Esperança cujo próprio nome traz além dos aspectos ideológicos já discutidos anteriormente no trabalho, a representação de uma palavra que expressa conforto e segurança.

No primeiro programa, os alunos ouvem palavras que estimulam sua participação e afirmam as conquistas de aprendizagem que irão ser realizadas por cada um durante os cinco meses de funcionamento da *Escola do Rádio*.

Olá pessoal! É uma alegria enorme saber que você está nos ouvindo nesse momento. Tenho certeza que logo você vai perceber que esse é um programa de rádio diferente e interessante, que pode mudar a sua vida. Nós estamos aqui junto com você para descobrir um novo mundo; essa descoberta vai acontecer em nossos encontros na *Escola do Rádio*. A partir desse momento, você passa a ser aluno ou aluna da *Escola do Rádio*. Então acompanhe todos os 42 programas que serão passados pelo rádio e também participe das aulas que serão dadas pelo um professor ou professora aí na sua comunidade. Cada programa será repetido várias vezes no mesmo dia. Você deverá saber qual a hora que os programas serão transmitidos. O curso terá a duração de cinco meses... Saiba que você não estará sozinho nessa caminhada. Você contará com a ajuda do seu amigo ou amiga de fé (...) Você poderá contar também com a professora *ESPERANÇA* e com os outros alunos que, como você, querem aprender a ler e escrever (...).

Esses aspectos da programação e utilização das palavras na composição dos programas radiofônicos da *Escola do Rádio* vão caracterizar um ritmo cujo tempo de organização das falas não representam a linguagem comumente utilizada pelo rádio, que expressa uma dinâmica do movimento da fala mais semelhante ao cotidiano dos sujeitos.

As relações entre ritmo e tempo na formulação desses programas radiofônicos, revelam nos depoimentos dos alunos e monitores, elementos de análise diferenciados referentes à constituição das apropriações do conhecimento acerca da leitura e escrita. Quando questionado sobre a forma que estudava pelo rádio, um dos alunos entrevistado respondeu:

As vezes eu tinha sono e me perdia na escuta. Aí eu tinha que prestar bem atenção. Eu prestava [...] eu ficava sozinho ouvindo aquelas palavras bonitas do rádio, que explicava tudinho. Mas aí tinha vez que dava vontade de ouvir outra coisa [...] porque era um pouco parado [...] aí a professora parava e eu não ouvia direito. Aí eu não aprendia porque não dava tempo de fazer o dever que ela mandava fazer. (Depoimento de um aluno do presídio, que nunca havia freqüentado a escola).

O depoimento acima revela uma relação paradoxal entre o ensino e a aprendizagem do conteúdo nos materiais didáticos estabelecida pelo ritmo proposto na formulação da linguagem radiofônica dos programas, que não corresponde ao ritmo representado nos atuais programas radiofônicos, bem como sua relação com o tempo de execução das atividades, organizado por uma concepção universalizada das apropriações do conhecimento pelos indivíduos.

Essas relações também são identificadas no depoimento de uma aluna de trinta e sete anos que havia deixado de estudar há mais ou menos vinte anos e ainda não estava alfabetizada.

Era difícil fazer o dever. Quando a minha menina tinha paciência, ela me ajudava. Mas eu não ouvia direito não os programas do rádio, eu cansava de ouvir. Eu não faltava às aulas da professora Márcia que era no sábado. Aí lá eu aprendi a fazer o meu nome, foi só o que eu aprendi [...] ficava ligeiro para fazer o que a gente tem de escrever. A menina às vezes não queria ouvir no rádio. Eu entendia só quando estava falando, quando eu ia escrever esquecia [...].

Além dos aspectos relacionados ao ritmo da linguagem radiofônica e o tempo de execução das atividades, o depoimento acima indica um outro elemento importante referente à utilização do material didático pelos alunos, a mediação do amigo de fé nos momentos, à distância do curso. Esse fato sugere que a utilização desses materiais pressupunha a presença de uma pessoa alfabetizada para ajudar o aluno, não apenas na realização das atividades do livro de estudo, mas na compreensão das aulas radiofônicas.

Esse aspecto referente à utilização do material didático pelo aluno ainda pode ser identificado no depoimento da monitora Márcia Amaral, quando pontua a

dificuldade que os alunos tinham inclusive de se adaptar às repetições dos programas propostas pela Escola do Rádio, para fixação dos conteúdos.

[...] então eles chegavam na sala de aula e a gente perguntava: o que foi dado? Eles olhavam assim e diziam: sabe que eu não me lembro mais. A gente sentia que era necessário começar tudo de novo [...] a repetição da seqüência dos programas, sempre a mesma forma [...] as aulas eram repetidas várias vezes [...] ninguém agüentava mais e chegou um momento que ninguém ouvia mais o rádio e quando chegava nas aulas presenciais queriam que a gente desse conta deles realmente aprender a ler e escrever. [...] e aí a gente também percebia que o amigo de fé não funcionou como o programa queria. Muitos alunos, principalmente as alunas que tinham como amigo de fé seus filhos. Crianças que faziam a quarta série. Eles acabavam fazendo as atividades das mães. Os alunos confessavam que não conseguiam fazer e para não errar o amigo de fé resolvia as atividades para eles [...].

Nesse emaranhado de contradições que o entrecruzamento dos depoimentos acima possibilitou identificar, a percepção da organização dos materiais didáticos vai tomando forma e indicando a presença das categorias de análise ordem, tempo e espaço na constituição das temáticas que mediam a seqüência dos conteúdos e instituem no conjunto dos programas um contexto de apropriação.

A relação entre esse contexto de apropriação e as práticas culturais na cidade de Guarabira viabiliza a interrelação entre o conceito de apropriação em Chartier (1977) e a produção de interpretações e sentidos como elemento necessário à formulação do conhecimento na alfabetização de jovens e adultos na perspectiva da produção de cultura propagada por Freire (1997).

O contexto das apropriações acerca da leitura e escrita sugeridas pelo material didático da *Escola do Rádio* traz temáticas diversificadas que contemplam

o ato de conhecer a partir de situações simuladas, nas quais as práticas culturais estão representadas a partir de uma imagem estereotipada de caráter universal registrada no material impresso.

No programa de nº 27, intitulado *Festas*, é possível identificar essas representações nos registros das atividades do Livro de Estudo II.

[...] o tema é festa, as figuras que você está vendo representa algum tipo de festa. Durante o ano costumamos comemorar vários tipos de festas como: festas religiosas, sociais, populares e do calendário cívico. Algumas dessas festas são muito conhecidas. Quem é que não gosta de festa não é mesmo? – Eu gosto, professora. [...] Falando em festas religiosas quais são as que mais me lembramos. – Eu sei professora é a festa de Natal, a páscoa e a festa junina. **Profª Esperança** – Muito bem. Na festa de Natal comemoramos o nascimento de Cristo e na festa da páscoa festejamos sua ressurreição, nas festas juninas comemoramos o dia de São João, São Pedro, Santo Antônio e São Massau, – Votes! São Massau eu não sabia entra música. Parabéns, Parabéns pra você. **Profª Esperança** As festas sociais são motivos para reunirmos os amigos e os parentes. Quem é que poderia me dizer o nome de uma festa social ? – Vige professora! Festa que junta a família e os amigos é festa de aniversário, casamento, batizado e também de formatura. Nessas festas a gente come e se diverte muito – **Outro aluno**. Francisco a gente se diverti muito é no forrozão meu filho. (risos) **Profª Esperança** É verdade Nazaré. E quem não gosta de um pé de serra? Muito bem, mas tem outras festas que são comemoradas por um grande número de pessoas. São chamadas festas populares. **Outro aluno** – Professora, eu sei qual é essa festa. É a do carnaval. Vem gente de todo lugar para dançar o carnaval (trecho da aula radiofônica do programa nº 27).

Na aula radiofônica, o tema vai sendo trabalhado através de um conjunto de informações propostas nos diálogos entre os alunos e a professora Esperança, que não são caracterizados pela reflexão das informações, mas pela participação de cada aluno e a retomada de suas falas pela professora, que reforça a informação realizando posteriormente uma explanação sobre o assunto.

[...] É verdade, Antônia. O carnaval é uma festa popular realizada em todo Brasil. Acontece em fevereiro ou em março. Mas há também o carnaval fora de época que acontece muito aqui no Nordeste. Ainda temos outras festas populares que são realizadas nas grandes e pequenas cidades e lembram a história dos povos que contribuíram muito com a nossa cultura. Essas festas são conhecidas como festas juninas. (música de típica de quadrilha) – ah, professora, eu gosto muito das festas juninas. Na época dessas festas tem muita comida gostosa, foguetes e muitas danças. Eu conheço é a dança do côco de roda. **Outro aluno** ah, professora, eu gosto mesmo é de ver a dança da ciranda e da quadrilha. [...] **Profª Esperança** pelo visto vocês gostam mesmo é das festas juninas. Bom, as festas juninas são comemoradas em todo o Brasil no mês de junho. Ainda temos também as festas cívicas [...] (trecho da aula do programa nº 27).

O campo semântico de análise da palavra *festa* que constitui nesse programa o “tema gerador”, não institui uma reflexão sobre a festa como uma produção cultural, cuja origem de sua organização está nas representações que são construídas historicamente ou instituídas pelas relações de poder e consumo que caracterizam hoje a constituição dos processos de aculturação.

Nesse sentido, a palavra *popular* que seria uma das palavras geradas pelo tema, aparece no conjunto da aula, como um adjetivo da palavra festa, instituindo uma de suas tipologias. A relação entre o substantivo festa e o adjetivo popular no decorrer da aula vai gerar, na realidade, uma proposição equivocada tanto do sentido das constituições das festas populares, como do sentido de cultura que seria uma outra palavra geradora na discussão do tema.

Cito como exemplo dessas proposições na constituição desse programa, a instituição do carnaval fora de época como sinônimo de festa popular relacionada as manifestações carnavalescas. O carnaval é uma festa profana que tem sua origem na configuração dos festejos religiosos da Igreja Católica.

O fato dessa festa popular acontecer entre o mês de fevereiro ou março está relacionado aos dias que iniciarão a quaresma, representação para esta instituição religiosa dos momentos que antecedem a celebração da ressurreição de Cristo. O carnaval fora de época não é uma representação da tradição popular, é uma instituição lucrativa administrada por agências de propagandas e outras empresas, hoje relacionada, a uma vertente do turismo no Brasil.

Foi possível perceber que a ordem de organização dos conteúdos desse programa tem como base de sua estrutura a aquisição dos conhecimentos acerca da língua, caracterizando o tema *Festas* como o elemento propiciador da leitura e escrita de palavras, bem como da compreensão do mecanismo de funcionamento e registro do calendário.

 *VER*  *LER* **1**

Veja os tipos de festas e leia as palavras.

-  **Festa junina**
-  **Festa de carnaval**
-  **Festa de casamento**
-  **Festa de aniversário**
-  **Festa de Natal**
-  **Festa da Páscoa**

Nesse sentido, o tema não tem a função de mediar a construção de um diálogo que propicie a formulação de idéias e conceitos acerca da produção cultural da leitura e escrita, mas torna-se um elemento de contextualização simulada para atender a realização das atividades propostas no livro de estudo.



The activity card is titled '2' in a red circle. It features two icons at the top: an eye labeled 'VER' and a hand holding a string labeled 'LIGAR'. Below the icons, the instruction reads: 'Veja as figuras. Depois, ligue essas figuras às palavras correspondentes.' The card is divided into three sections, each with a set of images on the left and a label on the right:

- 1. Festa junina**: Images include a yellow and blue star, a pair of colorful masquerade masks, and a small wooden structure with a roof.
- 2. Festa de carnaval**: Images include a person in a black and blue costume, a plate of food, and a person in a red and white striped shirt.
- 3. Festa de Natal**: Images include a person in a red and white striped shirt, a person in a brown costume, and a plate of food.

Ligar, recortar, colar, ver, ler, escrever, indicadores que instituem no material didático da Escola do Rádio as ações do aluno encaminhando a feitura das atividades. Esses indicadores imagéticos caracterizam a permanência das categorias ordem, tempo e espaço na organização do conteúdo programático desse curso de alfabetização à distância, que por meio de duzentas e dez aulas

constituídas pelas cinco vezes em que cada programa ia ao ar, abordou quarenta e dois temas.

O discurso da conquista, da perseverança, da força de vontade na constituição do ensino e da aprendizagem foi caracterizando a narrativa na Escola do Rádio. Os alunos Nazaré, Raimundo, Francisco e Antônia, durante o período de curso iam apresentando gradativamente seus avanços com relação à leitura e escrita. Todos tinham um amigo de fé para ajudá-los nas atividades do quadro *Fazendo Sozinho* e assistiam aulas diárias com a professora Esperança, que pacientemente ajudou, colaborou, viabilizando a consolidação do processo de alfabetização de cada um.

Em nenhum momento esses alunos faltaram à aula, nem apresentaram fadiga ou problemas para compreender os enunciados das atividades propostas. A ordem de aprendizado em um tempo preciso possibilitou que esses alunos chegassem no último programa apresentando suas produções e profundos agradecimentos por estarem naquele momento podendo exercer inclusive o ato de existir. Esses aspectos são descritos na aula radiofônica abaixo.

Profª Esperança Muito bem! Você já sabe que o tema do programa de hoje é: *É preciso continuar*. Vamos falar da importância de continuar na busca da realização dos nossos sonhos. Vamos ainda aprender a ler e escrever nossos textos. [...] a figura que você está vendo é de um homem e uma mulher que parecem estar pulando de alegria [...] **Aluno** Olhe professora faz tempo que eu tenho um sonho. Cheguei até a pensar que não ia realizar, mas já estou conseguindo: é saber escrever e também ler nos livros, revistas e tudo que tiver coisa escrita [...] agora eu já consigo ler muitas coisas e isso me dá uma alegria danada [...] Ao chegarmos ao último programa desse curso de alfabetização, você deve ter concluído: essa é minha vez! E essa é a sua vez de dizer às pessoas que você existe e pode participar e contribuir com a construção de um mundo melhor, mais humano e mais justo. Siga em frente e felicidades! (os alunos agradecem com palmas) (fragmentos do último programa).

O que está revelado no último programa radiofônico é mais uma simulação de um cotidiano ideal, do qual os monitores que entrevistei não conseguiram compartilhar. Quando questionados sobre a conclusão do curso, esses monitores expressaram além de algumas angústias, a dinâmica de trabalho que adotaram para atender os alunos que não tinham amigo de fé, não conseguiam acompanhar os programas e se sentiam inferiores aos alunos da professora Esperança que conquistaram com muita desenvoltura os conhecimentos necessários para serem considerados alfabetizados.

[...] chegou um momento que eles só entendiam vire a página. Se sentiam bobos por não conseguirem fazer as atividades e os alunos da professora Esperança conseguir. Eu fiquei tão doída que cheguei a ficar com raiva daquela professora que tudo podia, vê se pode? Era uma atriz que fazia o programa. Estava todo dia com os alunos no rádio. Estava com os alunos da escola aqui, mas, não era como eu. Eu só via essas criaturas uma vez na semana. Não tinha o amigo de fé. Às vezes eu era a amiga de fé porque eles iam na minha casa para eu ver as atividades [...] (Depoimento da professora Márcia Amaral).

No depoimento da professora Elizângela, que lecionou na comunidade de Pirpirituba, zona rural, é possível perceber que os alunos que tinham um conhecimento mais sistematizado sobre a leitura e escrita foram os que avançaram, pois conseguiram acompanhar as aulas sem precisar da ajuda do amigo de fé.

Foi muito difícil. Eu não conseguia recapitular as aulas da semana. As aulas do rádio. Eu fui então fazendo outras coisas com os alunos que não conseguiam fazer as atividades do rádio. Os alunos que sabiam ler um pouquinho faziam sem problema. Reclamavam que era rápido, mas as aulas repetiam e dava certo. Eu tive aluno que só saiu escrevendo o nome e conhecendo as letras. [...] eu não usei os dois livros não, foi ficando muito difícil as atividades, de uma aula para outra [...] eu só sei que o livro dois eu não usei. Mas teve gente que saiu lendo. [...] Assim porque já sabia um pouquinho (depoimento da professora Elizângela).

A análise realizada, levou-me a refletir, que as configurações do ato de aprender a ler e escrever instituídas no material didático da *Escola do Rádio* perpassam por uma gradação do tempo de aprendizagem que pressupõe que as práticas de leitura e escrita são vivenciadas pelos indivíduos em sociedade de uma forma homogênea, em que as singularidades são caracterizadas por um contexto regional que não diz das comunidades e suas produções culturais.

Esse não dito fragmenta o material didático instituindo a ele um papel sócio-instrucional, que não revela os desejos e necessidades de aprendizagem dos sujeitos que deles farão uso.

NOTAS CONCLUSIVAS

O velho não morreu e o novo não
pode nascer.

(Gramsci. 1977)

O curso da investigação dos materiais didáticos do *Programa Escola do Rádio* me fez perceber a relevância que o sentido do material didático tem para a constituição das práticas educativas direcionadas a educação de pessoas jovens e adultas.

A relevância da construção desse sentido passa pela compreensão do papel social que exerce esses materiais na formação dos indivíduos que os utilizam, na perspectiva da mediação da apropriação e produção de cultura.

A compreensão de relação entre a apropriação e a produção de cultura faz do material didático um produto das relações humanas e, assim sendo, constituído pelo princípio epistemológico que busca no sujeito e nas suas práticas culturais cotidianas o sentido para sua formulação.

Na constituição da proposta pedagógica do Programa Escola do Rádio, a narrativa discorre sobre os seus materiais didáticos como produto de um processo de regionalização, no qual a significação é o elemento propulsor das palavras e dos textos que mediarão o ensino da leitura e escrita a partir dos aspectos culturais da região na qual ele estaria sendo utilizado.

O exame paciente desse material didático não me revelou essa significação, mas uma organização cuja preocupação estava na ordem de

disposição dos conteúdos que deveriam obedecer a um tempo de apropriação do conhecimento a partir de temáticas que não traduzem os sujeitos que dele fariam uso na sua relação com o lugar.

Essa relação traduzida através das práticas culturais que caracterizam e identificam os indivíduos em sociedade está, na produção do material didático da Escola do Rádio, representado por um sentido restrito de regionalismo que propaga palavras que não revelam um processo gerador de problematizações no qual esses indivíduo possam se reconhecer enquanto produtores de cultura.

O material didático da Escola do Rádio revela a presença de formas arcaicas (GRAMSCI,1977) de representação do analfabeto e da aprendizagem da leitura e escrita, revestidas pelo discurso do avanço tecnológico e dos pressupostos teóricos e metodológicos que historicamente foram constituindo os referenciais para a educação de jovens e adultos.

Essas formas arcaicas revelam a impossibilidade do surgimento do novo e traduzem as permanências e continuidades de um processo formativo para alfabetização de pessoas jovens e adultas reproduzindo concepções educativas que desconhecem a historicidade das pessoas que habitam um lugar.

O discurso balizado na justificativa de um método inovador a ser utilizado como política de erradicação do analfabetismo de pessoas jovens e adultas instituído pelo Programa Escola do Rádio encontra no seu material didático a negação do processo histórico que caracteriza a formulação de materiais didáticos com base nas práticas culturais do lugar nas quais estão envolvidos os sujeitos aos quais esses materiais se destinam.

Sua forma de organização revela a instituição de uma ordem de conteúdos, formalizada pela concepção de um processo de alfabetização cujo princípio de apropriação da leitura e escrita está representado pela fragmentação da palavra em detrimento do uso social do conhecimento acerca da língua que antecede a sistematização do ensino escolar.

Essa ordem é traduzida por um tempo de aprendizagem universal, no qual os indivíduos independentes de suas práticas culturais terão que se apropriar dos mecanismos da língua escrita e utiliza-los em contextos diversificados. Ordem, tempo e espaço ainda figuram no material didático da Escola do Rádio como elementos de um processo instrucional, no qual a informação sobrepõe o ato de reflexão.

O sentido de instrução implícito na organização desse material o institui como recurso pedagógico que em si mesmo pode mediar o processo de ensino e aprendizagem, independente das condições concretas nas quais o processo educativo proposto está configurado.

Dessa forma, foi possível identificar na proposta pedagógica que, ao estabelecer a relação entre o livro de Estudo e as aulas radiofônicas, o aluno da Escola do Rádio estaria apto a desenvolver as atividades de leitura e escrita. O material didático seria o instrumento de consolidação da proposta, materializando a ação do professor, através da professora Esperança, bem como o avanço da aprendizagem do aluno na organização da seqüência de atividades a serem realizadas no cotidiano das aulas radiofônicas.

Ao concluir a análise, o entrecruzamento das fontes possibilitou-me perceber que o discurso instituído pelo Programa deflagrou o material didático

como o elemento que bastava ao processo de ensino e aprendizagem. Porém as condições objetivas e subjetivas que envolvem o processo de alfabetização das pessoas jovens e adultas; e o contexto da educação à distância, demonstram que ele é apenas mais um instrumento na constituição dessa atividade humana.

Essas percepções apontam para uma reflexão em torno da formação do professor, que se revelou nesse contexto formativo como um dos elementos relevantes na utilização do material didático pelos sujeitos que participaram do Programa na cidade de Guarabira. Ao evidenciar o material didático como algo que bastava em si mesmo veiculando a figura do professor presencial ao mediador dos exercícios de reforço uma vez por semana, a Escola do Rádio desconsiderou a complexidade que envolve a apropriação da leitura e escrita e conseqüentemente as nuances que fazem dos sujeitos alfabetizados usuários da língua.

Quando reflito sobre o que foi exposto e analisado na pesquisa acerca da formulação dos materiais didáticos do Programa Escola do Rádio, a narrativa que constitui sua proposta pedagógica e os depoimentos das testemunhas, reporto-me a um fragmento dito por Graciliano Ramos. (2004)

Deve-se escrever da mesma forma como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam anil, ensaboam a torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na lage ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi dita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.

Conhecer os mecanismos da língua é o caminho para leitura e escrita da palavra. Se fazer entender quando escrever é o desejo do produtor. A palavra não é mágica, não nasce de uma alusão que se faça a seu uso, nasce do conjunto de significados que dotamos a ela. O processo de alfabetização é o marco inicial de sistematização para compreensão do mecanismo de produção da escrita. Seu percurso é instituído pelo repertório de leitura construído culturalmente pelos indivíduos.

O material didático deve dizer desse processo, não pode brilhar como ouro falso instituindo fragmentos que não revelam o sentido do conhecimento nem o sujeito de linguagem, objeto da alfabetização.

Nesse sentido, volto à pergunta que me conduziu a realização dessa pesquisa: os materiais didáticos da Escola do Rádio para alfabetizar jovens e adultos ao sugerir a apropriação da leitura e escrita considerou as práticas culturais do lugar em que vivem esses sujeitos?

Depois de percorrer vários caminhos investigando o objeto, percebo o material didático da *Escola do Rádio* como uma produção alheia aos sujeitos que deles fariam uso. Penso que se trata de uma proposta para atender a uma demanda representada pelos percentuais de analfabetismo que ainda não falam dos motivos que o instituem.

A narrativa produzida em torno de sua proposta pedagógica revela que na materialização de sua prática educativa o Programa Escola do Rádio representa a não apropriação do sentido do material didático no processo de alfabetização, propagado pelas teorias educacionais que o fundamentam.

Nesse sentido, o movimento das lavadeiras de Alagoas descrito por Graciliano Ramos me leva ao primeiro questionamento dessa conclusão: de que forma os movimentos dos romeiros, dos cordelistas, dos ouvintes das quatro estações de rádio de Guarabira poderiam estar em um material didático que não foi pensado para atender as necessidades dos sujeitos alfabetizando da Rainha do Brejo?

O universo das práticas culturais nas quais se constitui o cotidiano do lugar emerge como um movimento já pensado em outros momentos da história na produção do material didático, mas ainda não produziu uma ação efetiva em torno dessas práticas como princípio organizador da institucionalidade das políticas públicas de alfabetismo de pessoas jovens e adultas no Brasil.

O sentido das práticas culturais na organização dessas políticas e a relação com a produção do material didático me conduzem no término desse trabalho ao seguinte questionamento: De que forma os materiais didáticos direcionados a alfabetização de pessoas jovens e adultas podem atender as especificidades dos sujeitos na relação com suas práticas culturais e proporcionar a democratização da cultura através da apropriação da leitura e escrita como uso social do conhecimento?

A referida pergunta leva-me a refletir sobre o processo de gestão do conhecimento como uma configuração da produção cultural dos indivíduos em seus diversificados contextos formativos. Essa gestão envolve a própria natureza da educação e, na especificidade da alfabetização de pessoas jovens e adultas, revela-se como algo que já vem sendo vivenciado informalmente pelos sujeitos como característica básica do uso das multiplicidades de linguagem nas quais estão envolvidos culturalmente.